



RB169,709



*Presented to the*  
LIBRARY *of the*  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton







SONS QUE PASSAM

---

Porto—Typ. de A. J. da Silva Teixeira  
70, *Rua da Cancellia Velha*, 70

---

THOMAZ RIBEIRO

---

# SONS QUE PASSAM

---

QUARTA EDIÇÃO



PORTO

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

1884

Ó doloridos sons da minha lyra,  
vibrae! passae!

sois o triste sorrir de quem suspira,  
o fugaz suspirar de quem delira:  
de vós o mais alegre é quasi um ai!...  
Ó doloridos sons, passae! passae!

# Á IMPRENSA

COMO PROVA DE INDELEVEL RECONHECIMENTO

*Offerece*

*Ernesto Chardron.*





## À IMPRENSA



DEDICANDO á Imprensa esta nova edição dos SONS QUE PASSAM, creio não poder escolher melhor occasião para mostrar quanto lhe sou grato pelos favores que me tem sempre dispensado.

Effectivamente não é vulgar entre nós a *quarta edição* de um livro de versos; é verdade que é firmado pelo laureado nome de Thomaz Ribeiro...

Pensei mesmo em mudar-lhe o titulo para SONS QUE NÃO PASSAM, que seria mais verdadei-

ro, mas devo respeitar a modestia do seu auctor.

À Imprensa, pois, dedico este livro, não como paga da valiosa coadjuvação que me tem sempre dispensado, e da qual nunca me esquecerei, mas como uma lembrança amigavel a todos os membros da respeitabilissima corporação.

Porto — Julho — 1884.

*Ernesto Chardron.*







---

## PROLOGOS

DA PRIMEIRA EDIÇÃO



QUEM habitualmente vive nos campos conhece e aprecia os — SONS QUE PASSAM — vozes que se cruzam nos ares, que se repercutem nos echos, e vão perder-se na distancia; sons que se vão acordando e crescendo á proporção que diminue o côro-borborinho da humanidade; harmonias que não cabem na arte e se perdem na natureza; cantos que só teem afinação no theatro modelado pela acustica do infinito. É a catadupa do rio, na sua queda monotona e plangente; é a flauta do pastor entre os balidos do armento; é a cantiga do barqueiro levado a sabor da corrente sobre a tremula esteira do luar; é a canção de gloria que o solda-

do e a vivandeira vão cantando na estrada; é o prolongado côro dos camponezes que voltam do trabalho; é os fragmentos de risos e harmonias festivas que fogem do palacio illuminado; é a conversa das aves nos choupaes; o lamento das saudades; o murmurio da prece... e todo este concerto vago, incompleto, indefinivel, mas saudoso e attrahente, a balouçar-se nas morbidas lufadas da aragem, perfumados coxins, em que *passam* as harmonias da natureza.

SONS QUE PASSAM tambem são os cantos ephemericos do poeta; monologos da sua phantasia que são ordinariamente dialogos com o seu coração, e que se n'outro coração acharam echo, expiaram coroados pela maxima gloria a que podiam aspirar.

Parada de Gonta, 30 d'agosto de 1867.

---

#### DA SEGUNDA EDIÇÃO

São passados perto de cinco annos desde que se publicaram estes versos que em boa consciencia denominei — SONS QUE PASSAM. Leio-os agora que se lhes prepara segunda edição e admiro-me de que vivam ainda, tão singelinhos são pela maior parte. Comtudo foi-me aprazivel a sua leitura. Voltei por momentos ao meu passado e senti verdadeiras saudades ao ler algumas d'essas mais singelas composições que ha muito nem recordava.

Entre os reparos que fiz avulta o do espirito religioso que preside a grande parte d'esses can-

tos. N'isso parece este livro datar de cinco seculos em vez de cinco annos; que certas idéas e certas crenças envelhecem agora *à toute la vitesse*, como diria um engenheiro francez.

Pois a questão religiosa prendeu fatalmente todas as questões sociaes que agitam a humanidade. O mundo tem perdido as suas crenças piedosas; não se illudam os povos nem os governos. Os povos catholicos, principalmente, vão cahindo, uns n'uma indifferença, outros n'uma reacção temerosa. Quem menos sabe isto é o Papa, justamente por ser o primeiro que o devia saber. E lucte embora quem lutar para retemperar e robustecer a fé; o seu trabalho será esteril. A fé é como a virgindade, uma vez perdida não se rime.

Pois se ha espectaculo que contriste, preocupe e aterre é vêr a humanidade a despenhar-se por abysmos infinitos, á luz crepuscular d'uma philosophia sceptica e esterilisadora e contorcendo-se e blasphemando como os anjos cahidos de Milton.

A razão! só a razão! que é fraca e fria e pouco alumiada! e o sentimento annullado e a aspiração, as ambições, as saudades indefiniveis, a admiração das maravilhas sem conto, as melancolias que prendem longe, em paizes ignotos e luminosos, e o espectaculo da morte do crente, que parte a sorrir, entrevendo o céo, que diz aos seus filhos, a seu pae, aos seus amigos—até breve—em quanto o descrente nem sequer tem por ora uma palavra com que se despeça, porque—adeus—não póde elle proferir! Tudo isto nada! nada! Vêr que a philosophia com o seu rir de satanaz quebra todos estes elementos de repouso e passa com os seus sapatos de ferro por sobre os mortificados corações da humanidade, eis o

que faz retrahir o poeta como se retrae a sensitiva ao suspeito contacto do viajante.

É d'aqui principalmente, que nasce o mal-estar da humanidade; d'aqui as revoltas quotidianas, as ameaças constantes á vida, á propriedade, ás instituições; d'aqui o entreverem os mais apprehensivos, pelas fendas que vai abrindo e alargando o terremoto politico, a tenebrosa superficie do cahos.

O — mal-estar — não é tanto politico como é moral. Faltando ao individuo um Deus em que se ampare, a quem confie as suas magoas, de quem espere, e até contra quem blaspheme nas horas do seu delirio, faltando-lhe a eternidade, complemento da vida e realisação d'aspirações, olha-se, acha-se miserrimo, só, ephemero. Entristece-se, desvaira e procura em quem se vingue da esterilisação da sua alma, da annullação dos seus sentimentos. Na cegueira da sua injustiça feroz vê diante de si o que mais avulta: os poderes publicos; espuma, troveja, contorce-se e cae sobre elles que só desejam fazer-lhe bem. Assim o doente se revolta contra o enfermeiro nas ancias do seu padecimento; assim cada um de nós tem dito uma má palavra ou feito um arremesso á pessoa que se desvela por nos ser agradavel, ao cão que nos lambe os pés; e temos até cevado o nosso mau humor no objecto insensivel que mais nos fica á mão.

Oh! e como é desculpavel este supremo desgosto, sendo a vida um inferno que só se acaba na morte! Saber-se que se morre e morrer-se na convicção de que tudo acaba alli!

Chegando a esta miseria, a humanidade tem direito de crear um creador para blasphemar contra elle.

A culpa... é preciso dizer tudo a todos sem medo de impopularidades: remedio, é o amargo da verdade, veneno, o mel da lisonjaria; a culpa d'este estado deve-se principalmente ás imprevidencias dos infalliveis, que improvisam ceremonias e complicam ritos quando é preciso simplificar o culto; que arvoram dogmas em barricadas e carregam obuzes com bullas, quando é preciso que a divina verdade se humanise e que o sacrario não cheire á polvora das vinganças, mas sim á pureza das hostias.

Desde que as religiões se transformam em seitas e facções descem a uma arena onde nem sequer podem obter as honras de belligerantes: os seus adversarios politicos tratam com incontestavel direito de minar os alicerces á instituição adversa e chega-se á negação de Deus por um caminho tristemente logico.

Primeiro espanta-se o proprio argumentador da sua conclusão, depois acalenta-a ao calor do seu orgulho e acaba por convertel-a em convicção. Tornada seita, proclamada escóla, a que primeiro se mostrára utopia, labora, cresce, lavra, lavra, insinua-se e domina.

O resultado é este: a melancolia do desespero, a propagação de todas as doutrinas dissolventes, cujos apostolos já vistos á luz sinistra dos espingardeamentos e incendios de Paris e d'Alcoy, fallam em liberdade pela mesma razão porque os neos dos tratos, das fogueiras inquisitoriaes e das forcas fallam em Deus: — por conveniencia.

Não se lucha para edificar, lucha-se para destruir, lucha-se para morrer. Vesti-vos d'amarello, batalhadores sem esperanza! como os regipús e os marathas, ao firmarem o pacto da morte, com

as mãos no sangue das suas mulheres, das suas crianças e dos seus velhos.

Não sei para onde vamos e ninguém o sabe. Os ultramontanos accenderam Deus tanto e tanto que nos iam cegando; que fizeram os cismontanos? — apagaram-no.

Os philosophos, alchimistas de nova especie, mettem nas suas retortas todos os acontecimentos deploraveis e fazem o ouro das venturas. A sociedade lá ganhou saude immensa com a sangria que soffreu na queda.

Será verdade? Mas passaram seculos nas trevas e as sociedades tiveram de começar de novo; e as injustiças nunca se repararam, e os crimes nunca se castigaram, e o que se perdeu não se achou.

Mentis, philosophos da historia, e damnaes a sociedade com as vossas absolvições e santificações.

.....  
A proposito de versos religiosos fallei de politica. É que a politica absorve tudo e corre-nos obrigação de não fugir d'ella, visto que n'ella e só n'ella se empenha a grande lucta.

Deixemos lá correr os pobres versos que sendo d'um liberal e d'um progressista que tem a convicção d'estar com os mais adiantados, ainda fallam em Deus! Isto em

Agosto de 1873.



## DA TERCEIRA EDIÇÃO

Ainda não *passaram* de todo estes *sons*, destinados pelo author, no proprio nome que lhes dera, á immolesta e curiosa existencia dos ephemerros.

Estes *sons* vão-se reproduzindo, em echos successivos, mesmo através de malsinações e esconjuros (segundo me dizem, que eu não tenho visto) d'uma chamada escóla moderna, que tem horror ás flores, aos passaros, aos amores, a Deus, aos ceus limpidos, ás aguas transparentes, ás musicas sentidas, ás saudades, ao patriotismo, á virtude, á familia, a tudo quanto é grande, bello e bom, e que só descreve as gangrenas, os vicios e os monturos em linguagem, ás vezes, de cocheira ou em calão de bairros infamados.

É pena que tanto rapaz de merito esteja inutilizando, malbaratando as suas forças vitaes n'esta crapula esqualida, n'este nihilismo litterario, que se por desventura viesse a produzir escóla devia inscrever no seu frontão: ESCÓLA DOS MAL-LOGRADOS.

Os absinthos e as zurrapas logram derrancar o gosto, mas a maior parte da gente, mesmo apesar dos encarecimentos com que lh'os recommendam os viciosos, prova, cospe, lava a bocca, e não deseja recommear.

Tanto mais que, felizmente, por dous ou tres homens de merito, que se manifestam brilhantes quando, a descuido ou por instincto, fogem do que é crasso e viscoso e infecto para o que é luminoso, perfumado e transparente, ha myriadas de bichinhos que só com microscopio se vêem formigar na maçã. Esses não tentam, repellem.

Mais uma edição d'este livro, mais um echo d'estes *sons* vem provar que a moderna escôla ainda não prevalece.

Eu entendo que o realismo é bom — *Rien n'est beau que le vrai* — mas não é só real o que é torpe; accusaram-me já de realista quando descrevi o lar de D. Martinho, indigente, no D. JAYME e, principalmente, quando escrevi a DELFINA DO MAL; accusaram-me e, o que mais é, accusaram-me de realista os mestres e educadores d'aquelles que hoje me accusam d'aquillo que melhor lhes parece. O que elles quizerem.

Para não desejar ser-lhes desagradavel basta dever-lhes o grande favor de não me haverem inscripto na matricula do seu gremio litterario.

Campo Grande, 3 d'agosto de 1880.

*Thomas Ribeiro.*





I

# CORÔA DE ESPINHOS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

## DEO GLORIA

A Ti, que és e grande bom ; a Ti, que entre caricias  
deixaste que eu crescesse ao pé de minha mãe :  
a Ti, que a tens no ceu gozando o summo bem,  
do meu trabalho, ó Deus, venho pagar primicias.



## PENA E PERDÃO

### I

Houve tempos de vida, paz e gloria,  
sem mortiferas lanças conquistada ;  
não conheciam sangue annaes da historia,  
nem fojo o tigre, nem serpente a estrada,  
nem hymnos fraticidas a victoria,  
nem a guerra trofeus de cinza e nada :  
era tudo ventura, amor e riso ;  
e havia, por morada, um paraíso.

Mas quando o homem vive e goza um dia  
sem poder desejar maior ventura,  
pede ao seio um desejo; tal, sem guia,  
quiz-se o feliz perder, ó desventura!  
quiz um eden melhor, outra harmonia,  
quiz mais alto voar... caíu da altura!  
Perdeu graça, riqueza, paz, e amores;  
restou-lhe a vida, e n'ella amargas dores.

Bom e opulento, um'hora de vaidade  
reu e pobre o levou ante o seu Deus.  
A vez primeira supplicou — piedade! —  
tremeu, córou, curvou-se aos olhos seus!  
Juiz e pae mostrou-se a Divindade:  
— « Em castigo, proscripto és já dos ceus;  
por esmola, conquista o antigo brilho;  
trabalha e viverás, meu pobre filho! » —

Assim, ao filho desleal, perdido,  
um pae, um Deus, por castigar, beijou;  
e d'orvalho subtil todo incendiado  
o rosto criminoso se inundou.  
O sceptro d'immortal caíu partido;  
e o alvião servil quando empunhou,  
pela terra infecunda, nua, fria,  
cavou o negro pão de cada dia...

## II

E o homem vive! sobre o chão curvado  
colhe o legado que o Senhor lhe deu;  
mas ai!... perdido, pela senda errada  
não acha estrada que o conduza ao ceu.

Ai do viandante que não vê caminho!  
ai do mesquinho sem a luz da fé!  
ai! que, na falta d'um amor sublime,  
triunfa o crime, do ludibrio ao pé!

Deus a esse povo que foi grande e forte  
quiz dar a morte, retirou-lhe a mão:  
um mar sem praias abysmou-lhe a ossada,  
e a morte e o nada campeou então!

E d'esses nomes, e d'aquellas plagas  
que o mar, em vagas, consumiu, sorveu,  
nem uma letra de banal prestigio!  
nem um vestigio do que ali morreu!

Não! Deus não quiz áquella raça ingloria  
nem a memoria do epitaphio dar:  
cavou-lhe a campa; jaz... se não repousa;  
deu-lhe por lousa movediça — o mar.

Dos cavos antros do sanhudo abysmo  
que o cataclysmo revolveu e abriu,  
Jehovah, da altura do seu throno augusto,  
sómente um justo resgatou, remiu !

Qual primavera que, dos ceus suspensa,  
vê campã immensa de jaspeado alvor,  
bafeja as dobras do funereo sello,  
estala o gelo, reapparece a flor,

Deus manda ; e, base d'edificio novo,  
valente um povo appareceu, brotou,  
levando a vida ás escarpadas plagas  
que o mar, em vagas, solidões tornou.

De novo o homem, sobre o chão curvado,  
colhe o legado que o Senhor lhe deu :  
e, desgarrado, pela senda errada  
não acha estrada que o conduza ao ceu...

### III

Mas eis que chega a hora  
do assignalado termo !  
Nas trevas e no ermo  
sorri a flor e a aurora !



Ignotas harmonias,  
tremores jubilosos,  
versos mysteriosos  
na harpa das profecias,

presagios de venturas  
á triste humanidade  
na serra e na cidade,  
no abysmo e nas alturas,

dizem que é vindo o Eterno,  
reparador d'estragos ;  
dizem-n'o a estrella e os Magos,  
e o rebramar do inferno.

Depois, o eco se calou dos jubilos,  
e o cantico de *Hosanna* emmudeceu ;  
após a lida, á hora do crepusculo,  
o Semeador divino adormeceu !

Uma cruz solitaria sobre o Golgotha  
ao mundo conta onde morreu Jesus ;  
e fulgente, vivaz, divina auréola  
flammeja eternamente sobre a cruz.

E exulta o homem ! sobre o chão curvado  
colhe o legado que o Senhor lhe deu ;  
e a cruz de Christo, no Calvario erguida,  
mostra a avenida que o conduz ao ceu...

## IV

Como é bella a natureza !  
o orvalho accende a deveza  
do sol ao vivo clarão ;  
myrtos, cardumes de rosas  
purpureas, frescas, viçosas  
vestem as rugas do chão !  
tendo a prumo o sol adusto,  
lida o paisano robusto  
colhendo a vida e o perdão !

Das aves casando ao canto  
orações, e riso, e pranto,  
chora e canta o camponez,  
nas luctas d'uma anciedade  
d'indefinida saudade...  
do paraíso, talvez !...  
São carmes d'um resignado,  
saudades d'um desterrado !  
Vinde escutal-o outra vez :

## V

— « Senhor, se n'este caminho,  
que do nada ao ceu conduz,  
dispensas tanto carinho,  
tanto aroma, tanta luz,

o castigo do meu êrro  
não foi de juiz, não é!  
que eu acho n'este desterro  
caridade, esp'rança, e fé!

Como a planta ao chão se aferra,  
tal um poder infinito  
nos prende e encadeia á terra  
como um grilhão de precito!

Mas se a planta aos ceus envia  
perfumes do seu abril,  
e se o pó da flor d'um dia  
vôa aos espaços d'anil,

nós temos o amor bemdito!  
e, quando se acaba a dor,  
noss'alma sobe ao infinito...  
mais alto que o pó da flor!

Meus filhos, por minha morte,  
sem o paterno carinho,  
ficaes no mundo sem norte,  
quasi sem patria e sem ninho!

Ai, meus filhos, meus encantos!  
muito custa ao coração  
quebrar os laços mais santos  
que no desterro nos dão !...

Só vos deixa dois legados  
bem santos, que vem de Deus :  
*Paciencia*, desterrados!  
*Resignação*, filhos meus !

Sabeis qual seja a ventura  
do homem que padece tanto ?  
— Um sorriso sem loucura  
d'uma tristeza sem pranto ! » —

## VI

Tal canta o pobre ! e, sobre o chão curvado,  
colhe o legado que o Senhor lhe deu ;  
e a cruz adora sobranceira erguida  
como a avenida que o conduz ao ceu !

## CONSUMMATUM EST!

Filhos de Christo, consummou-se agora  
o horrendo crime d'Israel, na cruz.  
Trémula se abre a terra; o sol descora;  
a Igreja chora, — que morreu Jesus!

Levanta o soterrado a lousa dura;  
do Templo augusto se espedaça o veu:  
noite completa negrejou na altura!  
densa negrura nos esconde o ceu!

Cumpriram-se as profecias !  
Entre affrontas e agonias  
trôa da morte o pregão !  
Compungida a natureza  
veste os crepes da tristeza,  
pára d'assombro o Jordão !  
Rei, pobre, escravo, pranteia !  
lava-te em prantos, Judeia !  
chora, perdida Sião !

Quem deu luz a vossos olhos  
por que visseis os escolhos  
da vida, olhae... já não vê...  
Quem deu agua á rocha dura,  
sustento á raça perjura  
que sempre, sempre descrê,  
morreu no Calvario exangue,  
para vos lavar com sangue  
as nodoas da vossa fé !

Nem o canto d'Isaias,  
nem a dor de Jeremias  
te lembrou, Jerusalem !  
nem foste pedir conselho  
ás aguas do Mar-Vermelho,  
nem ás ruas de Salem,  
nem ás torpes Madianitas,  
nem aos falsos Gabaonitas,  
nem ao sangue de Sichem !

Não te serviram de guia  
as pedras da Samaria,  
o castigo de Coré,  
a Arca santa da alliança,  
a soberana pujança  
do braço de Josué;  
nem Dalila, a má serpente,  
nem a serena corrente  
da fonte de Bersabé !

Pois de Saul a inclemencia,  
de David a penitencia,  
de Salomão o saber,  
d'Absalão as concubinas,  
do Templo as vastas ruínas,  
os magos olhos d'Esther  
não te arrancaram a venda  
da tua cegueira horrenda ?  
não te fizeram tremer ?...

Tantos annos de tormentos,  
tantos fieis monumentos  
na terra como nos ceus,  
não dizem que o Nazareno,  
tão forte, e sabio, e sereno,  
era o Messias dos teus ?  
Pergunta ao fiel Caleb,  
pergunta á sarça do Horeb,  
pergunta se elle era um Deus !

D'Isaac pergunta á esposa,  
pergunta a Lia chorosa,  
pergunta á casta Rachel ;  
pergunta á formosa Dina,  
ante a qual um rei se inclina !  
ouve as filhas de Raguel,  
ouve Débora aguerrida !  
pergunta ao prego homicida  
da forte, heroica Jahel !

De Moysés pergunta á vara,  
pergunta ás penas de Sara,  
e aos mil despezos d'Agar ;  
vae de Geth ás sepulturas,  
vae do Thabor ás alturas,  
vae a Tharé perguntar ;  
vê Chanaan, vê o Egypto ;  
e has de achar seu nome escripto  
no ceu, na terra, e no mar !

Que breve são esquecidos  
os Lazaros resurgidos  
da ingrata Jerusalem !  
allivios de tantas penas !  
vosso amor, ó Magdalenas !  
os pastores de Bethlem !  
e essa estrella peregrina  
que o berço de Deus ensina  
aos Magos que adorar vem !



Ai! tu perdeste a memoria  
das profecias, da historia,  
madrasta sem coração!  
mas, de sangue salpicados,  
serão teus aridos prados  
espelho de maldição!  
teus montes não terão selvas;  
teus plainos, flores, nem relvas,  
lethal, esteril Sião!

Como d'arbustos damninhos,  
colherás somente espinhos  
das rosas de Jerichó;  
verão seculos inteiros  
em toda a terra estrangeiros  
os maus filhos de Jacob,  
embora ao ceu, que te esmaga,  
peça perdão cada chaga  
do manso, divino Job!

Ai de ti! que penitencia  
poderá ganhar clemencia  
para o teu povo, Israel?  
Idolatra, má, perjura —  
desde Putiphar, a impura,  
desde a corrupta Babel!  
Altiva, ingrata, descrente —  
desde o Horeb e a sarça ardente,  
de sempre a sempre, cruel!? —

Um sepulchro dilatado  
nas ondas do mar anciado  
abysma o Egypto oppressor !  
De Hemor culpada a cidade  
paga em sangue a castidade  
d'uma Virgem do Senhor !  
Nas faldas do monte santo  
custa um crime longo pranto,  
muito sangue, e muita dor !

Pelo ultraje dos levitas,  
o crime dos Benjamitas  
faz o espanto de Judá !  
De Babylonia a torpeza  
cresce e reina em torno á meza...  
junto á meza a morte está !  
Tu... mais que todas perdida,  
a tua sorte, decidida,  
que sorte horrenda será ?

.....  
.....

Perdôa, Christo, se uma dor mundana  
vem fallar de castigos n'este dia...  
Tu bebeste por toda a humanidade  
o calix da agonia !

No tristonho Jardim das oliveiras  
(tu só velavas, tudo o mais dormia)  
eu vi-te aproximar dos labios tremulos  
o calix da agonia.

O amargoso do fel te lacerava  
fibra por fibra! a dor te consumia!  
e lavaste com prantos mais amargos  
o calix da agonia!

Pois quem se vinga? o homem! Deus perdôa.  
Só a vontade humana se entibia  
da morte nos umbraes; só Deus acceita  
o calix da agonia.

Nós somos d'Israel filhos impuros,  
cegos á luz do sol em pleno dia!  
Tarde a venda caíu, mais tarde o pranto  
pela tua agonia.

Senhor! tu que lançaste olhos bondosos  
ao discipulo vil que te vendia,  
oh! salva os desterrados filhos d'Eva  
pela tua agonia!

.....  
.....

Na eminencia do Calvario  
morreu de Deus o cordeiro,  
e o soluço derradeiro  
foi o perdão de Jesus.  
Treme em seus eixos a terra  
que nos parece tamanha,  
e é fraquissima peanha  
para suster uma cruz!

D'uma dor sem semelhante,  
a triste Mãe traspassada  
cae na terra ensanguentada,  
e ao pé da cruz se abraçou.  
Nos olhos tem tal angustia,  
nos labios tanta meiguice,  
que o anjo puro que disse  
— *Ave Maria!* — chorou.

.....

.....

Tudo está concluido  
segundo vós, profetas de Sião!  
O Verbo eil-o cumprido:—  
os prodigios! o crime! a redempção!

## STABAT MATER

Branças ossadas, sangue e rochas duras,  
onde nem cresce o musgo das ruínas  
nem passa a viração ;  
onde não cantam aves peregrinas  
seus segredos d'amores e ternuras  
aos ecos da soidão !

Cêrro de maldição, furnas perdidas,  
onde abutres, só, vem á meia noite  
ao putrido festim ;  
thrôno para quem foi do mundo açoite ;  
pedestal para estatuas de homicidas,  
de Nero, de Caim !

Mal hajas, ó Calvario! — D'essa agrura  
nas erriçadas pedras ha momentos  
se arrastava uma cruz ;  
levava-a um semi-morto a passos lentos ;  
e, após os mil horrores da amargura,  
n'ella morreu Jesus.

.....

.....

Emquanto lá por baixo em festins ledos  
no tripudio febril de cem orgias  
folga Jerusalem,  
os restos sacrosantos do Messias,  
sentinella perdida entre os rochedos,  
guarda a chorosa Mãe.

Fugi de junto d'ella, almas descrentes ;  
não maculeis a dor da Virgem bella ;  
Não tendes dó ? passae!  
Mães desgraçadas, pranteae com ella !  
Orfãos, pobres, meninos innocentes,  
é vossa Mãe ; choraе !

Guarda no seio o cofre dos amores ;  
por c'rôa tem o iris de bonança ;  
nos labios, o perdão.  
Ai ! quem recolhe a pomba da alliança,  
que anda cançada sobre um mar de dores  
pedindo um coração ?

Ninguém ! Ninguém, Virgem pura,  
estrella d'alva chorosa,  
pomba de meiga candura,  
rainha d'anjos mimosa !  
Ninguém ! Na soidão cruel  
em que ficaste, mesquinha,  
emquanto choras sósinha,  
folga a deicida Israel !

Hoje... hoje, tumulto e festa  
n'essa cidade maldita ;  
ámanhã, viuvez funesta  
na Babylonia incontrita :  
que nas bodas de Caná,  
onde houve tanta alegria,  
já falta a Virgem Maria,  
já falta o Deus de Judá.

Se na amargura d'est'hora  
não achas um peito amigo,  
dá-me os meus prantos, Senhora,  
que eu quero chorar contigo.  
Da ingrata Jerusalem  
sou reu de morte, é verdade ;  
mas, Virgem da soledade,  
eu sou teu filho também.

Ao ver-te a face anuviada  
de tantas, de tantas dores,  
ante a fôrma regelada  
do teu filho, teus amores,  
co'as azas brancas da fé  
percorri mundos inteiros;  
trago-te muitos romeiros,  
ó Virgem de Nazareth !

Cheguei-me á porta dos vivos ;  
dos encantos que os algemam  
os ricos vivem captivos,  
os desgraçados blasphemam.  
Fui os mortos evocar ;  
e os sepulchros, condoídos  
d'escutar os teus gemidos,  
se abriram de par em par.

Aqui tens santas imagens  
da dor e do desconforto ;  
nafragaram nas paragens  
do oceano que não tem porto.  
Se é maior tua afflicção,  
se não padeceram tanto,  
ai ! desfez-se-lhes em pranto  
a seiva do coração.



Aqui tens Eva, a coitada,  
tão bella, e tão desditosa,  
tão amante, e tão amada,  
tão pobre, e tão criminosa !  
No seu martyrio cruel  
chora em profunda amargura  
do seu peccado a negrura,  
saudades do seu Abel.

Vem, Agar, escrava... embora,  
mãe que padeceste horrores ;  
n'este logar e n'est'hora  
não ha servos, nem senhores !  
Nos ermos de Bersabé  
fugiu-te a luz dos teus olhos ;  
tinhas um cento d'abrolhos  
nas chagas de cada pé.

Em vão buscavas torrentes  
na aridez d'aquelle monte...  
em vão ; teus prantos ardentes  
tinhas por unica fonte :  
mas o teu caro Ismael  
achou cristallinas aguas ;  
e o Martyr de tantas maguas  
teve uma esponja... de fel !

Velho das barbas de neve,  
Abrahão, lembras-te, valente,  
de quem te o golpe deteve  
sobre o teu filho innocente?  
Ahi tens a Mãe de Jesus,  
sem ventura e sem fastigio.  
Quem obrou tanto prodigio  
foi seu filho... olha essa cruz!

Quasi do sepulchro ás bordas,  
teus prantos, tua agonia,  
Jacob, se ainda os recordas,  
pranteia a dor de Maria.  
Deus, que ao teu casto José  
cobriu de palmas no Egypto,  
morreu corrido e proscripto  
entre o seu povo sem fé.

Triste hebrêa, obscura e pobre,  
sobe a encosta do Calvario!  
tens um lugar muito nobre  
neste adjunto funerario!  
a Virgem sabe quem és;  
conhece o triste sigillo  
de quando entregaste ao Nilo  
o berço do teu Moysés.

Jephte, que em troca da gloria  
a casta filha condemnas,  
nunca se comprou victoria  
á custa de tantas penas!  
Na manhã do seu abril  
(má jura que tu juraste !)  
infeliz pae, que ceifaste  
de Maspha a rosa gentil !

— « Quem és tu, vulto gigante,  
de rei a fronte c'roadada,  
na dextra espada brilhante,  
e na sestra harpa doirada ? »  
— « Eu sou David, o cantor,  
o monarcha penitente,  
rei, opulento, indigente,  
a gloria, o remorso, a dor.

Da negra sorte aos rigores  
nunca ninguem chorou tanto ;  
Senhora Virgem das Dores,  
venho offertar-te o meu pranto.  
A alva, o occaso, o norte, e o sul,  
o rio, o valle, a montanha,  
me viram curvado á sanha  
feroz do ingrato Saul.

A dor que o peito consome  
ninguém calcula, nem mede;  
chorei de frio, e de fome,  
e de cansaço, e de sede:  
e sempre em cada manhã  
eu pedia a Deus o esquife,  
ou nos desertos de Ziphe,  
ou nas covas d'Odollam.

D'Urias pranteei a sorte;  
d'Isboseth... tarde, bem tarde.  
chorei a aleivosa morte...  
forte, o amor fez-me covarde.  
Por mim, por Bethesabé,  
nosso amor, nossas maldades  
carpi; chorei de saudades  
nos montes de Gelboé.

Fui pae, comprehendendo os teus prantos;  
perdi meu filho, Senhora;  
do amor paterno os encantos  
vê se os eu choro inda agora!  
Minhas cans, meu coração  
cobriu de vergonha infinda;  
mas eu morreria ainda  
pelo meu filho Absalão! » —

Vem tambem, Respha piedosa,  
que os filhos que conceberas  
por seis mezes, lagrimosa,  
furtas aos corvos e ás feras!  
Venham as mães d'Israel,  
as viúvas da Judêa,  
de Sarephta, a Chananêa,  
a Sunamitis, Rachel!

Á Virgem pretae confortos;  
na sua dor confundi-vos;  
haja um cortejo de mortos  
para vergonha dos vivos!  
Lá em baixo, n'esse festim  
de tão sinistro ruido,  
ha de estar Jairo esquecido,  
e a viúva de Naim.

Lá em baixo, risos e cantos  
por entre os fumos da orgia;  
aqui... soluços e prantos  
nas convulsões da agonia...  
Do mundo não vem ninguem  
- ás solidões do Calvario;  
Chorae, sombras, no sacrario  
do seio da virgem Mãe!

Virgem das Dores, na soidão chorosa !  
pomba formosa, inconsolavel, só !  
só, n'esta magua, e soluçando tanto !  
só com teu pranto... e sem ninguem ter dó !

.....

.....

Se, reu de morte d'Israel perdida,  
arrasto a vida encarcerado aqui,  
lá nos teus reinos d'uma eterna aurora  
lembra, Senhora, que chorei por ti !

Parada de Gonta, 2 d'abril de 1860.

## JESUS

Jesus autem, emissa voce magna, expiravit.

### I

Se as flores do pomar vestissem luto,  
e se as aves do ceu vertessem prantos,  
cultos houvera Deus puros e santos,  
n'este dia solemne, ao pé da cruz;  
o coração de pedra, o rosto enxuto,  
o rir do scepticismo, a voz blasphema,  
não viera insultar o santo emblema  
regado pelo sangue de Jesus.

Um dia houve, um dia só... sangrento...  
Quando a Hostia d'amor perdeu a vida,  
teve a solemne marcha interrompida,  
n'um momento d'horror, a criação:  
o sol cobriu seu rosto macilento;  
deu inda em còro a natureza um grito;  
atraz um passo recuou o Infinito  
ao ver o crime da infiel Sião.

Hoje, este riso que nos veste o rosto,  
hoje, este bronze que nos toma o seio,  
esta indiff'rença que do inferno veio  
seccar os prantos, insultar o amor;  
todo este mundo por tuas mãos composto:  
a ave, o prado que floresce e exulta,  
a fera, o homem, não verá que insulta  
um pae que morre, em sua extrema dor?

## II

Jesus, descerra os teus olhos;  
vê, vê teus filhos sem norte!  
Por essa c'rôa d'abrolhos  
enlaçada em teus cabellos,  
quebra as algemas da morte!  
descerra os teus olhos bellos!



Ó sentinella perdida!  
da atalaya do teu lenho  
vigia a grei pervertida!  
olha este cahos sem luz,  
chama o disperso rebanho,  
abre os teus olhos, Jesus!

Olha esta Babilonia, em tantas linguas  
dispersa, confundida!  
pedindo pão, e semeando abrolhos,  
pedindo leis, e barateando a vida,  
pedindo paz, e incendiando a guerra,  
e tentando prender nas mãos de lodo  
o mar, os ceus, e a terra!

Olha esta nova Judeia,  
onde é Calvario a Tarpeia,  
e Roma, Jerusalem;  
onde o teu Pio Vigario,  
expulso do santuario,  
já vai do Pretorio além,  
e a turba que ali vagueia  
em torno do seu palacio  
é Galileia do Lacio  
que a vêr o martyrio vem!

Nus os pés, e semi-morto,  
a esp'rança posta nos ceus,  
transpoz o portico horrendo  
d'esse congresso tremendo  
de Scribas e Phariseus  
brazonados de christãos !  
e ali, por medo d'*Augusto*,  
novos timidos Pilatos,  
traidores á sua crença,  
lavram da morte a sentença,  
lavando as tremulas mãos !

Mas tu, Jesus, pódes tudo !  
do teu Vigario tem dó !  
solta a lingua d'este mudo !  
esmalta o chão dos abrolhos !  
dissipa a nuvem dos olhos,  
do cego de Jerichó !

Engasta no ceu de Roma  
a estrella maga dos Magos !  
converte em urnas d'aroma  
os antros prenhes d'estragos  
de seus repletos paioes ;  
Traz'-lhe á perdida memoria  
que as tuas armas são cruzes ;  
que espadas, lanças, e obuzes,  
nem servem aos teus heroes,  
nem são para a tua gloria !

Dize ao Lazaro que surja  
da sepultura em que jaz,  
que troque o saial da guerra  
pela estamenha da paz;  
que deixe aos reis essa gloria  
de se matarem sem dó,  
sendo o premio da victoria  
mais alguns metros... de pó.

Se os braços *cultos* da Europa  
lá entre os *barbaros* chins  
devastam, roubam, e queimam  
palacios, templos, jardins;  
se, além, a Polonia geme,  
da Russia ao mando feroz;  
se a Hungria braceja e freme  
sob o cutelo do algoz;  
se á pobre da Irlanda preza  
a Inglaterra tyranniza,  
e se a Austria manda em Veneza,  
e a França em Saboia e Niza;  
se contra as briosas Quinas  
se empina o Leão de Hespanha,  
como em eras que la vão  
contra Aragão e Sevilha,  
tome Roma e não ruinas  
a ovante cruz da Sardenha!  
não vá de Christo o Vigario  
macular o seu santuario

por um ignobil quinhão  
de tão iniqua partilha !  
.....

## III

Jesus crucificado, abre os teus olhos  
do alto d'essa cruz!  
d'esta nova Babel salva-nos todos !  
acode-nos, Jesus !

N'este dia solemne em que as cidades  
só deviam chorar,  
ferve em odios o mundo ; e passa o homem  
sem ver o teu penar !

Do norte ao sul, da Assyria ao Novo-Mundo,  
no dia da afflicção  
a voz d'alarma só responde aos psalmos  
do santuario christão !

Se o florído pomar vestisse luto,  
soubera a tua dor !  
e se as aves do ceu vertessem prantos,  
choravam-te, Senhor !

O homem perde as crenças, como perde  
as flores um jardim !...  
Em se finando a derradeira crença,  
que ficará por fim ? !

## IV

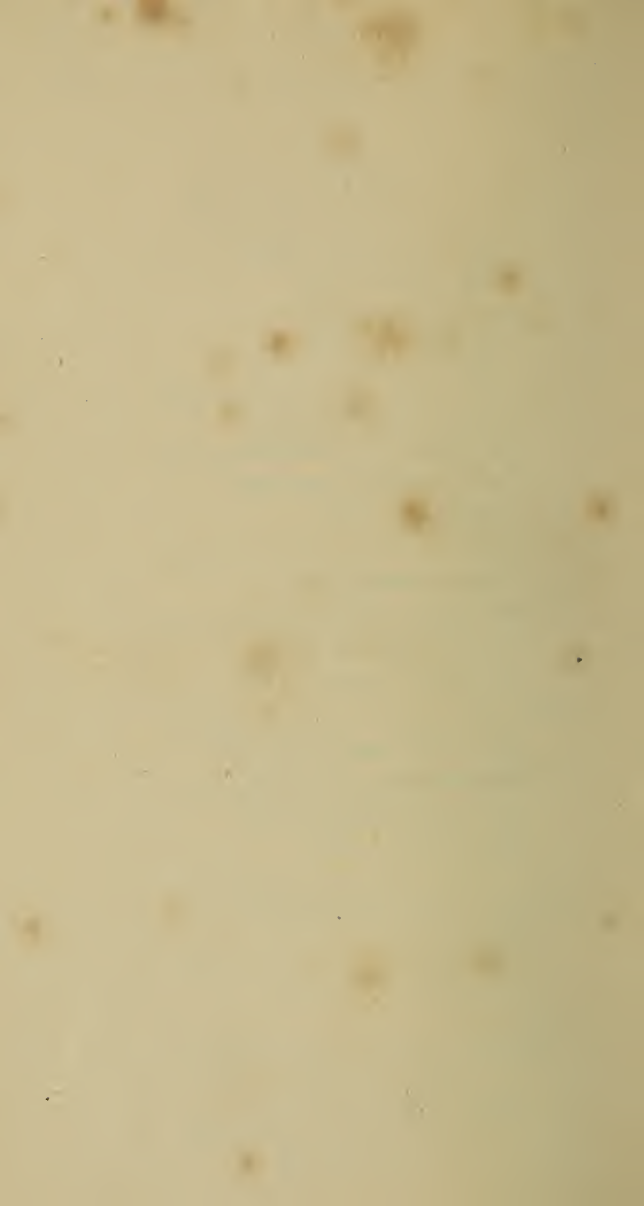
Jesus ! se o mundo se agita,  
dá-me descanso, Jesus !  
faz'-me grama parasita  
encostada ao pé da cruz.

Faz'-me insecto da ramada  
que ninguém vê na amplidão ;  
quero, á sombra do meu nada,  
perder-me na solidão.

Faze-me fonte na serra  
que ninguém bebe, nem vê ;  
tira-me os mimos da terra,  
mas dá-me as crenças e a fé !

Que eu sinta sempre o teu nome  
misturar-se aos prantos meus ;  
que eu possa morrer de fome  
abençoando-te, ó Deus !

Sexta-feira santa, 29 de março de 1861.



II

ROSAS PALLIDAS

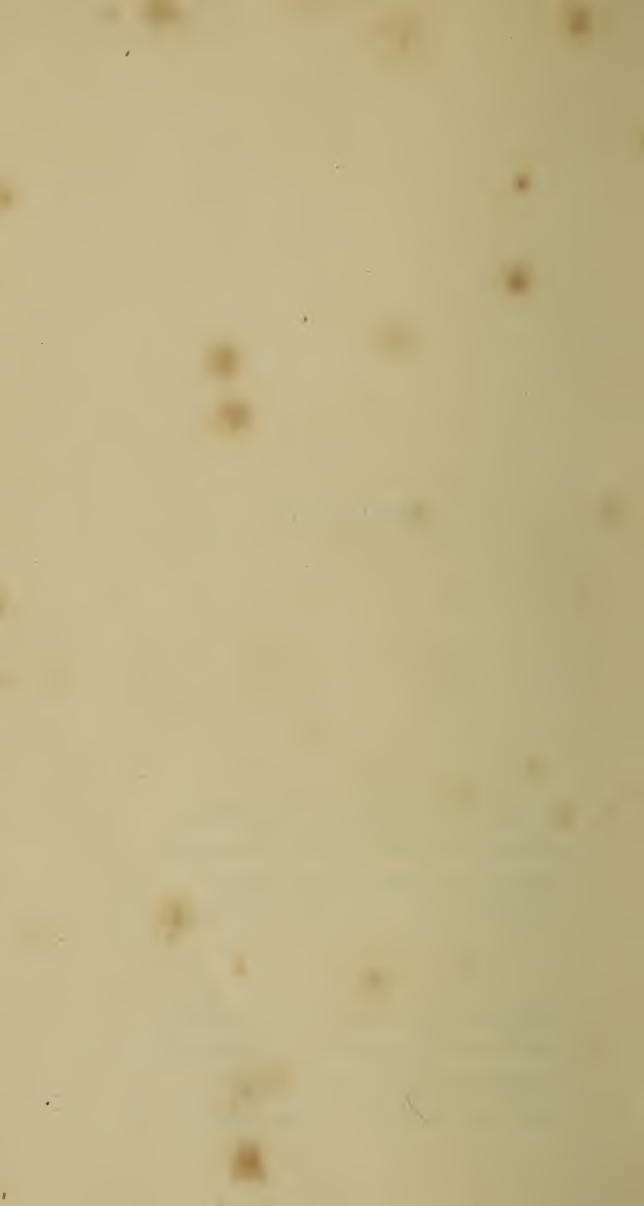




## A MEU PAE

A ti, meu pae, as minhas *Rosas pallidas* ;  
não tenho mais que te offertar no mundo.  
Distinctos ais ! esmorecidos canticos !  
mesquinha paga ao teu amor tão fundo !

Sempre em teus olhos me sorriam jubilos,  
sempre os teus braços me acolheram francos !  
Se alguma c'rôa me destina a gloria,  
cinge com ella os teus cabellos brancos.



LE ROI EST MORT! — VIVE LE ROI!

Na còrte do rei vivo o logar nobre  
pertence ás ambições, ás excellencias,  
                    ás honras, á vaidade.

Do rei morto no funebre cortejo  
o povo tem brazões, e as preeminencias  
                    decreta-as a saudade.

Quero pois vir ás festas do sepulchro  
d'aquelle que as saudades nos roubaram  
da vida no verdor.

Pago meu preito á morta magestade;  
ultimo sou talvez dos que choraram,  
não ultimo na dor.

Tomou-me o pasmo a voz, quando de luto  
vi toda uma nação, muda, em quebranto,  
ao pé d'um ataúde.

Quiz perguntar... cerraram-se-me os labios;  
o coração negou-me os ais e o pranto;  
os sons, o alaúde.

Julguei que um genio mau co'as azas negras  
em sonho delirante me assombrava  
pairando sobre mim;  
e que o braço marmoreo d'um gigante,  
sobre o peito poisado, me esmagava...  
Mas acordei por fim !...

Não era sonho : a verdade  
Era ante mim assentada,  
dura, cruel, sem piedade,  
toda de crepe vestida,  
mostrando na mão mirrada  
a c'rôa real partida !

Não era sonho o cortejo,  
e o rouco som dos obuzes  
das fortalezas do Tejo,  
nuncios de tantos martyrios,  
nem as mil pallidas luzes  
das longas alas de cirios !

Não era sonho a saudade  
que um povo leal, inteiro,  
na miseria da orfandade  
em longo clamor carpia,  
sobre o asylo derradeiro  
onde seu pae se escondia !

Não era sonho ! tão moço,  
partiu-se de magua dura  
esse coração tão nosso !  
e, na estação dos amores,  
quando todos têm ventura,  
teve elle da campa as flores !

Era uma sina ! a desdita  
tinha-lhe a vida algemado ;  
como a silva parasita,  
que ficou preza na leivã,  
se enrosca ao roble copado  
roubando-lhe sombra e seiva.

Um dia, a regia creança  
perde o materno carinho;  
foge-lhe a pomba da esp'rança,  
que era a imagem da virtude,  
e el-rei fica tão sósinho  
entre a c'rôa e o ataúde!...

A alva flor da laranjeira,  
que era na trança enlaçada  
da regia esposa fagueira,  
enlevo de povo e noivos,  
caíu no chão transformada  
em tristes, gelidos goivos.

Immerso em tanta orfandade,  
ao ceu levantava os olhos!...  
homem, lá tinha a saudade!  
rei, não podia ter prantos!...  
Ai! que cilicio d'abrolhos,  
que eram tão duros e tantos!

E o calix não era enxuto!  
Por complemento de maguas,  
vem sobre o luto mais luto!  
as tão queridas infantes  
lá vão, por cima das aguas,  
viver em terras distantes!

El-rei foge ao ermo paço  
e ao vozear das cidades :  
busca a fadiga, o cansaço ;  
mas, da desgraça no cumulo,  
*quando ia matar saudades*  
*por suas mãos abre um tumulo !*

Que larga historia de dores  
é d'el-rei a curta historia !  
Ó harpas dos trovadores,  
memorae-lhe a vida em cantos !  
n'uma epopeia de gloria,  
n'uma elegia de prantos !

Vinde, altivos soberanos !  
chorae o vosso modelo  
no velho rei de vinte annos !  
E os que o viram sobranceiro  
aos vagalhões do flagello,  
chorem seu regio enfermeiro !

Por isso é pezado o luto ;  
por isso a pena é martyrio !  
Não se encontra um rosto enxuto  
hoje, logo, no outro dia !  
tornou-se a magua em delirio !  
tudo el-rei nos merecia.

Por isso a Europa enlutada  
veio ao funebre cortejo  
chorar co'a grei consternada,  
queimar-se nas mesmas fraguas,  
e ás tristes aguas do Tejo  
juntar o pranto das maguas.

Se do luto as tristes cores  
são, das côrtes na pujança,  
prova d'affectos e amores,  
os signaes de penitencia  
eram na côrte da França  
encargos de consciencia.

O mundo aprecia e aponta  
n'um logar d'honra na historia,  
tarda embora, a desaffronta.  
Das Tulherias o pranto  
vinga d'el-rei a memoria,  
e a nação que o chora tanto.

É morto el-rei! Nas sombras do futuro  
que novas eras guarda o tempo á grei?  
Deus dê descanso eterno ao rei finado,  
e benções, paz, e gloria ao novo rei!



# AVE, LABOR!

(Á Cidade Invicta)

*Poesia apresentada pela Imprensa Nacional de Lisboa  
na exposição do Porto*

Porto, que viste o fogo, o sangue, e os lutos,  
que formaram cortejo ao novo solio  
da augusta liberdade,  
da arvore que plantaste colhe os frutos,  
tu, que lhe foste berço e capitolio,  
*sempre leal cidade!*

Tu, que a viste nascer, surdir do abysmo,  
entre o immenso fragor de cem batalhas  
na fratricida guerra,  
deste-lhe : sangue e fogo — por baptismo !  
por c'rôa — o teu diadema de muralhas !  
por throno — a altiva *Serra* !

Faltava a sagração : — dás-lhe hoje o templo !  
Romeiros liberaes, vinde ao festejo  
do trabalhar fecundo !  
para todos ha culto, e gloria, e exemplo ;  
a *Industria* espera em festival cortejo  
a patria, a Europa, o mundo !

Nova *cruzada* os povos chama á gloria ;  
nova *Jerusalem* convida em brados  
para novas conquistas ;  
canta a epopeia a incruenta historia  
de melhores heroes ; nomes laureados  
d'*industriaes* e *artistas*,

dos que ao diurno labor o braço alteiam,  
e que, após o serão, sonham co'a vinda  
da preguiçosa aurora ;  
d'esses em cujas fronte se incendeiam  
diamantes de suor ; c'rôa a mais linda  
que a mão de Deus inflora !

Vinde, que é Deus aqui ; só d'elle ao nuto  
surgem de tanta gloria estes fastigios.

Quer Deus que lhes consagres :  
tuas flôres, — jardim ; pomar, — teu fruto ;  
industrias, artes, — vossos mil prodigios ;  
sciencia, — os teus milagres.

A *Imprensa* vem á festa ! nem podia,  
mestra d'exemplos, recusar o exemplo.

A hostia é do sacrario ;  
o apostolo, do mundo ; o sol, do dia ;  
o verbo, da doutrina ; o altar, do templo ;  
do altar, o lampadario.

Do *templo do trabalho* é hostia, verbo,  
sacrario, luz, sacerdotisa, a *Imprensa*,  
a mãe da liberdade,  
que ampara o genio em seu trabalho acerbo,  
e abarca as eras em sua esphera immensa,  
prendendo idade a idade.

Dissera Deus ao sol : — « Surge, e alumia ! » —  
e illuminou-se o valle, o monte, o albergue,  
o fructo, a flôr, as palmas !  
mas do espirito a luz ? !... Chegára o dia :  
o seu *fiat*, emfim, diz *Guttemberg*,  
e fez-se o sol das almas !

A *Imprensa* é, pois, no templo. Entre os primeiros  
tomando o seu lugar junto ao sacrario,

proclama á sociedade :

— « Á festa universal ! entrae, romeiros !  
abre as portas, *Industria*, ao teu santuario !

Preside a *Liberdade* ! » —

## NO ALBUM DE ARTHUR NAPOLEÃO

*No reverso da primeira pagina  
em que se achava escripta a seguinte carta:*

Snr. Thomaz Ribeiro: — Rogo a V. que seja interprete da admiração que eu consagro ao talento d'Arthur Napoleão. V. tem ouvido que eu por muitas vezes tenho sustentado em publico, tanto quanto posso e quanto sei, aquelle preito que se deve a uma gloria da nossa terra; e mais sabe que eu estudo e trabalho para que a minha recitação não possa occultar as esplendidas imagens que o author derrama nos seus escriptos. Portanto, diga a Arthur Napoleão que nos applausos que merece o seu talento e nobre trabalho vão tambem os modestos elogios de

*Maria do Céu da Silva Mendes.*

Lisboa, 4 de maio.

Que queres tu de mim? Chamaste-me, senhora,  
do ceu da minha Beira estrella a mais fulgente?  
Que eu suppra a tua voz?!... Pois tu, canção da aurora,  
precisas do meu canto a musica plangente?

Tu és o rouxinol; eu, rola que se queixa;  
tu'alma vôa e canta; a minha chora e dece;  
tu és o hymno altivo; eu, a singela endeixa!  
tu és o amor e o mando; eu, a saudade e a prece.

Tu és a primavera; o outomno eu sou... sem fruto;  
tu és a luz, e eu, sombra; és harmonia; eu eco;  
tu és o lirio branco; e eu, lirio, com meu luto,  
sou junto a ti... cypreste esmorecido, secco!

Eu fui, talvez, cantor; poeta és tu, que o leio  
em teu formoso olhar, tão scismador, tão vago;  
és cysne em lago ameno a refrescar teu seio;  
eu sou a junça humilde a sombrear-te o lago!

Senhora, o genio é rei, e a formosura, esquiva;  
tu és rainha, e vens, co'a fronte coroada,  
dar-me tremendo, a mão, modesta sensitiva!...  
És mais formosa assim! não és rainha, és fada!

Nunca me ergueu tão alto a caprichosa sorte!  
Ao genio, teu irmão, queres mandar um voto,  
e eu, plenipotenciario, hei de ir de côrte a côrte?!...  
Irei, que o mandas tu! irei ao mundo ignoto!

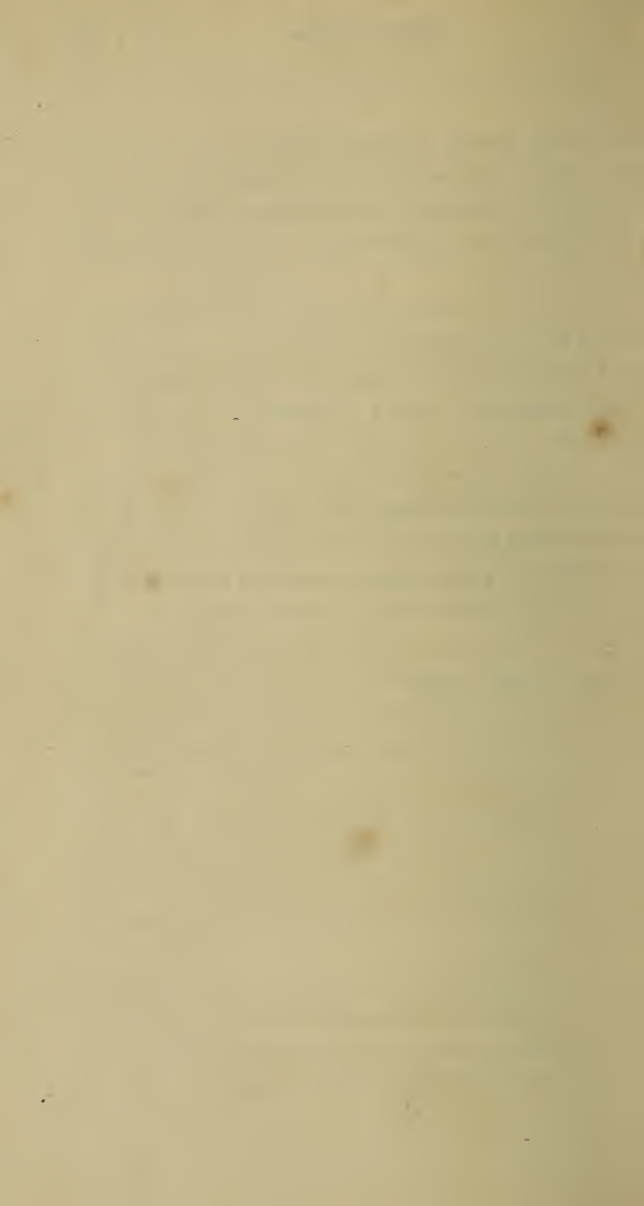
Irei ao templo augusto, ao vosso capitolio,  
onde o laurel e o throno é feudo de conquista !  
e, após depôr a offrenda, e, após do augusto solio  
ter os degraus descido, eu lhe direi :

— « Artista !

abre esse livro, e vê na pagina primeira  
o que é dar culto ao genio, o que é dar preito á gloria !  
A sorte é-te propicia ! a fada é-te fagueira !  
e é mais que o dom dos reis ficar-lhe na memoria ! » —

Cumprido o voto assim, despede-me, senhora,  
do ceu da minha Beira estrella tão fulgente !  
Adeus, irmãos no genio, e ambos canções da aurora,  
que eu volto ao meu sol-posto, e á musica plangente !

Lisboa 5 de maio de 1866.





## A FESTA E A CARIDADE

*Composta expressamente para ser recitada pelo actor Santos  
no theatro de D. Maria II,  
por occasião do beneficio da Associação protectora da infancia indigente*

Qui donne aux pauvres, prête à Dieu.

*V. Hugo.*

Para uns, abre o ceu manhã de flores;  
meio-dia de frutos e doçuras!  
tarde d'encantos mil; noites d'amores;  
sonhos de gloria, affectos, e venturas.

Para outros, as noites não tem lua;  
o sol é sem calor; o ar, sem perfume  
o leito... sem enxerga! a meza... nua!  
os armarios... sem pão! o lar... sem lume!

Eis o quadro da vida : entre matizes,  
o grupo dos mimosos da existencia ;  
a lida, ao pé, morgado d'infelizes ;  
e, por fundo, os andrajos da indigencia !

Do pobre ao rico ha distancias  
cortadas por muito abysmo,  
que a sorte, ou, quem sabe ? o egoismo  
d'espaco a espaco afundou.

Salva-os com aereos passos  
meiga virgem da piedade ;  
chamou-lhe Deus *Caridade*,  
e o mundo o nome exalçou.

Á noite, a virgem modesta,  
a casta filha de Deus,  
furta-se aos hymnos da festa,  
e, envolta em candidos veus,

desce a escada sumptuosa ;  
mãe aos maus, irmã dos bons,  
lá vae levar, carinhosa,  
a toda a parte os seus dons.

Aqui, perfuma, suavisa,  
como a aragem matinal,  
velho que triste agonisa  
na enxerga d'um hospital.

São: busca afflicta viuva  
na sobre-loja sombria,  
e aquece na mão sem luva  
mão pobre, engelhada, e fria.

D'alli, sobe a estreita escada,  
são-lhe guia afflictos ais,  
e encontra na agua-furtada  
filhos nus, famintos paes ;

e leva esmola e carinho  
ao casal desventurado,  
que foi armar o seu ninho  
entre os musgos d'um telhado ;

imitando o que entre flores  
faz o amante rouxinol,  
que só conta os seus amores  
á noite, ás auras, e ao sol.

Onde assoma o transparente  
sendal da candida fada,  
tudo é formoso e ridente  
como os prismas da alvorada :

as rugas cáem das fronte;  
os prantos fogem dos olhos;  
as rochas abrem-se em fontes;  
brotam lírios dos abrolhos.

Se descerra os purpurinos  
labios de finos rubis,  
suas palavras são hymnos  
que Deus acceita e bemdiz!

C'rôa de mysticas flores  
lhe entretece a loira trança;  
nos olhos riem-lhe amores;  
n'alma, a fé; no seio, a esp'rança.

E quando emfim desparece  
aos infelizes da terra,  
e, após a nocturna prece,  
pousa a face, e os olhos cerra,

velam-lhe o leito os carinhos  
que ella deu a tanta dor ;  
as preces dos pobresinhos ;  
e, á cabeceira, o Senhor !

E pois que vos disse qual seja a virtude  
mais bella e querida na terra e na gloria,  
deixae-me contar-vos, ao som do alaúde,  
um só dos seus feitos que vivem na historia :

No tempo em que passou no mundo esse terrível  
Napoleão, o heroe ! o immenso !! o incomprehensivel !!!  
o anjo do exterminio ! o raio ! o deus da guerra,  
que enriquecia a França empobrecendo a terra;  
um arcebispo, um velho... um santo, era pastor  
d'almas que apascentava aos olhos do Senhor !

Faminto era o rebanho, esteril a campina,  
e á beira-mar o aprisco, — a igreja.

Era divina  
a missão do bom velho ! Oh ! sim ! mas que tormento  
para o triste pastor ouvir balar o armento !

queimada a urze ao monte, as relvas aos valleiros !  
sem alimento as mães ! sem leite os seus cordeiros !...  
Deu-lhe o quanto podia : a prece, a esp'rança, o pão,  
tudo o que lhe escogita o honrado coração !  
e, quando achou vazia a sua mão tão nobre,  
ulgou-se mais ditoso : era o primeiro pobre !...

Uma noite o bom velho acorda antes da aurora :  
rumor sinistro o esperta !...

— « Ai, Deus ! pois lá por fóra  
anda a chorar disperso o meu rebanho, e em risco ? !  
Quem sabe, ó Deus, se o lobo entrou no manso aprisco ? !  
Acode-lhe, Senhor !... » —

Corre para a janella...  
abre... espreita... No ar não luz nem uma estrella !  
O ceu negro a pousar nos tectos da cidade,  
raios, a mil e mil, rasgando a escuridade,  
os roncões do trovão, e o sibilar do vento,  
um cahos revoltoso o mar e o firmamento,  
foi tudo quanto viu, e ouviu !

Cheio d'horror  
eleva o pensamento ao Deus do eterno amor  
e cáe.

Horas depois, os raios da alvorada  
foram beijar-lhe a fronte, altiva, e tão sulcada  
pelo minar do estudo e o reflectir da idade.

.....

O vento adormeceu; caíra a tempestade.  
Ergue-se, e da janella...

Ai! que montão d'horrores!

Falta na praia um bairro! Os pobres pescadores  
lá viram perecer nas ondas do seu mar,  
muitos, a propria vida! outros, o barco e o lar!

.....

.....

Empenha a cruz e o anel; e o triste bando implume  
teve n'aquelle dia abrigo, e pão, e lume.

Mas... no seguinte, o almoço?! embora fosse parco!  
e construir-lhe um ninho?! e dar-lhe a rede e o barco?!  
N'isto pensava á noite o homem do Senhor,  
co'os olhos rasos d'agua, immerso em negra dor!  
Elle, tão pobre e velho!... A quem pedir sustento?!

A ponto, uns sons d'orchestra entraram no aposento !  
Ouviu... pasmou !...

— « Meu Deus ! em noite assim funesta,  
quando a miseria chora, os hymnos d'uma festa !... » —

Medita longo tempo !... Após, como se a chamma  
do alto o illuminasse, humilde ajoelha, e exclama :

— « Meu Deus, que ouviste a prece ao pobre peccador !  
comprehendo o teu decreto, entendo-te, Senhor !  
Ha baile na cidade ! a musica m'o attesta !...  
Falta-me o annel e a cruz ! embora ! hei de ir á festa ! » —

É meia noite. No baile  
esplende inteira a alegria ;  
luzes, flores, e harmonia,  
brilham na fausta mansão.  
Inflamma-se o jogo e a dança ;  
recendem mais os perfumes ;  
ardem mais vivos os lumes ;  
pulsa mais o coração.



Reina o prazer... Mas a orchestra  
destôa, pára, emmudece;  
o enthusiasmo arrefece,  
e o redemoinho... parou.  
Ninguem mais a voz levanta!  
reina um silencio agoireiro!  
Corre ao fundo o reposteiro,  
e o velho arcebispo entrou.

Todas as fronte se acurvam  
ante o pastor venerado,  
que ao seu baculo encostado  
percorre lento o salão.  
Todos acorrem ás benções  
que elle aos dois lados envia,  
e tem por d'alta valia  
beijar-lhe a rugosa mão.

Chega a dona do palacio,  
que estava immovel, absorta,  
regelada, semi-morta,  
perante o vulto fatal.  
Para ella, o santo velho  
era um remorso que entrava  
no seu baile, e que a buscava  
hirto, livido, mortal!

O velho quebra o silencio :  
— « Em noite de tanta dita,  
se vos faço uma visita  
importuna, perdoae !  
Na vossa casa, senhora,  
tendes festa, á festa venho ;  
e nunca parece estranho  
que os filhos visite um pae.

Sabeis o que vae lá fóra ?  
contraste dos vossos brilhos,  
tenho um rebanho de filhos,  
chorosos, famintos, nós :  
deixei-os no meu albergue ;  
ia... nem sei para onde ia !  
da vossa festa a harmonia  
aqui meus passos conduz.

Encostae-vos ao meu braço ;  
tomae-me esta bolsa : agora  
vamos mendigar, senhora,  
erguendo supplices mãos :  
— Pelo amor de Deus, senhores !  
esmola, ricos e nobres !  
esmola aos meus filhos pobres !  
esmola aos vossos irmãos ! » —

Diz ; e a turba dos convivas  
foi pressurosa á porfia  
dar quanto ali possuia,  
e prometter mais e mais.  
As damas, dos seu enfeites  
arrancam oiro e brilhantes,  
braceletes e diamantes,  
anneis, perlas, e coraes.

O velho, chorando e rindo,  
exclamou :

— « Estes penhores  
heis de havel-os, meus senhores,  
com largos juroz nos ceus.  
Vós, minhas candidas filhas,  
ficaes assim mais formosas :  
para rosas bastam rosas :  
valeis mais ao mundo e a Deus !

Vou fazer outros ditosos ;  
a minha missão foi esta ;  
reviva, recresça a festa,  
folgae, meus filhos, folgae ! » —  
Eu digo como o bom velho :  
folgae ! que a festa consola  
a quem hoje deu esmola  
a tantos filhos sem pae.



NO ANNIVERSARIO

DE

JULIO DE CASTILHO

*(Improviso)*

É rito nobre coroar poetas :  
o marmore, o painel, taes os conservam,  
fazendo-os immortaes.

As c'rôas são diversas : umas vezes  
a dita as entretece d'alvas flores ;  
outras, os loireiraes  
offerecem festões da rama illustre  
para a epica fronte do poeta  
que ergueu altas canções.

Muitas são de cypreste, e foi, bem sabes,  
de loiros, malmequeres, e saudades,  
a c'rôa de Camões.

Foi de saudade e myrtos a d'Ovidio;  
d'astros e nuvens a d'Ossian e Homero;  
de parras a de Horacio;  
de raios a de Milton! a Virgilio  
coube a corôa civica de loiro,  
e flores do seu Lacio.

A tua... é bem singela: é só de rosas;  
mas teceu-t'a a amisade e o enthusiasmo  
d'ardentes corações;  
a civica ha de vir, crê no futuro,  
Canta, poeta, sem cuidar d'ingratos,  
que assim cantou Camões!

Luz, 30 d'abril de 1863.

## OS MEUS TRINTA ANNOS

*(Num album)*

A vida é monte erguido entre dois mares,  
que se avulta nas ondas arrogantes  
do norte para o sul.

O seu manto, nem sempre é relva e flores ;  
o caminho, nem sempre suave e largo ;  
o ceu, nem sempre azul.

Do nascente ao sol-posto sóbe a estrada,  
e eu por ella subi; da vida ao cume

eis-me chegado emfim!

A fatidica hora dos trinta annos  
no relógio fatal que a vida conta  
soou já para mim.

Antes que eu desça além, quero da altura  
medir, entre os dois mares, a distancia  
do meu peregrinar;

quero n'estes momentos de repouso  
os dois barcos saudar, que me saudam,  
n'este e n'aquelle mar :

Este... conheço-o bem! era o meu berço!  
baixel em que embarquei do nada á vida,  
ao pé de minha mãe!

N'aquelle... ergue-se a cruz negra do esquife!...  
Hei de embarcar ali da vida ao nada,  
sem me velar ninguem!

.....

.....



Pedir cantos, senhora, a quem da vida  
perdeu todo o matiz dos roseos sonhos  
d'aurora juvenil!...  
não porque a vida me vá longe ou negra,  
mas porque est'alma é tão deserta e arida  
que nunca teve abril!

A vida bonançosa, a paz eterna,  
enerva o coração e o pensamento  
nos braços d'ocios vis.  
O genio nasce e cresce entre as tormentas!  
Senhora, attenta bem como ha desgraça  
até no ser feliz!

A vida sem paixões, sangue sem febre,  
é calmaria d'alma, que vegeta,  
murcha, inodora flor.  
Os gozos faceis, a ventura placida,  
são paraíso d'existencia inerte;  
mas eu prefiro a dor.

Prefiro a dor; que essa exalta  
o sentimento, a paixão;  
se o riso nos labios falta,  
o pranto nos olhos, não.

nem dor, nem riso... Eis a calma  
do morto mar do meu ser.  
Não reverdece uma palma  
na aridez do meu viver!

Existo... não sei se existo...  
sem ter desejos, nem fé!...  
Mas, se ao mundo eu disser isto,  
o mundo pasma e não crê.

Tu acreditas, que és pura,  
e eu não te posso mentir;  
juro-o por tua candura,  
por teu sincero sorrir.

Não tenho que dar... Trinta annos  
morrem hoje para mim;  
a idade dos desenganos  
já vês que chegou por fim!

Trinta annos que o ocio esconde;  
em que eu nem ri, nem chorei.  
Trinta annos gastos... aonde?  
em que?... com quem?... nem eu sei!...

Subi ao zenith da vida,  
vou prestes descer ao val;  
na c'rôa da encosta erguida  
cravei o marco fatal.

Adeus, mocidade, infancia,  
que nunca mais hei de ver !  
Tenho em frente igual distancia...  
mas é mais facil descer.

Além acaba o desterro  
ao infeliz que ali jaz.  
No fim do ingreme cerro  
começa o reino da paz...

— Ávante ! — Desço a ladeira  
sem saudade, ou riso, ou dor ;  
sem plantar uma palmeira,  
sem semear uma flor.

Bem vés, é safara, ingrata,  
vida sem risos, nem ais...  
Consigno aqui uma data,  
deixo um nome, e nada mais.

Lisboa, 1 de julho de 1861.



## A MADAME LOTTI DELLA SANTA

*(Na noite de seu beneficio <sup>1</sup>)*

Quem, no templo da harmonia,  
colhe hoje os loiros e as palmas ?  
quem tem o sceptro das almas ?  
quem, o diadema real ?  
Que fada quebra o repouso  
meditabundo e severo  
d'este patriarcha austero,  
d'este velho Portugal ?

<sup>1</sup> O producto d'este beneficio foi cedido aos pobres.

Que fada, que se transforma  
ora em anjo de venturas,  
ora em fonte d'amarguras,  
que a loucura, ou a morte dá!  
ora com ducal diadema  
cinge a fronte de Lucrecia !...  
Que fronte ! nem mesmo a Grecia  
as viu mais bellas por lá !

É Lotti, a filha das artes ;  
Lotti, a musa da harmonia,  
a que possui a magia  
das celestes vibrações :  
é Lotti, que, dadivosa,  
junto ás festas da grandeza  
quer as benções da pobreza,  
as palmas dos corações !

Tu sabes, filha da Italia,  
que em nossas formosas praias  
cresce o loiro, o myrto, as faias,  
qual na terra de teus paes ;  
que este ceu tambem dá genios ;  
que este sol tem resplendores ;  
que as harpas dos trovadores  
sabem hymnos triunfaes !...

Salve, Lotti ! duas c'rôas  
te enramam a fronte bella :  
uma, é rica ; outra, singela ;  
mas ambas de igual condão :  
uma é devida ao teu genio —  
luz d'ethereos esplendores ;  
outra é prenda dos amôres,  
deve-se ao teu coração.

É pobre, que vem dos pobres ;  
é simples, mas traz encantos ;  
vem orvalhada de prantos,  
mas prantos de quem sorri :  
fazer chorar os felizes  
e sorrir os desgraçados !  
que fados, Lotti, que fados  
o ceu guardou para ti !

Á nobre irmã de Tasso, á bella irmã d'Ariosto,  
ao anjo da harmonia, á musa das canções,  
á que a alma nos enleva, e nos inunda o rosto,  
saúda jubilosa a patria de Camões !





## CYPRESTE E ROSAS

*(No album da Excellentissima Senhora D. Maria Carolina Berquó)*

Assim o pedes, senhora !  
um canto triste, tão triste,  
como a saudade que existe  
dentro d'ess'alma que chora,  
quando o rosto enxuto e ledo  
mostras ao mundo contente,  
para esconder-lhe o segredo  
da dor que elle ouve, e não sente !

Oh! tens razão! no mais fundo  
do peito resguarda as dores!  
não sabe o que são amores.  
não sabe ter pena, o mundo!  
D'um coração que padece,  
as profundas tempestades  
não sonda, que não conhece  
prantos, martyrios, saudades!

Que penas que me disseste!...  
Festa aziaga, infausto dia,  
quando ás rosas da alegria  
veio enlaçar-se o cypreste!...  
Ai! que tristeza nas salas!...  
ai! quantos prantos vertidos!...  
o crepe ensombrando as galas!...  
em vez de cantos, gemidos!...

Da mãe frustrado o agasalho!  
vós em dor profunda immersas!  
por sobre as flores dispersas,  
lagrimas em vez d'orvalho!...  
em vez da orchestra, os plangentes  
cantos, nuncios de martyrios...  
e, por lustres esplendentes,  
da morte os pallidos cirios!

Comprehendo essa dor, senhora!  
sei como a formosa Amelia,  
candida como a camelia  
que se abre aos risos d'aurora,  
no seu dia anniversario,  
se ergueu risonha d'esp'rança,  
e foi topar co'o sudario  
em que era envolta Constança!

Constança! a doce! a formosa!  
que na aurora da existencia  
sentiu roubarem-lhe a essencia  
da vida! tal como a rosa  
que ostenta os seus esplendores,  
luz, matiz, perfumes, gala,  
e após um'hora d'amores  
vem um tufão arrancal-a!

Triste, triste anniversario!...  
Que infausto dia foi este!...  
c'rôas, ramos... de cypreste!  
sedas brancas... d'um sudario!  
brilhantes... fios de prantos!  
musica... os ais dos martyrios!  
poesia... a dos psalmos santos!  
luzes... o clarão dos cirios!...

Que dia d'annos, senhora!  
que festa triste! e que afflicta  
é inda a imagem que habita  
dentro d'ess'alma que chora!...  
Ó minha lyra plangente,  
cala os sons! porque persistes,  
se para dor tão vehemente  
não achas notas bem tristes? !...

Pomba: acolhe no teu seio  
meu pobre canto.

Disseste.

quando o teu livro me déste:  
— « Vou dar-te o assumpto. » —

Acceitei-o.

— « Não falles d'amor, d'esp'rança,  
mas da dor que me consome! » —

.....

Possa o nome de Constança  
fazer-te lembrar meu nome.

Lisboa, 26 de maio de 1864.

## N'UM ALBUM

Somos dois viajantes: vós, senhora,  
andaes talvez em busca de prazeres ;  
eu... sem destino ! á toa !  
Percorremos um dia a mesma estrada ;  
o acaso nos juntou, e pernoitámos  
no grande hotel — *Lisboa*.

Pois que partis primeiro, auras benignas  
vos acompanhem sempre, e vos segredem  
meus votos d'amizade.

Se ellas voltarem junto a mim de novo,  
que me tragam de vós uma lembrança;  
se fosse uma saudade !...

Lisboa, 16 d'abril de 1863.

## DIZEM

(*N'um album*)

És bella?... *dizem* que és bella  
os que tem tido a ventura  
de viver junto de ti;  
*dizem* que és meiga e singela,  
que tens alma e tens candura,  
e mananciaes de ternura  
no teu seio.

Eu nunca te vi, mas creio  
nos mil louvores que ouvi!

Porque este *dizem*, senhora,  
esta vaga voz que passa  
por junto do trovador,  
como entre os risos da aurora  
mago som que se esvoaça  
nas franças do roble em flor:  
esta musica celeste  
de bem-dizer, que vai longe,  
tem não sei quê de suave,  
que lembra o perfume agreste  
que entra na gruta do monge!  
tem notas dos trillos da ave  
que á hora em que morre o dia  
vae poisar na cruz d'um ermo.  
e exhalar do seio enfermo  
caudaes de melancolia!

É pois santa a voz que passa  
atravez do espaço immenso,  
como um canto solitario;  
lembra o hymno que esvoaça  
por entre as nuvens do incenso  
sob as naves d'um santuario!

Creio, sim, porque a minh'alma,  
dos cantos filha e da luz,  
nunca pode ser esquiva  
ás seducções da poesia!  
tudo que é bom a seduz



tudo que é nobre a captiva!  
tudo que é bello a inebria

Mas, senhora, a minha lyra,  
quando só *oiço*, e não vejo,  
geme triste, não se inspira,  
como eu quizera, por ti.  
Manda, pois, o meu destino  
que o signal, só, d'um desejo  
eu deixe marcado aqui:  
— Quero offerecer-te um hymno.  
mas quando eu disser: — *Já vi!* —

Parada de Gonta, setembro de 1864.



NO ALBUM DO MEU AMIGO  
ROCHA PÁRIS

*Páris* : tens um lindo nome,  
mas tens um nome fatal ;  
não te mettas com *Helenas* ;  
não queiras ir dar mais penas  
ao teu pobre Portugal !

Pódes ter irmão valente,  
e acoitar-te ao seu valor ;  
mas se o pae da rapariga  
fôr *Achilles*, e na briga  
nos matar o nosso *Heitor* ? !...

Todos nós ficámos *gregos* !  
Muitos *Enéas* então  
treparão pelas encostas,  
levando *Anchises* ás costas  
e *Ascaninhos* pela mão.

Lê muito a historia d'*Andrómacha* :  
não a esqueças nunca mais ;  
no meio dos teus amores  
lembra de *Troia* os horrores,  
o incendio, o sangue, e os ais.

Tu pódes amar um anjo...  
quem não ama o que ama Deus ? !  
Chamasse-se o anjo *Helena*,  
que eu cá, fazia-o sem pena,  
dizia-lhe logo — adeus ! —

## ARBUSTO MANINHO

*(Ao meu particular amigo Luiz Antonio Nogueira,  
d'Angra do Heroismo,  
quando me participou o nascimento de sua primeira filha)*

Tu já tens visto arbustos na montanha  
que se vestem de flor na primavera,  
mas de pallida flor triste e inodora,  
e a quem jámais dos vendavaes a sanha  
consentiu que ao pastor, á abelha, á fera,  
dêsse um fruto no outomno? Attenta agora  
para mim um momento, e has de, sem custo,  
achar o meu retrato  
n'esse infecundo arbusto.

Pensa depois em ti! vê como é grato,  
após o trabalhar, achar-se um berço,  
ninho alvissimo e quente, em que descança  
avesinha que ri!...

És pae!... Ser pae é viver sempre immerso  
em ondas de poesia e d'esperança;  
é ser mais seu e não pensar em si;  
é trasbordar d'amor;

é derramar prazer do seio a flux;  
é correr, correr sempre cauteloso  
e não saír do quarto, em derredor  
do seu morbido ninho,  
como anda a borboleta em torno á luz,  
a abelha em torno á flor;

é presentir um ai, e alvoroçar-se;  
aprender só de si que se resume  
o almo sustento para o caro implume  
em manjares... de leite e de carinho!...  
Ser pae é ser bemdito do Senhor!

Triste do sêr que ha de viver sósinho  
sem ver um fruto do bemdito amor!  
triste do arbusto que nasceu maninho,  
ornando-o apenas... descorada flor!  
flor que te envio, porque o vento adverso  
m'a quiz poupar a mim!  
depõe-na sobre o berço,  
e ao teu anjo dormente diz assim:

— « Dorme, filha, meu thesoiro,  
ao som das vagas do mar!  
roseos anjos d'azas d'oiro  
venham teu somno embalar!

No mez dos cantos e flores  
nasceste, ó rosa gentil!  
Deus te dê eden d'amores,  
e aromas d'um longo abril!

Primeira estrella fagueira  
d'enamorado pallor,  
primeira flor da roseira,  
primeiro beijo d'amor,

c'rõem-te os iris da esp'rança,  
formem teu leito os rosaes,  
mensagem de bonança,  
pomba da arca de teus paes

Bafeje a Virgem teus olhos;  
o Senhor te firme o andar;  
o vento varra os abrolhos  
do chão que tens de pisar!

Dorme, filha, meu thesoiro,  
que eu velo e guardo-te aqui !  
roseos anjos d'azas d'oiro  
segredam em torno a ti !

Bem longe, em saudade immerso,  
tenho um amigo, um irmão  
que te daria por berço,  
minha filha, o coração ! » —



## À SENTIDA MORTE

do meu especial amigo

ANTONIO D'ALBUQUERQUE DO AMARAL CARDOSO

Eh bien ! prends, assouvis, implacable justice,  
D'agonie et de mort ce besoin immortel !

*Lamarline.*

O sacrario das preces e dos prantos  
abriu-se e nos espera !  
dae ao luto monção, calae-vos todas,  
aves da primavera !

Deixae da penitencia aos psalmos tristes  
as notas da tristeza !  
Onde chora a amizade, é bem que chore  
amiga a natureza.

No verão da existencia a vida é bella,  
risonha, e festival!  
porque pois do ataúde assim nos pedes  
prantos no funeral?!

E nós trazemos prantos bem sentidos  
d'alma na viuvez  
por ti, de quem ficou, triste orfandade!  
orfã segunda vez!

Por ti, a cuja porta nunca embalde  
se encostaram afflictos!  
Por ti, que tantas vezes enxugaste  
o pranto de proscriptos

Mais ricos do que tu eram teus pobres,  
exemplo de virtude!  
Nobre e amigo modelo, em paz descança  
além do ataúde!

Começou-te na infancia o teu martyrio;  
mas, sereno e leal,  
tomaste o amor da patria por divisa!  
por senha — Portugal.

Para longe, bandeiras bellicasas !  
acurve-se o dever  
ante esse vulto digno d'Albuquerque...  
até no padecer !...

Amigo: pouco vale o meu tributo  
de preces e de pranto;  
como pae, como esposa, o que recebes  
vale mais, é mais santo.

Pezou-te Deus da vida na balança...  
o fiel estremeceu !...  
Poz na concha d'além tuas virtudes...  
e devia-te o céu !

6 d'abril de 1859.



## TRINTA E DOIS ANNOS

*(Improviso)*

Trinta e dois annos! É tarde!  
voltar atraz quem me dera,  
a vêr nos campos da vida  
as flores da primavera!

Vou no pendor da ladeira,  
e este declivio é fatal!  
Como vem dar-me tristezas  
o dia do meu natal!...

Tudo o que vejo é tão triste !  
Tudo o que deixo é tão bello !. .  
Como hoje tenho saudades  
do meu berço tão singelo !

Como o estio da existencia  
me abraza de fogo interno !  
como se levantam negras  
as nuvens do meu inverno!

Não é que ao vêr o futuro  
me estremeça o coração ;  
a sorte póde vencer-me...  
intimidar-me, isso não !

Mas sempre, sempre o meu berço,  
a campa lembrar-me vem ;  
porque para a eternidade  
a campa é berço tambem.

E faz tal pena a quem lida  
não vêr chegar um conforto !...  
Vamos ! lidar n'esta faina,  
até que Deus mostre um porto !

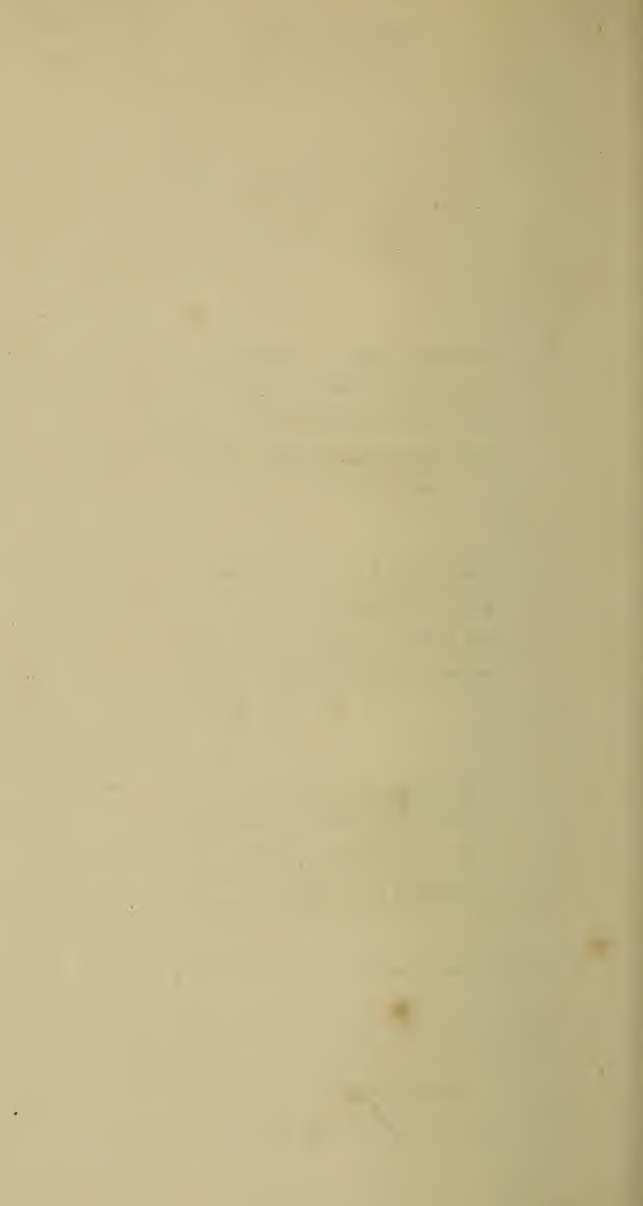
.....  
.....  
.....  
.....

Para bem longe as tristezas !  
valem mais ledos enganos !  
bem haja a pura amizade  
que hoje festeja os meus annos !

Um brinde por vós, formosas !  
por vós, amigos leaes !  
por todos os que são nossos :  
esposos, irmãos, e paes !

Um brinde pelos futuros  
de tanta esp'rança em botão !  
Vae n'elle inteira amizade,  
e completa a gratidão !

Casa da Povia do Arcediago, 1 de julho de 1863.





## MIRAGEM

*(À Excellëntissima Senhora D. Maria da Gloria da Motta P. Velho)*

Eu viajo no centro d'um deserto;  
um mar d'areia ardente os pés me escalda;  
lume vivo do sol, a prumo aberto,  
me tisna a fronte e me incendeia a espalda.

É de chumbo este céu triste e inclemente;  
o vento estruge em harmonias bravas  
o paiz dos bulcões d'areia ardente,  
onde tem sangue a luz e o sol tem lavas.

Paiz immenso, e triste, e sem conforto,  
sem virações do mar, sem frescas fontes !  
tudo uniforme, esteril, mudo, morto,  
dos confins aos confins dos horisontes !

Que mysterio fatal, que negro arcano  
esconde ao mundo este areal tremente ?  
berço talvez do temeroso oceano !...  
tumba talvez d'um povo impenitente !...

Se tivessem chorado, os que morreram,  
aqui houvera fonte abençoada ;  
mas, quaes seus corações aridos eram,  
arida campalhes requeima a ossada...

É pois de meus irmãos cinza esta areia,  
onde não voltou mais a primavera ? !  
E eu... que serei ? espectro que vagueia  
entre pó que foi nobre, e é pó, qual era !

Em vão procuro na soidão calada  
um ponto firme a que segure os braços ;  
sempre estas mãos a tactear o nada ;  
sempre esta areia a falsear-me os passos !

E vejo nos confins dos horisontes,  
em distancia que a vista nunca mede,  
cidades e rosaes, pomos e fontes,  
e morro de fadiga, e fome, e sede

E diz-me a febre: — « Além, entre essas flores,  
ha glorias, ha delicias, ha mulheres!  
poeta, accende o estro! eia! aos amores!  
a dita é perto, e tua é já se a queres!

Sus! sus! caminha! um dia mais! ávante!  
que amor e gloria te reaccenda a esp'rança!  
Poeta, apressa a tua marcha ovante!  
sob o myrto e os laureis feliz descança! »

Enxugo o meu suor; no eden visinho  
seguro a vista, recomeço a viagem;  
e, gasto em luta o dia... ou não caminho,  
ou de mim foge a tentadora imagem!...

Perdi n'esta luta os annos  
da infancia, que vi morrer  
no ermo dos desenganos,  
no areal do meu viver.

Cancei; sentei-me na areia;  
meus olhos não mais ergui,  
convicto, firme na ideia  
de que hei de morrer aqui!

O sol mirrou-me os encantos  
de tanta nobre ambição;  
calcinou-me o riso e os prantos  
a lava do coração.

Que tentadora e que bella  
miragem que eu persegui!...  
Foge, se chamam por ella,  
e chama, quando sorri!...

Se espreitar, n'esse horisonte  
hei de encontral-a!... bem sei!...  
Não quero vel-a defronte;  
não posso correr; cancei!...

Sobre esta convulsa areia,  
firme espero as contorsões  
da morte, que me rodeia  
no esbravejar dos tufões.

'té que o vento, despenhado  
das azas do vendaval,  
cá me deixe amortalhado  
nas dobras d'este areal.

.....  
.....  
.....  
.....

Tal a sorte de quem sonha !  
Um sonho só me perdeu !...  
Tudo é miragem risonha !...  
Verdade, estarás no céu ?...



## UM MOCHO

(Passatempo de um serão de inverno)

*Off. a uma excellente e illustre mãe*

Inda ha muita gente que treme d'agoiros  
de sapos, corujas, aranhas, lacraus !

Eu tenho arriprios d'ouvir os besoiros,  
e fujo dos mochos ! Os mochos são maus !

Bem sei que se riem de ver-me tão fraco,  
que estamos no tempo dos sabios profundos,  
mas eu terei culpa d'odiar um macaco,  
e os olhos d'um mocho redondos e fundos ?!...

Se eu fosse contar-vos milhares de historias,  
que sei, de bizarmas, bruxedos, e fados,  
daria volumes de bellas memorias...  
mas Deus me defenda de tantos peccados !

Um caso... esse conto, que foi verdadeiro ;  
e, visto que estamos tão juntos e sós,  
ouvi-me as maldades d'um mocho agoireiro...  
mas isto, segredo ! que fique entre nós !

Deu-se o caso n'uma aldeia  
d'este nosso Portugal,  
porque na bella Ulysseia  
quem podia crer em tal ?

Senhora nobre e formosa  
foi n'uma granja viver ;  
era mãe tão carinhosa  
como as mães que o sabem ser.

As faces alvas e bellas  
faziam lirios corar ;  
e invejavam-lhe as estrellas  
os raios de puro olhar.



Nas horas dos seus tormentos  
erguia os olhos aos ceus;  
todos os seus pensamentos  
voavam puros a Deus!

Se orava por seu esposo,  
por seus filhos, pae, e irmãos,  
Deus sorria carinhoso,  
e eram dons a plenas mãos.

Entra um dia a febre ardente  
n'aquelle asylo do amor,  
e uma filhinha innocente  
caíu no leito da dor!

Era o quadro do martyrio  
aquelle grupo gentil!  
É triste murchar-se um lirio  
nas alvoradas de abril.

A filha, encostando a frente  
ao seio da triste mãe,  
derramando pranto ardente,  
e a mãe a chorar tambem!

— « Mãe : eu tenho frio e sede !  
Minha mãe, por teu amor !  
põe as mãos ! ajoelha e pede  
por tua filha ao Senhor ! » —

— « Não chores, filha ! são tantos  
os rogos que envio a Deus !...  
Já me conhece os meus prantos,  
e basta que elle oiça os meus... » —

— « Mãe, faze-me outros carinhos ;  
leva-me longe d'aqui...  
mostra-me o rio e os barquinhos  
e as flores que inda hontem vi !... » —

Se abririam mais os talos  
que nos arbustos deixei ? !  
Quero ver os meus cavallos  
que tanta vez abracei. » —

— « Irás, filha, e nos meus braços ;  
lá te espera o sol e o ar,  
e a harmonia dos espaços,  
aves, flores, terra, e mar. » —

Saíram. O mar e os montes  
sorriam á triste mãe;  
o seio dos horisontes  
tem seus affectos tambem.

A filha entre-abre um sorriso;  
á bocca volta o rubi.  
Um raio do paraíso  
descêra e poisára ali!

Expandese o firmamento!...  
Os olhos têm fogo e luz!...  
Eis n'isto um mocho agoirento  
bateu as azas... — « Jesus!...

um mocho na minha herdade!  
e a poisar tão perto... ali!...  
Mensageiro da maldade,  
mocho disforme, fugi!

Meu Deus, não temaes que esteja  
a tremer do encantador!  
mas se olha com tanta inveja  
o meu thesoiro, Senhor!...

Vede-o ! vede-o tão pasmaado !...  
Ai, filha !... esconde-te aqui !...  
Senhor, despede o malvado !...  
Mocho, deixae-nos ! fugi !

Não venhas trazer desgraça ;  
estes lares não são teus !  
No manto da tua graça  
esconde-a d'elle, meu Deus !

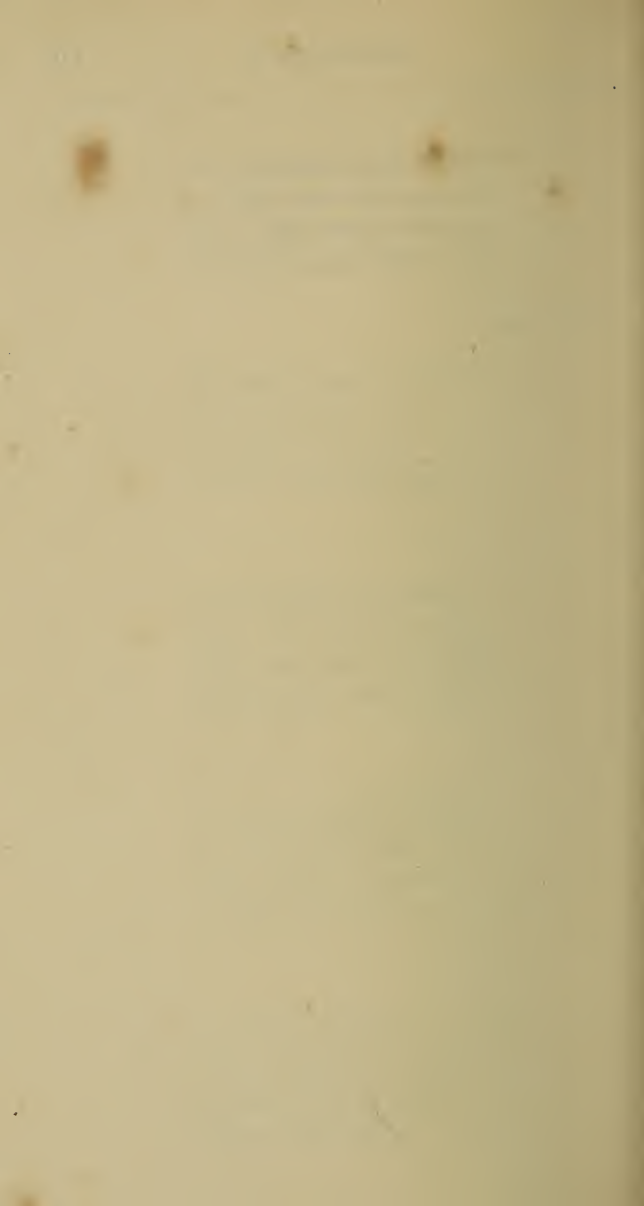
Salva-a, Senhor dos senhores,  
já que outro amparo não tem !  
d'um mocho contam-se horrores...  
eu sou christã... mas sou mãe.

Um mocho na minha herdade !  
um mocho que eu nunca vi !  
Senhor mocho, por piedade,  
eu tenho medo ! fugi ! » —

Em vista da senhoria  
o mocho ergueu-se e partiu.  
A innocente, no outro dia,  
cheia de vida surgiu.

Fique a historia registada;  
Mas em segredo... entre nós!  
Um mocho não vale nada;  
mas eu tenho medo! e vós?

Lisboa, 1864.



## NO ALBUM

DO MEU AMIGO A. DE GOUVEIA OSORIO

(Visconde de Villa Mendo)

*Album*, és junto ao mar a inaccessivel plaga  
onde todo o poeta encalha e emfim naufraga.  
Na capa deve ler-se: — « Amigos, aqui jaz  
a fama d'escriptor de muito bom rapaz !... » —

.....  
.....  
Antonio, a praia má não tem sequer um porto !  
aqui te digo adeus, e dou-me já por morto.





## ADEUS

*(Para ser recitado, no Brazil, pela nossa primeira actriz  
Emilia das Neves)*

Brazil, já vou partir! Eis o tremendo instante  
de vos deixar emfim, a vós, que sois tão meus!  
á patria irmã da minha, irmã formosa e amante!  
e ás palmas! e ao triumpho! Adeus, Brazil! Adeus!

Vim, peregrina da arte, em férvida romagem  
pedir ao mundo novo — amor, ardencia, e luz.  
De muito me sorria em celestial miragem  
teu rosto virginal, terra de Santa Cruz.

Ha muito que anhelava o enthusiasmo ardente  
que me de cá sorria e me bradava além :  
— « Oh ! vem, sacerdotisa ! o templo está patente ;  
o altar, accezo ; e a orchestra, a tua espera ! — vem ! » —

Vim demandar o templo... achei um capitolio !  
palmas, o pavimento ; o sobreceu, laureis ;  
a arte, que me sorri, diz-me que ascenda ao solio ;  
vestem-me a stringe e o manto os crentes mais fieis !

Subo ao altar submissa... eis o estrondear da festa  
a dar-me fogo ao seio, a erguer-m'o de paixão !  
Onde era a pobre actriz que vinha tão modesta ? !...  
Ó enthusiasmo ! ó gloria ! ó alma ! ó coração !

.....  
.....  
.....  
.....

Não mais !... Corre, meu pranto ! Após o sol da gloria  
as trevas da saudade, a inconsolavel dor !...  
De tudo resta só... fiel, grata memoria,  
que sempre hei de guardar entre a saudade e o amor !

---

Que luto é o luto d'alma ! alma que se desterra  
partido o seio em dois, e em dois affecto igual !  
eu volto ao meu paiz... mas deixo a minha terra !  
Consente-m'o, Brazil ! consente-o, Portugal !

Adeus ! já vou partir ! Eis o tremendo instante  
de vos deixar emfim, a vós, que sois tão meus !  
á patria irmã da minha, irmã formosa e amante !  
e ás palmas ! e ao triumpho ! Adeus, Brazil ! Adeus !



## NO ALBUM

DA EXC.<sup>ma</sup> SNR. \* D. MARIA ANNA PAES BARRETO

(de Pernambuco)

Ave estrangeira, soltas  
o vôo altivo ao largo!  
é-me tão triste e amargo  
pensar que já não voltas!...

Vi-te um momento, e após,  
fantastica visão,  
levas contigo a luz!  
e n'esta cerração  
fica a pesada cruz  
d'uma saudade algoz!

Não crês? teu alto espirito,  
que n'esse olhar transluz,  
abona-te os protestos  
que solta a minha voz.

Vae! vae-te! e lembra sempre  
est'hora em que te vi!  
que não te esqueça o culto  
que ficas tendo aqui.

Ave estrangeira, soltas  
o vôo altivo ao largo!  
oh! como é triste e amargo  
pensar que já não voltas!

Lisboa, 9 d'abril de 1865.

## A MINHA ESTRELLA

(A...)

A minha estrella é tão bella,  
é tão brilhante no ceu,  
que eu vivo e morro por ella !  
mas este amor é só meu ;

só ! que este segredo amigo  
ninguem no mundo ouvirá :  
commigo sempre, commigo  
na sepultura entrará !

Ai d'ella, ai de mim, se um dia  
transluzisse o meu amor!  
Estrella, quem julgaria  
virginal o teu pallor?!

Coráras d'outras estrellas  
ao motejo desleal,  
tu, a formosa entre as bellas!  
tu, a angelica vestal!

que tudo se crê manchado  
ao fatal contacto meu!  
se digo um nome adorado,  
na pobre lanço um labeu!

Sou tal como ave agoirenta  
em seu nocturno pregão  
fazendo côro á tormenta!  
Vê tu que negro condão!

Já vês, estrella, que o nivel  
que nos deu raias fataes,  
poz entre nós o impossivel!...  
Por isso te amo inda mais!...



Vive entre os astros, ó bella,  
não queiras nunca descer!  
antes quero amar-te *estrella*,  
do que abraçar-te *mulher*!

Não desças do firmamento,  
do teu ceu, do teu altar,  
ao baixo nivelamento  
em que me vês rastejar.

Se do ceu teu rosto é filho,  
se é teu pallor divinal,  
não queiras manchar-lhe o brilho  
nas lamas do tremedal.

O Deus que tudo reparte  
compensa-nos tudo aqui:  
sei que não posso lograr-te...  
mas posso morrer por ti.

E por ti morro, alto o digo!  
por ti, meu santo fanal!  
meu astro bondoso! amigo!  
minha candida vestal!

Sou qual nauta aventureiro,  
que, a sua estrella a mirar,  
busca um porto hospitaleiro...  
e acha sempre o ceu e o mar.

.....  
.....  
.....  
.....

Nunca! nunca!... pois é crível?!  
que fazeis, marcos fataes?  
fazeis... tentar o impossivel!  
querel-a, amal-a inda mais!...

Parada de Conta, outubro de 1856.

## MINHA BARCA!

*(À Excellentissima Senhora D. J. G. Gavicho)*

Minha barca, ao largo! ao largo!  
longe a praia, longe o mundo!  
ao sentir, que é tão profundo,  
a soidão sómente apraz.  
Fiquem lá na terra embora  
os mimosos da ventura;  
barca, dá-me a aragem pura,  
as soidões, o ermo, a paz!

Dá-me a paz, que entre os humanos  
chamo em vão, e em vão desejo;  
onde busco e nunca vejo  
o que pede o coração;  
onde espiam nos meus olhos  
um segredo, um sentimento,  
e um ouvido ha sempre attento...  
Barca, dá-me a solidão!

Prôa ao mar, e o rumo á sorte,  
minha barca airosa e bella!  
venho'o sul! venha a procella!  
que te importa o temporal?  
Sobe as vagas! desce! vôa!  
rasga a vela! quebra o leme!  
Coração triste não teme  
escarceus, nem vendaval!

Adeus, praia! adeus, familia!  
adeus, prados! adeus, relvas!  
adeus, canticos das selvas!  
adeus, rosas dos salões!  
minha barca, solta e livre  
como a rosa destroncada,  
vai contente acalentada  
entre os braços dos tufões.

Se eu achar por sepultura,  
ao fugir do mundo ás maguas,  
vosso abysmo, ó fundas aguas,  
quem pranteia o martyr ? quem ? !  
E se um vento bonançoso  
me encontrar sósinho e absorto,  
e levar a barca a um porto,  
quem me acolhe ali ? — ninguém !...

Minha barca, ao largo ! ao largo !  
longe a praia, longe o mundo !  
ao sentir, que é tão profundo,  
a soidão sómente apraz.  
Fiquem lá na terra embora  
os mimosos da ventura ;  
barca, dá-me a aragem pura,  
a soidão... a morte em paz !...



## VERSOS

*Que os filhos de Camillo Castello Branco offereceram  
com uma corôa de louros  
a Antonio Feliciano de Castilho  
na occasião em que elle assistia d'inauguração  
d'um monumento  
que lhe era consagrado  
na quinta de S. Miguel de Seide*

Por entre cantos e flores  
chegaste, rei da poesia,  
como um clarão d'alegria  
jorrando em mansão d'amores.

onde ha rei, ha sceptro e solio !  
Rei, vimos trazer-te a c'rôa.  
Tens maior côrte em Lisboa,  
não tens melhor capitolio.

Somos de troncos robustos  
os loiros, os tenros gomos.  
Das flores surgirão pomos?...  
se Deus regar os arbustos!

Porque és grande, hão de os vindoiros  
dar-te a sagração dos hymnos;  
porque és bom para os meninos,  
toma esta c'rôa de loiros.

Nossa c'rôa e nossas flores  
guarda em saudosa memoria; —  
o monumento é da gloria;  
a c'rôa é só dos amores.

Vaes partir! leva-a contigo,  
e jura por teus carinhos  
que, em nós já sendo homemzinhos,  
serás nosso mestre e amigo.

Quinta de S. Miguel de Seide, julho de 1866.



JÁ?!

(A...)

Já?! tão cedo o sol fulgente  
foge do nosso hemispherio,  
e ficamos sob o imperio  
d'uma noite escura e só?!  
Porque veio a luz do oriente  
mostrar-nos tantos fulgores,  
para venturas e amores  
tudo vermos feito em pó?!

*Não vale mais nascer cego  
do que ter vista e perdê-la ? <sup>1</sup>*  
Lembra a flor, e lembra a estrella,  
que amámos. Que negra dor !...  
E que ancioso dessocego,  
nos effluvios da saudade,  
que exhala a flor da amizade,  
que chora a estrella do amor !...

— Adeus — é triste e agoireiro !  
e os corações que desune,  
se nova estrella os reúne  
às vezes... nem todos são.  
No momento derradeiro  
d'um adeus de despedida,  
murcha sempre a flor da vida,  
chora sempre o coração !

Adeus ! Que tristeza agora !  
que longa melancolia !  
vermo-nos inda outro dia  
quem sabe se a Deus apraz ? !  
Adeus, fulgores d'aurora !  
adeus, iris de bonança !  
ó rosas, nuncias d'esp'rança !...  
adeus, ó pombas da paz !...

<sup>1</sup> Cantiga popular.

O prazer dura momentos ;  
e lega sempre a amizade,  
n'um tributo de saudade,  
tristezas de solidão !  
De solitarios tormentos  
cheia a balança da vida,  
chega a quebrar d'opprimida  
seu fiel, — o coração !

Parada de Gonta, 15 d'outubro de 1858.



## LOUCURAS

(A...)

Tudo assim vae ! tudo vacilla e verga !  
tudo se esfolha, se esmorece e pende :  
o roble adusto que o tufão posterga,  
a flor d'um dia que uma brisa offende !

Tudo assim vae ! Na solidão, perdida,  
morre a affeição, á mingua d'uma palma ;  
a fé mais viva se esmorece na alma ;  
no seio, a flor ; e no sepulchro, a vida.

O ramo que hontem, conchegado ao peito,  
sorria aos olhos, perfumando as galas,  
hoje esfolhado pelo chão, desfeito,  
vôa disperso tapetando as salas.

A virgem que hontem scintillava pura,  
estrella d'ava d'um risonho dia,  
hoje... dá risos que não têm magia,  
hoje... tem frases que não dão ventura !

Tudo assim vae ! tudo vacilla e verga !  
tudo se esfolha, se esmorece, e pende :  
o roble adusto que o tufão posterga,  
a flor d'um dia que uma brisa offende !

Tudo assim vae ! Na solidão, perdida,  
morre a affeição, á mingua d'uma palma ;  
a fé mais viva se esmorece na alma ;  
no seio, a flor ; e no sepulchro, a vida !

Que triste que estou n'esta hora  
de desconforto mortal !  
como asylo sepulchral,  
onde um sorriso não mora !

Parecem meus tristes ais  
prantos de noite sem brilhos,  
lamentos d'aves sem filhos  
nas franças dos cyprestaes.

Alma presa, esmorecida  
entre as algemas da dor,  
como entre cardos a flor  
em rocha d'ermo nascida !

Seu brilho escondido em pó,  
bastarda das primaveras !  
estranha ás auras e ás feras,  
triste, murcha, ingloria, e só !

Mirram-te n'esses algares  
as lavaredas do sol ;  
vaes apagar-te, pharol  
dos meus inhospitos mares...

vaes, que ninguem te conduz  
mais oleo durante o dia,  
nem tens nocturno vigia  
que alimente a tua luz !

Mirra a flor o sol ardente,  
se o orvalho a não vem salvar;  
e apaga as luzes do altar  
do vento um sopro vehemente.

Como a planta sem frescor,  
e como a luz do ar batida,  
morres afogada em vida,  
morres á mingua d'amor.

Mulher, não tens culpa; eu sei  
que foi sina do meu berço  
perder-me, em ancias immerso  
de mil sonhadas quimeras:  
sonhei-te qual tu não eras;  
busquei-te... não te encontrei...  
foi minha a culpa, mulher!  
As rosas que tu me deras  
vi-as murchar e morrer...  
eu bem sei o que são flores!  
As fallas que me disseras  
porque as havia de eu crer  
mais que de banaes amores?

Tu não tens culpa das dores  
que ando a padecer na vida



dês que te vi; não tens, não !  
as minhas penas, querida,  
devo-as... ao meu coração.

Ver-te e amar-te em doce enleio  
era uma religião,  
de que me déste o baptismo :  
o Deus, era o teu amor ;  
teu seio d'almo candor,  
era o vaso d'eleição,  
em que o fogo do heroismo  
ardia em vasto clarão.

cheguei vacillante e só  
á mesa da communhão...  
mas a hostia, o sacro pão,  
amargava a scepticismo !...  
o Deus dissipou-se em pó !...  
o altar tornou-se balcão !...  
caí do templo no abysmo !

Eu quiz o teu amor como um conforto.  
No pelago das mil tribulações  
serias galvanismo d'este morto,  
que boiava á mercê sobre baldões ;  
e nas horas de dor e d'afflicção  
nunca o teu nome invocaria em vão.

Eu quiz o teu amor para meu guia  
nos caminhos da vida que eu não sei...  
cegou-me o teu olhar; fugiu-me o dia;  
e após, da minha mão, a mão que amei !  
e nas penas da minha escuridão  
era o teu nome que invocava então.

Eu quiz o teu amor para a meus cantos  
dar fé, calor, e vida, que não têm ;  
para ensinar-me á lyra o riso e os prantos,  
os fogos da paixão e os ais também ;  
e, quando a Deus pedia a inspiração,  
era o teu nome que invocava então.

Eu quiz o teu amor como um sacrario,  
onde eu fugir pudesse á minha dor.  
Doía-me o rigor do meu fadario ?  
ia buscar allivio em teu amor :  
pois, quando me expulsava a ingratitude,  
era ao teu seio que eu voava então !

.....

.....

Fallo, e não me ouve ninguém !  
eis-me assentado sósinho  
junto á beira d'um caminho  
que não sei onde conduz !  
pobre mendigo d'amores,  
sem pão, sem agua, sem luz !...

.....

.....

Não tens culpa ! eu bem conheço  
que fado nasceu commigo !  
De ti sei... que és meiga e pura !...  
Deus te dê tanta ventura  
quanta me fugiu comtigo !...

Julho de 1854.



# OS SONHOS DO ESCRAVO BRANCO

(Fragmento)

*Ao meu particular amigo  
Julio Cesar de Faria Coutinho e Castro  
auctor do drama  
« Antonio, o engajado »*

Nas soidões do novo mundo,  
passando as virgens florestas  
onde o paiz não tem sombras,  
nem o trabalho tem sestas,

junto aos sulcos fecundantes  
das plantações d'uma roça,  
dormia um branco algemado  
no centro d'immunda choça.

Fugiu por matar saudades :  
cortou-lhe os membros o açoite ;  
em prantos gastára o dia,  
em visões passava a noite.

Por entre os fundos gemidos  
escutae-lhe as amarguras...  
(Inda o pincel da ironia  
a desenhar-lhe venturas!) :

.....  
.....  
.....  
.....

— « A patria, os irmãos, a esposa,  
todos chamando por mim!...  
Se vissem como é formosa  
esta terra... este jardim!...

Bem vejo o triste colmado  
a reclamar-me d'além...  
e o lenço branco ensopado  
co'os prantos de minha mãe!..

Como hei de ás praias amadas  
voltar da patria gentil,  
*se tenho as mãos carregadas*  
*co'as riquezas do Brazil!...*

Oh! se elles d'além, das aguas  
vissem meus *aureos grilhões*,  
não mais curtiriam maguas  
dentro de seus corações!...

Mataram-me estes algozes...  
mas que o não saibam meus paes!... » —

.....  
.....  
Perdeu-se o resto das vozes  
entre gemidos e ais.

Vigore-se o trabalho ao sol da liberdade!  
pereça a escravatura, opprobrio das nações!  
morra-se de fadiga... é lei da humanidade!  
mas nunca acceite um livre açoites, nem grilhões!

Brazil, terra d'irmãos! aqui no *mundo velho*  
fugiu de nossas leis a condição servil!  
Tu que és do *novo mundo* o sol, o guia... o espelho...  
és muito grande já... pois sê maior, Brazil!...





## ESTERILIDADE

(No album da Excellentissima Senhora D. Maria Leonor de Castilho)

Chego, após tanta demora  
em te pagar o meu preito,  
cançado, triste, e desfeito,  
á tua porta, senhora.

É tão crua a sorte minha  
que, após um anno d'espera,  
trago o teu *cofre* qual era...  
só rico do que já tinha.

Não sabes quanto consome  
os campos o inverno enxuto?...  
não colhi flores, nem fruto...  
foi mesmo um anno de fome!

Na primavera inda os gomos  
dos meus arbustos sem seiva  
pediram á sêcca leiva  
sustento para os seus pomos;

mas veio o abrazado estio  
trazer-lhe' affrontosa morte,  
completando d'esta sorte  
as gentilezas do frio!

Tens tantos dons, és tão nobre,  
que certo has de ter piedade  
de tanta esterilidade,  
do teu rendeiro tão pobre.

Esp'rando em annos futuros  
mais formosa primavera,  
venho hoje pedir-te espera  
do capital e dos juros.

## AS NOVAS CONQUISTAS

*(Off. ds classes operarias de Portugal)*

As nobrezas d'outr'ora são da historia,  
que em lettras d'oiro illustra acções de guerra.  
Correram tempos; transformou-se a gloria :  
Mais val que a luz do incendio, a que illumina ;  
mais faz que espada ou lança, escopro e serra ;  
mais que mil arsenaes, uma officina.

Hoje é o trabalho o campo da batalha ;  
a industria faz plantão, fachina, e guarda ;  
soldado e general é quem trabalha ;  
é mais condecorado o que mais faz ;  
é-lhe bandeira, a sciencia ; a blusa, farda ;  
e santo e senha — diligencia e paz.

Não condemno o que foi ; canto o que vejo  
dar lustre ao meu paiz, e á minha idade :  
respeito a gloria antiga, não n'a invejo,  
que me não vale os bens que ora contemplo  
surgir d'entre o labor da humanidade.  
Tem fastos o presente ! Ouvi-me um exemplo :

.....  
.....

Tinha acabado a festa ; e eu vim sósinho  
escutando os conceitos dos convivas  
que saíam, como eu, do templo civico  
tão rico de lições.

Fôra a festa brilhante : enlevo d'olhos,  
as mulheres e as rosas ;  
enlevo d'alma, as oblações saudosas  
a dois grandes varões,

filhos e astros da patria em que nasceram,  
que viveram por ella, e que lhe deram  
almas, braços, palavra, e corações;  
exemplo a registrar: a paga á vista  
d'uma divida santa ao varão forte  
que emprega a vida em arrancar á morte  
o naufrago que anceia entre os baldões  
das ondas procellosas.

A esmola ao pobre; o refrigerio ás dores;  
os premios ás fadigas do operario;  
e, como para esmalte ao santuario,  
as graças da mulher, musica, e flores.

Á porta baixa de modesto albergue  
o que escutei é bem que oiçaes tambem;  
são sinceras palavras d'um artista  
fallando a sua mãe:

— « Eis-me! cheguei, velhinha! acceita o meu diploma,  
premio do meu trabalho, honra de minha mãe!  
O meu formoso quadro!... hei de envial-o a Roma!  
e o diploma na arca, oh! guarda-o, guarda-o bem!

e quando algum visinho... um d'esses preguiçosos  
que choram noite e dia o alheio galardão,  
vier fallar de mim com olhos invejosos,  
e desdenhar do artista ennobrecido, então

tira-o do fundo da arca, e aponta-lhe o meu nome !  
que leia, que decore as frases de louvor !  
e dize-lhe, ateando a inveja que o consome :  
— Vêde ! meu filho é isto ! e vós que sois, senhor ? » —

— « Deixa abraçar-te, meu filho !  
meu pequeno artista ! vae  
seguindo sempre esse trilho  
que te ensinára teu pae.

Teu pae, sim, que te abençoa  
d'além da campa onde jaz ;  
do reino, onde a eterna c'ròa  
floresce em perpetua paz.

Conta-me, filho, o que viste  
n'essa festa que eu não vi ;  
e que tudo quanto é triste  
fuja bem longe d'aqui. » —

E a mãe beijava-lhe a testa,  
e o filho abraçava a mãe !  
Era o epilogo da festa ;  
olhos profanos não o vêm.

— « Mãe : imagina um templo armado em grande gala !  
entre modesto e rico, entre officina e sala ;  
altar, sem supedaneo, ou cruz, ou sobreceus,  
onde o trabalho só tenha o logar de Deus ;  
flores, luzes, orchestra, enchendo o santuario ;  
e pontifice — o puro, o fêrvido operario ;  
entre o opulento e o pobre, os homens do saber ;  
entre o ministro e o par, as graças da mulher.

Ahi tens o templo.

Agora o que lá foi d'encanto  
já sei que vaes ouvil-o, ó mãe, banhada em pranto,  
que os extasis traduz d'um grande coração !

Qual em sagrado altar, no topo do salão  
ha tres retratos, tres, em tres molduras d'oiro,  
e cada um d'elles, mãe, vale o melhor thesoiro.  
Os nomes ouve agora, e vê que a minha voz  
treme de os proferir, mesmo de sós a sós !  
Se isto não é o assombro ante os clarões da gloria,  
desça da base a estatua ! acabe o preito á historia !  
Não ! não ! que o sinto aqui, no coração fiel !

Um d'elles (curvo a fronte) é Passos, Manoel !  
dos liberaes sem mancha exemplo e incitamento ;  
o que do povo ouviu lamento por lamento,  
e a cada pranto novo abria o coração.  
Teve dos seus o amor ; não quiz mais galardão.

Modesto e bom viveu ; morreu honrado e pobre.  
Que nome tão singelo ! e que alma grande e nobre !  
O coração, a vida, a paz, tudo elle deu  
á patria, á liberdade, a tudo o que foi seu !

O outro... era... o amigo... o pae dos opprimidos...  
Quero dizer-lhe o nome, e abafam-m'o os gemidos !  
Esse tribuno invicto, essa inspirada voz,  
que era o terror, o encanto, o amor de todos nós !  
Sabes ? quem não conhece esse orador sublime ?  
O abrigo da virtude ? o raio contra o crime ? !  
Era impossivel, mãe, quando elle ia a passar,  
ver-nos sem nos sorrir, vel-o sem o saudar.  
Animava-se a patria em elle erguendo o braço !  
media d'um só vôo as amplidões do espaço !...  
Parece-me ainda vel-o, o augusto campeão,  
cheio de fé e esp'rança o altivo coração  
em que do amor da patria o sacro incendio lavra !  
Gigante da tribuna ! artista da palavra !  
Corôa-lhe um fulgor sublime, divinal,  
a fronte mais gentil que teve Portugal !  
Falla ?... prendeu-nos já ! somos do seu encanto ;  
choramos entre o rir ; rimos por entre o pranto ;  
fulmina, implora, manda... ás vezes sem fallar,  
que tudo falla n'elle : o rosto, o gesto, o olhar !  
Nas lidas do trabalho andou a sua enxada ;  
e nas da liberdade, a voz, a penna, a espada.  
Se um despota assomar... Tu choras, minha mãe ?  
o morto deixa a campa ! Oh ! vem ! juro que vem !



Chora... por elle não : foi-lhe madrinha a gloria ;  
e pantheon a campa, e apothéose a historia.  
Chora, porque lhe é grato o preito funeral ;  
chora por ti, por mim... por este Portugal !

Ao pé de taes varões, á sombra d'esta gloria,  
quem pódes tu suppor que estava ali ? que historia  
te parece condigna á historia d'estes dois,  
que dêsse um companheiro ás sombras dos heroes ?  
Um navegante audaz, temido em toda a parte,  
que fosse além do oceano erguer nosso estandarte ?...  
um sabio conselheiro ?... um general, talvez,  
que dêsse fama e lustre ao nome portuguez ?...  
Mas se elle é tão modesto, e o nome é tão singelo !  
Se fosse Gama, ou Castro, ou Pinto, ou Sousa, ou Mello !  
se, á mingua d'appellido illustre, fosse... par,  
conde, barão, ou duque... enfim um titular !...  
se, ao menos, do thesouro houvesse um bom salario !...  
mas é plebeu e pobre o triste do operario !...  
Eu disse — *do operario* ? achei-lhe a profissão !  
n'isto se cifra idéa, e braço, e coração.  
Seu nome vou dizer, rouba-l-o a ingrato olvido :  
Joaquim Lopes !... vês ? nem mais um appellido !  
Defronte do retrato estava o original.  
Votar a gloria em vida é raro em Portugal ;  
pois fez-se ali ! Por Deus ! consola que aos artistas  
coubesse o posto d'honra á frente de conquistas  
que hão de livrar do opprobrio a historia das nações,  
livrando da miseria os Miltons e os Camões.

O velho estava ali, ao pé da sua gloria,  
entre os seus bons irmãos, ante o sorrir da historia.

Mas d'este honrado velho a grande acção qual é?  
porque teve honras taes? Queres saber porquê?  
Pergunta aos vagalhões do oceano revoltoso  
se elle tremeu jámais ante o seu ronco iroso;  
se os filhos, com seu choro, a esposa, com seus ais,  
com seu escuro a noite, o raio, os vendavaes,  
fizeram trepidar o velho ante o presagio,  
as lutas, o clamor, as ancias d'um naufragio.  
Mal que do mar á praia assoma um ai de dor,  
na salvadora barca o homem salvador  
lá corre, sobranceiro ao horror do cataclysmo,  
salvando a vaga e vaga abysmo sobre abysmo!  
o corpo sem vigor, que a onda ia tragar,  
encontra um braço e um lenho, e sobre a praia um lar.  
Ganhou (que os traz ao peito) habitos e medalhas,  
nunca matando irmãos, mas a rasgar mortalhas!  
Olha a distancia, ó mãe, que vae de heroe a heroe:  
um mata, outro dá vida; um salva, outro destroe.  
Que é do que em prol d'irmãos a sua vida emprega?  
ninguem na turba o vê! pois se a justiça é cega!  
Ao filho, pois, do povo, o povo ennobreceu;  
mais que reaes mercês o povo ao povo deu.

Quando orares aos pés do celestial monarcha,  
roga-lhe ampare sempre o remador e a barca!

Era a noite para as glorias  
do homem que lida e sua,  
co'a fronte curvada e nua,  
noite e dia em seu mister;  
para artistas e operarios,  
de cujas mil officinas  
surdem creações divinas  
que o mundo pasma de vêr.

Ali, pois, houve seu premio  
todo o esmerado trabalho  
que a serra, o tear, o malho,  
buril, escopro, ou pincel,  
mandou á cidade heroica;  
lidei por elle, ganhei-o;  
inda guardas no teu seio  
o documento fiel.

Escuta o final: — Á America,  
senhora d'além dos mares,  
terra dos virgens palmares  
e dos virgens corações,  
levou seu facho a discordia  
com seu cortejo d'horrores,  
e sobre frutos e flores  
jorra o sangue em borbotões.

Lambem as linguas do incendio  
villas, plantações e roças,  
e dos casaes e das choças  
foge o colono infeliz.  
Deixa a aldeia pelo exercito...  
a lida pelas batalhas...  
o sulco pelas muralhas...  
E assim se mata um paiz!

Perde a canna o humor dulcissimo ;  
seu doce fruto, o coqueiro ;  
e o modesto cafézeiro  
perde o seu pródigo grão ;  
o ananaz, a pinha opipara ;  
a bananeira, os seus cachos ;  
perde os seus alvos pennachos  
o humanitario algodão !

O algodão, que da indigencia  
era a barata limpeza,  
o aceio de leito e mesa.  
roupa, mortalha, enxoval ;  
o algodão, que a tanto artifice  
dava o pão quotidiano,  
eil-o extincto além do oceano,  
eil-o extincto em Portugal !

Andam por isso operarios  
nas vastas praças do Porto,  
sem trabalho e sem conforto,  
a mendigar o seu pão...  
Mãe, deixa correr as lagrimas,  
porque o pranto a dor acalma !  
Isto ennegrece a nossa alma !  
Isto parte o coração !

Já vês que á festa, que a gloria  
deu para exemplo á cidade,  
veio meiga a caridade  
erguer as sagradas mãos.  
Ninguém lhe negou seu óbolo !  
Entre artistas como é nobre  
a esmola de pobre a pobre !  
socorro d'irmãos a irmãos !

Á porta da sala esplendida,  
Ai, mãe ! como isto consola !  
ia dar... *a grande* esmola  
do parco dinheiro meu,  
e duas donzellas candidas,  
tão lindas como os amores,  
trocaram-m'o todo a flores,  
que têm aromas do ceu.

Toma-as; põe-n'as no oratorio  
aos pés da Virgem Maria,  
e has de ver quanta alegria  
o bento ramo nos dá.  
Nas horas das tuas maguas  
conchega-as ao peito, aquece-as;  
a caridade conhece-as,  
e a Deus por nós pedirá! » —

E a mãe beijava-lhe a testa,  
e o filho abraçava a mãe!  
Era o epilogo da festa;  
olhos profanos não o vêem.

Ahi tendes loiros d'hoje; as ultimas conquistas  
d'um povo culto e bom não têm outro braço.  
Pede o trabalho a c'rôa ao templo dos artistas  
para a levar, submisso, ao templo da nação.

Olhae pelo presente, idolatras da historia!  
deixai o cemiterio! ao berço vos chegae!  
pelos cuidados de hoje haveis riqueza e gloria;  
é bom filho o trabalho a quem souber ser pae.

## FOGE!

*(N'um album)*

Lisboa é como o abysmo : espanta, prende, e mata !  
fascina, attrae, algema, o eterno borborinho !...  
Feliz, oh ! bem feliz, o que o grilhão desata,  
e póde ainda fugir buscando o patrio ninho !

Circumda-a florea relva, aromas, oiro e cantos,  
palacios, e jardins ; no centro, o antro, o inferno,  
profundo, cavernoso, a vomitar espantos,  
onde o prazer se esvae ante o lamento eterno.

.....  
.....  
.....  
.....

Ave da brenha alpestre, ao ledó canto esquiva,  
fadada já por Deus para cantar só maguas,  
cruzei o espaço azul buscando uma luz viva  
que vi lá da montanha a dardejar nas aguas.

Voei... voei... a luz crescia no horizonte !...  
— « Adeus, gratas canções ! adeus, soidão celeste !... » —  
Era já longe o extremo alcantilado monte,  
onde ha mato florido, onde ha perfume agreste.

Aqui o plaino infindo ; aqui, o mar immenso ;  
aqui, o hymno altivo em vez da humilde prece ;  
além, ar transparente ; aqui, profano incenso,  
que torna fosca a luz, que embriaga, que endoidece.

Cheguei ; parei ; desci ; poisei n'esta voragem,  
que rouba o amor do seio, a candidez das almas !  
crestou-me a chamma a branca, a mórbida plumagem ;  
poisei sobre um pragal onde sonhava palmas !



Tudo perdi !... 'té mesmo o raio d'alegria  
que em triste coração no intimo sacrario  
arde escondido e só, como da campã fria  
nas fendas nasce e cresce um goivo solitario,

por fim se me apagou !... Tudo perdi, senhora !  
Troquei, pela do incendio, a luz da primavera.  
Volto bem outro á vida, ao meu paiz d'out'ora,  
mais pobre do que vim, mais triste do que eu era.

Ó pomba, fuge ! fuge ! Este murmurio eterno  
aturde e abafa a voz da patria tão querida ;  
mas não leves, como eu, saudades d'este inferno,  
Onde me fica morta... uma porção da vida !...



## FAÇO IDEIA

(*N'um album*)

— « A proprietaria do livro  
que te aqui deixo, Thomaz,  
é minha amiga ; e verás  
que não tem nada de feia . » —

— « Faço ideia. » —

— « É Beatriz. » —

— « O nome é lindo... » —

— « E o corpo ? airoso e gentil...  
e aquelle nobre perfil...  
e a fronte que o orgulho alteia... » —

— « Faço ideia ! » —

E vai fugir-nos, poeta !...  
cançada já de festins,  
troca os salões por jardins,  
a capital pela aldeia !... » —  
— « Faço ideia. » —

— « Não fazes ideia ; enganas-te :  
não póde haver fantasia  
que sonhe inteira a magia  
de que Beatriz se rodeia. » —  
— « Faço ideia... » —

— « Ai fazes ? !... pois n'esse caso  
descreve-a assim — tal e qual. » —  
— « Mas... sem ver o original ?... »  
— « Amigo, não se arreceia  
quem faz ideia... » —

O meu amigo, senhora,  
que a verdade não falseia,  
fez assim vosso elogio,  
e eu fiquei... *fazendo ideia !*

## A JUDIA

*Recitada*

*pela actriz Emilia Adelaide Pimentel, no theatro de D. Maria II  
em a noite de seu beneficio*

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;  
a riba, silenciosa; a viração, subtil;  
a lua, em pleno azul erguia o rosto ameno;  
no ceu, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo; airoso barco ao largo  
bordava aureo listão do Tejo ao manto azul;  
cedia a natureza ao celestial lethargo;  
traziam meigos sons as virações do sul.

Ó noites de Lisboa ! ó noites de poesia !  
auras cheias d'aroma ! esplendido luar !  
vastos jardins em flor ! suavissima harmonia !  
transparente, profundo, infindo, o ceu e o mar !...

Se a triste da judia ousasse ter desejo  
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu :  
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,  
e eleito da minh'alma um coração só meu !...

.....  
.....  
.....  
.....

Corria branda a noite ; immersa em funda magua  
fui assentar-me triste e só no meu jardim ;  
ouvi um canto ameno ! e um barco ao lume d'agua  
vogava brandamente. A voz dizia assim :

— « Dormes ? e eu velo, seductora imagem,  
grata miragem que no ermo vi ;  
dorme — 'Impossivel — que encontrei na vida !  
dorme, querida, que eu descanto aqui !

Dorme ! eu descanto a acalantar-te os sonhos,  
virgens, risónhos, que te vem dos ceus :  
dorme ; e não vejas o martyrio, as maguas,  
que eu digo ás aguas, e não conto a Deus !

Anjo sem patria, branca fada errante,  
perto ou distante que de mim tu vás,  
ha de seguir-te uma saudade infinda,  
hebreia linda, que dormindo estás.

Onde nasceste ? onde brincaste, ó bella,  
rosa singela que não tens jardim ?  
Em Jafa ? em Malta ? em Nazareth ? no Egypto ?...  
mundo infinito, e tu sem berço ? ! oh ! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,  
victima imbelle que um tufão roubou !  
flor que n'um vaso se alimenta, crece,  
ri, desaparece, e nunca mais voltou !

Filha d'um povo perseguido e nobre,  
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê :  
sempre Ashevero a percorrer a esphera !  
desgraça austera ! inabalavel fé !

porque ha de o lume de teus olhos bellos,  
mostrar-me anhelos d'infinito ardor ?  
porque esta chamma a consumir-me o seio ?...  
Deus de permeio nos maldiz o amor !...

Peito ! meu peito, porque anceias tanto ?  
pranto ! meu pranto, basta já, não mais !  
é sina, é sina ! remador, voltemos ;  
não n'a acordemos... para quê, meus ais ?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,  
grata miragem que no ermo vi ;  
dorme — Impossivel — que encontrei na vida !  
dorme, querida, que eu não volto aqui ! » —

Sumiu-se a barca, e eu chorava  
debruçada sobre o Tejo ;  
a aragem trouxe-me um beijo  
que nos meus labios tomei...  
ergui-me cheia d'affecto ;  
vi scintillar inda a esteira  
da barquinha feiticeira,  
e disse ás auras : — « Correi !



trazei-m'o! quero contar-lhe  
o fundo tormento enorme  
da judia que não dorme  
a penar d'ignoto amor!  
voae! trazei-me o seu nome,  
o seu retrato, o seu canto,  
uma baga do seu pranto...  
que venha! o meu trovador!...

Ai, não! que ha na minha historia  
que lhe suavise a tristeza?  
Nasci na triste Veneza,  
onde perdi minha mãe;  
acalentaram-me lagrimas  
que derramava a saudade,  
na desgraçada cidade  
que não tem patria tambem <sup>1</sup>.

Cresci; meu pae uma noite  
disse-me: — « É já tempo agora;  
ergue-te ao romper da aurora,  
vamos partir ámanhã;  
vamos vêr as terras santas,  
sepulchros de teus monarchas;  
a patria dos patriarchas,  
desde o Egypto a Chanaan. » —

<sup>1</sup> A data da poesia explica este verso.

Fui; corri o mappa immenso  
das montanhas da Judeia;  
ai, patria da raça hebreia!  
ai, desditosa Sião!  
que extensos montes sem relva!  
que paragens sem conforto,  
onde se estende o Mar-Morto  
e onde serpeia o Jordão !...

Aqui, de Hemor os vestigios;  
de Ziphe, além o deserto;  
longe, o Sinay encoberto;  
d'Horeb o morro, inda além;  
d'este lado, o Mar-Vermelho;  
d'aquelle... nada! uns destroços:  
ruinas, campas sem ossós,  
e, ao fundo, Jerusalem.

Meu pae chorava, e eu chorava,  
vendo morta e sem prestigio,  
terra de tanto prodigio,  
maldita agora de Deus.  
Tudo silencioso, esteril,  
tudo vastos cemiterios  
onde ruinas d'imperios  
ficaram por mausoleus!

— « Meu pae — disse eu — tenho sede. »

— « Vê, filha, a aridez do monte :

só Deus dava ao ermo a fonte

em que bebia Ismael. »

— « Pae, cancei ; mostra-me a patria,

quero dormir sem receio... »

— « Filha, encosta-te ao meu seio,

que não tem patria Israel. »

Em todo o mundo estrangeira,

toda a vida peregrina !

Vede se ha mais triste sina :

ser rica, e não ter um lar !

Sempre a lenda do Ashëvero !

sempre o decreto divino !

sempre a expulsar-me o destino,

como Abrahão á pobre Agar !

Que póde valer á hebreia  
sentir n'alma chamma infinda,  
como a linda Esther ser linda  
e amada como Rachel ?  
Se o coração da judia  
se entre-abre do amor aos lumes,  
não lhe dá tempo aos perfumes  
o seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,  
não voltes! tenho receio...  
Dizes que é Deus de permeio ?  
não, blasphemasté; Deus, não.  
Poz o mundo esse *impossivel*  
entre o desejo e a ventura ;  
o amor chama-lhe — loucura,  
e o preconceito razão.

Deus é Deus, e um só existe ;  
cego é o mundo, e vária a crença ;  
mas esta cupula immensa  
é tecto de todos nós :  
este ambiente que respiro,  
da lua e do sol os brilhos,  
hão de ser de nossos filhos,  
foram de nossos avós.

Mas se a crença nos separa  
e o mundo exige o supplicio,  
dê-se o amor em sacrificio,  
deixando-se o pranto á dor;  
eu, cerro o peito á ventura;  
tu, esmaga o teu desejo;  
não mais virei junto ao Tejo...  
não voltes mais, trovador!

Lisboa, abril de 1864.



## TANTALO

(*N'um album*)

Sabeis quem era Tântalo? o coitado,  
por mais que fez, não poudé entrar no ceu :  
foi ás penas eternas condemnado !  
e tão grave castigo mereceu...

    não sei por que peccado...  
    por glotão ! que sei eu ?

Tanto comeu, tanto bebeu, que o eterno  
Jove, cansado ao serio com tal méco,  
o condemnou, com todo o amor paterno,  
a perpetua abstinencia. E magro, e pêco,  
lá vive no inferno  
a engulir em secco.

Vê pomos junto aos labios, mas não come;  
vive mettido n'agua, e o seu frescor  
não lhe mitiga a sede que o consome:  
foge-lhe o fruto e a fonte; e n'este horror  
morre de sede e fome...

.....

Ha Tantalos d'amor!

Lisboa, 13 de junho de 1864.



## UM CANTO DA PUERICIA

*(Recitado por um dos alumnos do collegio de S. Pedro d'Alcantara  
na festa do seu primeiro anniversario)*

Salve, augusto anniversario !  
Finda um anno... (erguei as mãos !)  
dês que entrámos no santuario  
da nova fé, meus irmãos !

Gratidão á caridade !  
ao mestre as benções dos ceus !  
paz e bens á humanidade !  
honra aos nossos ! gloria a Deus !

É findo um anno: a innocencia  
deve-lhe preito d'amor;  
foi na manhã da existencia  
o nosso primeiro alvor;

foi quem abriu nossos olhos,  
e o leite d'alma nos deu:  
fez-se a luz! trevas e abrolhos  
a caridade os varreu!

A primavera tem hymnos,  
relvas, flores, fogo, e luz!  
Os pobres e os pequeninos  
amava-os muito Jesus!

De Deus foi seguido o exemplo;  
folgar, meninos, folgar,  
que, após as festas do templo,  
ri-se a escola, as mães e o lar!

Somos de plantas mimosas  
esperançoso embryão;  
ámanhã virão as rosas;  
depois, os fructos virão.

Co'os velhos a caridade  
só no ceu seus premios tem ;  
mas, se abriga a nossa idade,  
acha-os na terra tambem.

Que pois d'esp'ranças bemditas !  
faça Deus homens por fim,  
e que as hervas parasitas  
fujam do nosso jardim !

Se o manto da caridade  
tão santo abrigo nos dá ;  
se o sol da eterna verdade  
seus raios nos manda já, —

abramos os olhos d'alma  
a tão vívidos clarões :  
a patria tem muita palma  
á espera de bons varões.

A escóla é provido ninho ;  
a escóla é templo d'amor ;  
dão-lhe luz, vida, e carinho,  
a patria, as mães, o Senhor.

E do nosso asylo a historia  
que nobreza tem ! sabei  
que foi sagrado á memoria  
d'um grande e chorado rei.

Chorado como até agora  
nenhum foi n'este paiz !  
ai ! porque nunca uma aurora  
se ergueu com tanto matiz !

Seu nome... nem a saudade  
m'o deixa aqui repetir !  
Vós o sabeis, que a orfandade  
soube-o amar, sabe-o carpir !

Sabem-n'o : o artista, o poeta,  
os sabios, os seus iguaes,  
a officina, a choça infecta,  
e os leitos dos hospitaes ;

a piedade, que na esmola  
que dá, mostra a sua dor ;  
sabe-o mais que tudo a escóla,  
que lhe deveu tanto amor !...

Por isso, ó candidas almas,  
sempre o seu nome louvae !  
ficam tão bem entre as palmas  
as saudades por um pae !

.....

.....

.....

.....

A vida, após a memoria !  
após a saudade, o amor !  
sobre uma gloria, outra gloria !  
sobre a cruz um resplendor !

Novo monarcha ergue o braço ;  
chovem dons da regia mão ;  
e um real augusto abraço  
nos conchega ao coração !

Pois que o passado saudoso  
do ceu nos olha e sorri ;  
pois que o presente esperançoso  
nos protege e ampara aqui,

desdobrem-se os tenros gomos  
das plantas que hão de florir !  
Fé, esperança, irmãos, que somos  
operarios do porvir !

Cubrâmos d'osculos puros  
santa mão que nos conduz !  
Agora... peito aos futuros,  
e caminhar para a luz !

Lisboa, 29 de junho de 1863.

## BEM-VINDA

*(Por occasião do consorcio de Suas Magestades Fidelissimas o Senhor D. Luiz  
e a Senhora D. Maria de Saboya)*

Bem-vinda ao nosso Tejo, ó triumphal bandeira !  
iris da bella Italia ! astro de muita esperança !  
segues do nosso rei a aúgusta companheira !  
Dissipe-se a tormenta aos risos da bonança !

Emfim respire a grey ! levante um hymno em còro  
de bençãos, d'alegria, após o immenso luto !  
aos pés do throno em gala, inverta em riso o choro  
inteiro o coração ! É justo esse tributo.

Tu não sabes, rainha ?... o peito era opprimido  
d'anciar por esta patria, a quem queremos tanto !  
Ao ver chegar tão só, pallido, compungido,  
o rei junto do throno, a disfarçar seu pranto,

pedimos muito, muito, ao martyr do Calvario  
que lhe arrancasse da alma essa amargura infinda !  
Foi Deus que te mandou, pomba do santuario !...  
Vens consolal-o emfim ! Bem-vinda ! oh ! sê bem-vinda !

Se no teu berço augusto a paz é combatida,  
se os hórridos vulcões tem flammas na cratéra,  
a causa do opprimido a Deus é commettida !  
Confia no juiz, acalma a dor, — espera !

A vasta nau da Italia abriu todas as velas  
sem medo ao pego fundo e ao turbilhão que freme.  
Tem, a mostrar-lhe o porto, ou iris, ou estrellas !  
a liberdade, á prôa ! a lealdade, ao leme !

E se inda irado mar em torno ao teu palacio  
brama aos duros tufões da *Austria* e d'*Aspromonte*,  
em breve um sopro do alto ha de limpar do *Lacio*  
a escuma da tormenta, as nuvens do horisonte !



E tu no entanto a nós, ó pomba espavorida,  
acolhe-te, da paz formosa mensageira !  
na arca do nosso peito has de encontrar guarida ;  
nos braços d'este povo — os ramos da oliveira.

Terás na lusa praia as ribas italianas ;  
sólo que diz — fartura, e ceu que diz — bonança ;  
searas da Sicilia ; auras napolitanas ;  
e flores de Saboya em prados de Bragança.

Terás do povo o amor, que te foi dado inteiro  
mal que a paterna mão de nós te confiára ;  
o braço, o coração de D. Luiz Primeiro,  
e as benções que te guarda o martyr de Novara.

.....  
.....  
.....  
.....

Senhora, pois que vens a semear venturas  
no campo que inda enxuga os prantos da saudade,  
rainha, ajuda o rei a ter-nos bem seguras  
a paz, a independencia, a honra, a liberdade.

E nós, cheios d'amor e d'alegria infinda,  
iremos supplicar ao Martyr do Calvario  
haja de transformar á que nos foi bem-vinda  
a patria n'um altar, o solio n'um sacrario.

## A HORTENSIA

O pobre cão... De que vos rides, bellas ?  
affecto por affecto... Olhae que é cega  
e surda a taboada ! e não vos toma  
    em conta essas estrellas  
    de vividos carbunculos  
que em vossas fronte de marfim scintillam,  
    nem o suave aroma  
    e o mel que se distillam  
do entre-aberto raminho d'essa bocca  
    de jasmins e rainunculos !

Affecto por affecto... ha mais e ha menos ;  
e sobretudo o enthusiasmo, a ardencia  
que scintilla, trasborda, e se derrama  
em gottas d'affectuosa effervescencia,  
é mais de vós, humanas divindades.

Mas os brandos carinhos ? e os serenos  
affectos das profundas amizades ?

a branda, casta chamma,  
que, em vez d'expandir-se, entra  
no peito, e aquece, e dura ;  
affecto que, saudoso e paciente,  
se conchega, se aninha, e se concentra,  
e faz morrer um ente  
sobre uma sepultura...

póde sentil-o assim o pobre cão !  
e, exposto ao sol e á chuva,  
velar o ultimo somno  
e a ingrata solidão  
da campa de seu dono,  
chorando... mais viuvo... que a viuva!...

Canta-se a pomba — a casta mensageira,  
a rolinha viuva, e o rouxinol  
cantor das solidões,  
a andorinha das ruas — forasteira  
creoula a baloiçar-se entre os festões  
e as messes das ferazes estações  
preza aos raios do sol,  
e o mocho — o mais cruel

de tantos feiticeiros,  
vem aturdir o mundo  
com pios agoireiros,  
e hei de calar do amigo mais fiel  
o puro, o immenso amor,  
terno, constante, bom, cego, profundo ?...  
Hei de cantar-te, *Azor* !

Chora-o, sim, formosa Hortensia,  
que os teus olhos por chorosos  
não ficam menos formosos.  
Custa muito a eterna ausencia  
de quem nos amou na vida,  
que é sem remedio essa dôr !  
Chora, sim, chora, querida ;  
perdeste um servo e um amor !

Mostrava tanta saudade  
quando acaso te não via !...  
Que delirios d'amizade !  
quando o afagavas, tremia !  
quando eras triste, gemia !  
cantavas... endoidecia !

E quando, em crueis momentos,  
de ti o lançavas fóra,

com que penas e lamentos  
o pobre *Azor* se carpia !...  
Chora, bella Hortensia, chora !

Tambem eu tenho gravada  
no meu peito a mesma dor,  
lembrando a immensa alegria  
com que elle, quando eu subia,  
vinha saudar-me na escada  
como um prenuncio d'amor !  
Que pena me faz agora  
entrar onde já não mora,  
Hortensia, o festivo *Azor* !

.....

.....

Sou como o pobre faminto  
que as tremulas mãos estende  
á bem-vinda, escassa esmola :  
todo o carinho me prende !  
todo o affecto me consola !

.....

.....

Como tu eras querido,  
meu pobre amigo ! que amor  
que tu, morrendo, abandonas !  
quanto affecto estremecido,  
e quanta saudade, *Azor*,  
nas almas das tuas donas,  
no peito do teu senhor !

Um dia a formosa Hortensia,  
da morte prevendo o insulto,  
tirou-te o retrato, e a tela  
com surpreendente eloquencia  
te mostra vivo e presente ;  
e no olhar intelligente  
inda nos pedes um culto  
de saudade para a ausencia !

Foste bem feliz, amigo !  
que te deu propicia sorte,  
na vida — tão doce abrigo,  
tantas saudades na morte.

Não morreste ! não te esquivas  
ao amor que nos inflamma !  
quiz o pincel da tua ama  
que, inda além da morte, vivas !...

Se teve o cão do Louvre trovadores,  
guarde o nome d'*Azor* grata amizade;  
tu deste-lhe na tela eternas cores,  
eu dou-lhe no meu canto uma saudade.

Lisboa, 1867.



## ANNIVERSARIO

*(A Excellentissima Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho)*

### I

Eis seu dia de festa! eil-a ditosa,  
flor a desabrochar entre delicias!  
Paes, amigos, cercae-a de caricias!  
Aves, é primavera! a rosa! a rosa!

Surgiu, desabrochou entre montados!  
É vossa irmã, sabeis? comvosco mora;  
se cantaes, canta ao pôr do sol e á aurora;  
se voaes, voeja, entre os jardins e os prados.

Vós a ensinastes a cantar tão cedo  
n'um tom suave o festival gorgeio  
que ao ceu nos leva; e d'esse ignoto enleio  
é vosso, é d'ella, o divinal segredo!

Celestes virações, descei! beijae-a!  
que eu sei como vos ama e vos decora  
os carmes que, ao primeiro albor da aurora,  
passando murmuraes á flôr da olaia.

Rusticas notas de canção singela,  
sylphos que volitaes entre as balseiras,  
fragrancias das festivas laranjeiras,  
é hoje o dia anniversario d'ella!

Saudae-a todos vós! vede-a ditosa,  
flor a desabrochar entre delicias!  
Paes, amigos, cercae-a de caricias!  
É vinda a primavera! a rosa! a rosa!

## II

Vê, senhora : entre os convivas  
d'este jubiloso dia  
só prazer, vida, alegria,  
respira, falla, transluz !...  
Como é que eu, triste e enlutado,  
canto em festiva linguagem ?  
a tão alegre romagem  
que devoção me conduz ?

.....  
.....  
.....  
.....

Canto a recordar as horas  
que passei a vosso lado !  
lembro um sonho namorado  
que teve um triste acordar !  
traz-me aqui uma lembrança,  
que falla em cantos e flores !...  
Ai, maga mansão d'amores,  
faz'-me esquecer o meu lar !

.....  
.....  
.....  
.....

Longe, longe esta tristeza!  
prazer, por meus labios falla!  
ha brindes, e festa, e gala;  
ha juventude, ha viver!  
ha poesia, ha formosura,  
que a chamma do seio ateia!  
já meu estro se incendeia!  
ao prazer! eia! ao prazer!

Brindo á musa d'estes bosques!  
brindo ao seu estro divino!  
brindo ao próspero destino  
que Deus conceda ao seu lar!  
a seus paes! á irmã formosa,  
coração de fina essencia!  
á familia — providencia  
dos povos d'este lugar!

## ENTRE FLORES

*(No album da Excellentissima Senhora D. Maria da Assumpção  
de Podentes)*

Imagina, senhora,  
uma casinha branca entre arvoredos ;  
um lago junto d'ella ;  
junto ao lago um jardim.

Á porta da morada encantadora,  
uma hastea d'hera a entretecer um arco,  
e a enrolar-se nos vimes d'um jasmim.

No jasmineiro, um ninho ;

uns ovinhos lá dentro, e os ternos medos  
com que os guarda amorosa filomela.

Dentro do lago, um barco;  
e n'elle uma donzella  
d'olhos humedecidos e formosos,  
grandes, azues, profundos como o espaço;  
cabello ondeado e solto;  
côllo de cysne; o corpo esbelto e airoso;  
lyra d'oiro pousando-lhe no braço;  
um veu de gaze em ondas mil revolto  
po'r sobre a azul roupagem:  
como aerea visão que se evapora  
quando o poeta enamorado acorda  
ao sentido vibrar d'intima corda,  
ou nevoa matinal velando a aurora.  
E emquanto de seus labios melindrosos  
fogem suaves, indistinctas maguas,  
e timida suspira,  
sua elegante e seductora imagem  
a reflectir-se no cristal das aguas,  
e a segredar-lhe uns magos sons a lyra !...

Serranias gigantes  
erguendo-se nevadas e arrogantes  
na extrema do horisonte,  
e do outro lado o mar !

Com murmurinho manso, incerto, vago,  
a poetica lympha d'uma fonte  
desce furtiva, e a medo  
se escôa e cae dos musgos d'um rochedo  
a tintilar no lago !

Modifique-se o tom do quadro ameno :

A luz do sol desmaia ;  
repinta-se d'azul o mar e o ceu ;  
os roseiraes redobram de perfumes ;  
d'anhelitos frementes a floresta ;  
crepitam na amplidão tímidos lumes !  
Na molle copa da tufada olaia  
acorda um rouxinol em cada arranca,  
e um raio de luar que além se ergueu  
bate de chapa na casinha branca !

Ó bella, escuta agora  
os sons que vem das aguas !  
Que toada encantadora !...  
Diz alegria, ou maguas ?...  
A voz, ora se alegre, ora se enluta !  
Ninguem sabe se canta, ou se suspira,  
a branca fada que dedilha a lyra !  
Escuta !... escuta !...

— « É posto o sol ! horas do casto enleio,  
velae meu seio em que trasborda amor !  
Minh'alma, accende a veladora chamma !  
Expandete, ama, solitaria flor !

Dedilho a lyra, e pranto a flux me brota !  
e em cada nota se me enreda um ai !  
astros, sorri-me ! aureo luar, fulgura !  
lago, murmura ! rouxinoes, cantae !

É bella a vida entre canções e flôres !  
Sombra e fulgores tem o valle e os ceus !  
hymnos, o bosque ; a madre-silva, incenso ;  
concerto immenso do Infinito a Deus !

Mas d'onde vem esta tristeza suave  
ao canto da ave, ao scismador luar ?  
ao bosque, ao valle, ao céo, á choça, ao monte,  
ao lago, á fonte, ao gemebundo mar ?

D'onde este arfar ? d'onde este vago aneio  
na aura, no seio, e no tremer da flor ?  
é pena, e ri ! quando é prazer, suspira !  
dize-me, ó lyra, é tudo isto... » —



— « Amor ! » —

lhe responde voz ignota.  
Ella estremeceu de pejo  
e abafou a ultima nota  
nos sons d'um tremulo harpejo.

.....

.....

Se te agrada esta paizagem,  
se achas o quadro risonho,  
dá-te por finda a romagem.  
Tens a verdade bem perto,  
mas vale mais o teu sonho.

Já viste, ó virgem, de certo,  
co'a luz do teu alto espirito,  
que tracei da fantasia,  
e co'as tintas descóradas  
da minha obscura palheta,  
o bosquejo da poesia ;  
faltou... pintar-te o poeta !

Na casa que tanto alveja  
vive o pobre ; mas lá dentro,

onde o seu genio se expande,  
não vás, que é mansão de dores!  
Bem sabes! tudo o que é grande  
tem por fóra alvura e flores...  
mas... ai! que abysmos no centro!...

Deixo incompleto o meu quadro.  
O fundo é todo funereo!  
Só te mostro as galas do adro,  
mas fecho-te o cemiterio!

Lisboa, 31 de maio de 1866.

## N'UM ALBUM

Folha, quando te arrancares,  
some-te no espaço immenso!  
rasga-te por esses ares!  
que podem julgar-te incenso  
que arde em profanos altares.

Vês ? e tu, pura de vícios,  
toda alvura e claridade,  
vens pela mão da amizade  
ao altar dos sacrificios,

onde é pontifice o amor ;  
e onde tu, hostia incruenta,  
só és clarão que aviventa  
as graças de muita flor !

Eu bem sei que a poesia  
perdeu seu manto de luz,  
que altiva arrastava outr'ora ;  
traz hoje a fronte sombria ;  
é triste, a nobre senhora ;  
mas, inda triste, seduz !

E eu quero-lhe mais assim,  
que é mais da minha orfandade !  
A minha flor é a saudade.  
A rosa, o cravo, o jasmim,  
são mais enfeites e incenso  
para profanos altares.

.....  
.....  
Folha, quando te arrancares,  
perde-te no espaço immenso !

# ZARA

## CONTÔ DE MOIRAS ENCANTADAS

(*A Elisa*)

### I

Quando menino... e já lá vão bem annos !  
em noites de janeiro, ao pé do lar,  
contavam-me as cachopas e os serranos  
contos que me faziam já scismar !

Umas vezes entravam na aventura  
frades... Deus lhes perdôe, que já lá vão !  
outras, casquilhos, mas... em miniatura !  
e paes, que tinham força de Roldão !

e homens de pés de cabra, e umas princezas  
mui secias e tufues saíndo sós  
pelos bosques, montanhas, e devezas,  
deixando adormecer aias e avós,

e uns estudantes de mau sestro e manhas,  
e uma fantasma branca, e um bicho, e um rei,  
e umas fadas gentis... tudo patranhas  
que de cór aprendi... que inda hoje sei!...

Por isso, quando o mundo anda mais tonto,  
e mais revoltó vejo o temporal,  
eu folheio a memoria, e acho n'um conto  
proveitosos preceitos de moral.

Queres ouvir, senhora? Agora mesmo,  
em vez de te escrever cantos d'amor,  
vou-te deixar aqui um conto... a esmo!  
Seja... *A Moira encantada!* Este é melhor!

Contou-m'o uma velhinha: era tão bella,  
com seus crespos cabellos de marfim!...  
Tal qual t'o vou contar contava-o ella!  
E eu pasmado a escutar!... Dizia assim:

## II

— « Houve um tempo em que a moirisma  
calcou terreno christão,  
e foi Jesus insultado  
pelos crentes do Alkorão.

Jámais um crente islamita  
se descobriu ante o altar!  
rosto fero, alfange em punho,  
era só roubar, matar !...

Queimavam corpos humanos  
ao lume da santa cruz !  
faziam carvão dos santos,  
e das reliquias !... Jesus !...

Tanto sangue derramaram  
aquelles monstros sem fé,  
que Deus tinha preparados  
destinos d'outro Noé!

Os astros mostravam sangue  
em toda a amplidão dos ceus,  
como sentença de morte  
com sangue escripta por Deus!

A lua, lago sereno!  
o sol, um mar a ferver!  
prantos de sangue, as estrellas!  
e a terra em sangue a gemer!

Eram de sangue as cidades!  
de sangue, o templo, o altar!  
de sangue, as fontes da selva!  
de sangue, as ondas do mar!

de sangue, os fructos do campo!  
de sangue, a flor do jardim!... » —  
Eu rezei um *Padre-nosso*;  
benzeu-se ella, e disse assim:



## III

— « Junto das caras tismadas  
d'esses tigres orientaes,  
viam-se as moiras, tão lindas,  
tão distinctas de seus paes !

O sol deu-lhes lume aos olhos,  
e aos rostos meigo rubor !  
Ai ! se fossem baptisadas,  
eram anjos do Senhor !

Que nobres fronte altivas !  
que breve, que lisa mão !  
e os seus meneios de cobra !  
e os collos... que perfeição !

e dos cabellos pendentes  
que soltos, longos anneis !...  
mas dizem que eram de fogo  
seus corações infieis...

## IV

Chega o dia desejado  
da celeste punição,  
e o incendio das mesquitas  
purgou o templo christão.

Reapparece a cruz, erguida  
sobre o crescente... Lá vão  
d'Agar os filhos fugindo,  
e as moiras... nem todas ! não !

— Parae ! — lhe disse o destino.  
Tentaram fugir... em vão !  
— Vivei !... — e vivem ! mas hoje  
onde vivem ? onde estão ?

Solitarias, encantadas  
dos montes na solidão,  
são como flores caídas  
d'ingrata, perfida mão.

Fez-lhes eterno um conjuro  
o bater do coração ;  
deu-lhes perpetua lindeza  
não sei que mago condão...

Hoje vivem... Ninguém sabe  
se as tristes vivem, se não :  
têm risos, mas não têm prantos ;  
têm sentir, não têm paixão ;

aspiram, não têm desejos ;  
tudo ali é vago e vão ;  
são como aéreos fantasmas  
passando em louca visão.

Tu nunca viste o rochedo  
que tem o *signo samão*,  
e a fonte que lhe resalta  
dentro da gruta em cachão ?

Uma ali mostra o seu oiro,  
que não tem cruz de christão,  
nas primeiras alvoradas  
da manhã de S. João.

Eu vi-a. É Zara o seu nome ;  
os dentes perolas são ;  
e tinha os olhos pisados  
de ler no seu Alcorão.

Se um dia a vires, meu filho,  
que nunca te chegue a mão :  
ou rouba-te os santos oleos,  
ou deixas de ser christão !

E ali te passarão seculos,  
tal como ella, esp'rando em vão,  
pobre florinha esquecida  
dos montes na solidão !... » —

## V

Senhora, o conto innocente,  
como a velhinha o contou,  
tenho agora bem presente  
a impressão que me deixou.

Como eu mirava o rochedo,  
o meu conto a recordar!  
Mas, ai! que medo, que medo  
eu tinha de lá passar!

Ver a moirinha encantada,  
ver o seu meigo sorrir,  
escutar-lhe a voz maguada,  
era o meu gosto, e fugir!

Se ante mim se abrisse o abysmo,  
ia-me ali despenhar!  
que as moiras tem magnetismo...  
e podia-me encantar!

## VI

Hoje as moiras baptisadas  
têm um condão mais fatal:  
vivem tão desencantadas!  
e encantam... por nosso mal!

Já não são flores do monte :  
têm cidades por jardim,  
reinam em largo horisonte,  
e têm vassallos sem fim.

Pois dae-lhes em vassallagem  
o rendido coração ;  
tributae-lhes homenagem ;  
escravisae-vos ; eu, não !

Nem mesmo sendo válido  
em tempos d'eterna paz...  
É templo sem base erguido  
que um só capricho desfaz !

Quero a mulher minha, Elisa,  
singela... vaidade é pó !  
que tenha amor por divisa,  
e, por vassallos, eu só.

## VAE, MAS VOLTA!

*(No album da Excellentissima Senhora D. M. do C. da S. Mendes)*

No coração affectos ;  
saudades na memoria ;  
n'isto se cifra a vida !  
Artista, vae, querida,  
que avassallaste as almas !  
Para te dar mais palmas  
aqui te espera a gloria !

Lisboa, junho de 1866.





## A FOLHA VERDE

(*Reminiscencias do Carnaval*)

Quem sabe se foste a causa  
de me eu perder, folha verde ?  
*Verde* symbolisa esp'rança ;  
e co'a esperança que sorri  
quanta gente se não perde ?  
É verde o mar em bonança,  
e esconde abysmos em si,  
muita tromba d'aguaceiro,  
muita syrte, e muito damno.  
Talvez... talvez, folha verde,  
que eu vinha por ti absorto !...  
O certo é que me perdi,  
e, desnortado barqueiro,  
entregando á sorte a prôa,

fiz-me ao largo a todo o pano,  
mar em fóra de Lisboa,  
na ré deixando o meu porto!...

A folha da japoneira  
teria acaso feitiço?  
seria de feiticeira  
a mão que m'a deu?... Por isso...  
Mas nada! não foi! não é!  
A mão era bem bonita,  
que a tive eu nas minhas mãos;  
e juro por minha fé  
que os dedos eram christãos!  
Só se a luva... Emfim, não sei,  
e o que sei não se acredita!  
Corri cem ruas desertas;  
caminhos que nunca andei!  
nem um clarão nas janellas,  
um passo, uma voz, — ninguém!  
só muito ao longe as *dlertas*  
das nocturnas sentinellas!  
E eu vagando aqui e além  
sem dar pelo meu desvio!...

Quando mais scismo, acontece  
que vou no meu desvario  
a andar... por andar! á tôa!  
e um ermo até se me antolha  
a rumorosa Lisboa!

Mas, á saída do baile,  
em que, em que scismeí eu?...  
Em nada... a não ser... na folha  
que a mascarada me deu !...

Pois inda vos não disse? o baile era de mascaras!  
era a folia infrene, o doido carnaval!  
tropel em turbilhão de sonhos mil fantasticos,  
o vasto auri-luzente abysmo festival!

Paiz febricitante, onde se inflora em jubilos  
a imagem do prazer! grinaldas e festões!  
ondas d'acre fragrancia! ondas de luz prismatica!  
ephemero ancíar d'ephemeras paixões!

Um mundo multicolor! um multiforme vortice!  
onde remanda á vida, a um'hora de prazer,  
um ente, cada povo; um traje, cada seculo;  
sombras que vem folgar, sorrir, desaparecer!...

Era a odalisca ardente, e o requeimado egypcio!  
era a varina altiva, e a grega sua irmã!  
e a Norma enamorada, e a filha do Adriatico!  
e a vivandeira audaz, e a fada alva e louçã!

A esplendida romana, e a camponeza ingenua,  
d'olhos de tanto amor e labios tão de mel !  
e o Tasso e a saloínha a requebrar-se — languida !  
e um grande á Henrique oitavo, e um nobre á D. Manuel !

e a scismadora noite, e a feiticeira bohemia !  
e a intrepida escosseza, e o rude calabrez !  
e o cavalleiro negro, e a branca flor de Napoles !  
e a larga espora d'ouro, e o morrião, e o arnez !

e a dama de Luiz treze, e o pensativo armenio !  
e o lesto gondoleiro, e o recamado emir !  
e a salerosa niña, a tentação de Malaga !  
e a fascinante hebrêa, a perola d'Ophir !

e a dança, a dança infrene ! e o delirar da musica !  
e o revoltoso prisma a remoinhar sem fim !  
festão aberto e esparso a dardejar relampagos !  
frangancias d'um salão, delirios d'um jardim !

Prazer e febre em tudo ! Era um correr electrico  
de fremitos d'amor ! d'anceios de prazer !  
um desejar sem fim ! sopravam filtros lubricos —  
no aroma, cada flor ; no rir, cada mulher !

.....  
.....

Mas quem eram duas mascaras,  
entre tanta garridice,  
cujos nomes ninguem disse,  
cujos rostos ninguem viu ?  
— « Lindas fadas são ! » — dizia-se ;  
que, apesar de tão veladas,  
que eram bellas e eram fadas,  
quem não sentiu ?

E o salão, curioso e férvido,  
a agrupar-se em torno d'ellas !  
que a luz viva das estrellas  
mais encanta e mais seduz  
quando vem coada e timida !  
e era a seda tenues focos,  
nuvens raras, para focos  
de tanta luz !

era ouvil-as, e no espirito  
conceber visões suaves ;  
sonhar cantos, flores, aves,  
riso, amores, ceus, e houris !  
Flores bellas e fantasticas  
quando a mão tenta colhel-as,  
mal se inclina para ellas...  
fogem subtis !

E assim fugiram celeres  
os Dominós azues,  
tristes deixando, e extaticos,  
as bellas e os tafues,

como fugaz relampago  
que fulge e se escondeu !

.....

.....

.....

.....

Ficou-me... a folha trémula  
que uma, o meu par, me deu !

Aqui prende e acaba a historia  
da folha verde e das bellas !  
Se alguém quizer conhecel-as  
eu posso dar-lhe signaes :  
têm ambas loiros cabellos,  
frontes vastas ; estaturas,  
sem serem grandes, esbeltas ;  
olhos garços, vivos, bellos ;  
pés e mãos... de miniaturas !  
Eis o que vi ; mas sei mais

outro signal que as indica :  
se alguém puder escutal-as,  
note como em suas fallas  
se ameniza e dulcifica  
o som das letras mais duras !...

.....  
.....

Não sei se a lingua indiscreta  
disse mais do que devêra ;  
Ao clarão da primavera  
sorri a lyra ao poeta,  
inflora-se, e reverbera !...

Venha cá, folha travessa !  
como tem brincos fataes,  
não quero que me endoideça :  
commigo não anda mais !

Se alguém disser que a graça é só da França,  
levae-m'o aos meus travessos Dominós ;  
que este desdem do seu, esta esquivança,  
é cá d'uns francezinhos... d'entre nós !

CHAPTER I

OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

IN THE YEAR 1625

THE

REIGN OF

THE

REIGN OF

THE

REIGN OF

THE

THE

REIGN OF

THE

REIGN OF

THE

REIGN OF

THE

REIGN OF

THE



## A BORBOLETA

À EXCELLENTÍSSIMA SENHORA D. SYMI PHILLIPS

*(No seu album)*

Eu conheço-a ! oh, se a conheço !  
sempre volitando anciosa,  
esbelta, fugaz, airosa,  
esquiva, amante, esquecida,  
eterno enigma na vida !...

Eu conheço-a ! oh, se a conheço !  
Estimo-a ; estimal-a é grato ;  
quero entendel-a... endoideço !

Paira a mirar-se na fonte ;  
bate as azinhas subtis,  
desce ao prado, sobe ao monte,  
requesta, endoidece as flores...  
e engeita-as ! Procura a chamma,  
illude-a, foge !... Não ama !  
Deixae-a fingir amores !  
são tudo anceios febris !  
Eu conheço-a ! oh, se a conheço !

Dizem as flores do monte :  
— « Sabeis porque ella nos foge ?  
somos serranas e pobres !  
ella é fidalga e vaidosa !  
lá quer amores mais nobres !  
A lisonjeira da fonte  
mostrou-lhe o espelho e prendeu-a  
só com dizer-lhe : — És formosa ! » —

Diz a fonte co'um suspiro :  
— « Vão lá fiar-se das bellas !  
Eu tão pura em meu retiro,  
e tão recatada e amante ;  
eu, que rejeito ás estrellas  
o amor que em seus raios leio ;  
eu, que lhe disse anhelante :  
— Desce ! bebe do meu seio

todo o nectar peregrino! —  
pobre de mim! que fiz eu?!  
julgou-me lodosa e ensossa!...  
Só liba nectar divino,  
gottas do orvalho do ceu!» —

E diz a gotta do orvalho :  
— « Desci, desci toda a noite  
para a ver na madrugada...  
Foi bem pago o meu trabalho!  
sorriu-me, e passou! mais nada!  
Ella quer lá gottas d'agua  
trémula, fria, incolor?!  
quer lume, incendios! (e é magua!)  
quer chammas vivas no amor!» —

— « Porque me foge a inconstante?  
— murmura trémula a chamma —  
será que um delirio amante  
a attrae ao regato?... ás flores?...  
carinhos de maior preço?...  
cores de novo matiz?... » —

Nada! nada! Eu sei: não ama!  
Deixae-a fingir amores!  
são tudo anceios febris!  
Eu conheço-a! oh, se a conheço!

Enganam-se o orvalho e a fonte,  
a chamma e as flôres do monte.  
É varia como os matizes  
das suas azas doiradas ;  
não póde lançar raizes :  
quer liberdade sem meta ;  
ir sem saber onde vá ;  
timbra de ser borboleta !  
não ha prendel-a ! não ha !

Não ha ?... Quem sabe ? Os segredos  
das formosas mais esquivas  
tem romanticos enredos  
que o mundo nem sempre vê.  
Pelos caminhos da vida  
o amor sabe armar uns laços,  
e ás vezes... prende-se um pé...  
depois... prende-se a cintura...  
luta-se... e prendem-se os braços...  
e eis rendida a formosura !

A flor, essa, d'innocente,  
ama, deseja... mais nada ;  
apenas sente... que sente !  
não sabe fazer-se amada !...  
Mas a chamma, que é ladina,  
á formosa, que a requesta,

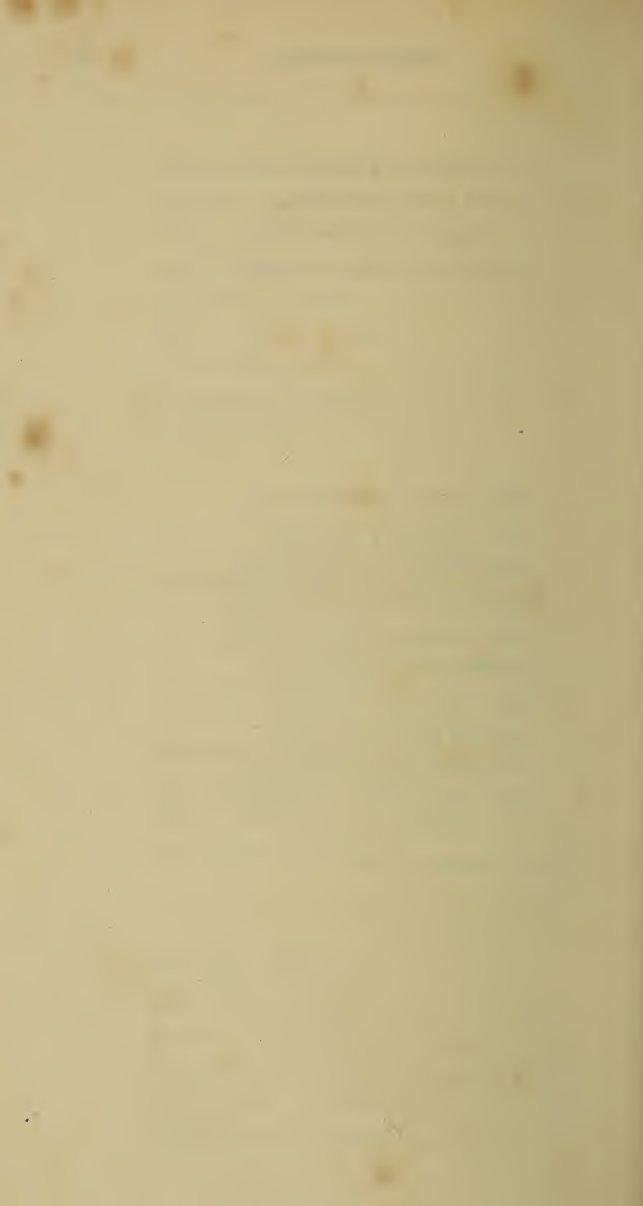
e a afaga co'a ponta da aza,  
rouba a innocencia divina :  
co'o fogo as azas lhe cresta ;  
com beijos de fogo a abraza !...

.....

.....

Nada ! eu volto á minha ideia !  
esta borboleta é intrepida,  
não teme laços, nem chamma,  
nem ha paixão que a submetta !  
Se a amarem, sorri sem dó !  
se finge amores, não ama,  
que o juro aqui ! vende só  
desdens por subido preço !  
Ha de morrer borboleta...  
Eu conheço-a ! oh, se a conheço !...

Lisboa, 21 de março de 1866.



## NO ALBUM D'ARTHUR NAPOLEÃO

*(Na vespera da sua partida para o Brazil)*

Teu nome é teu horoscopo :  
*Arthur* que diz ? Poesia ;  
*Napoleão* ? Conquista.  
Adeus, homem fatidico !  
Vae, vencedor artista,  
poeta da harmonia !

Lisboa, junho de 1866.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS

1009 5th Ave. New York, N.Y.  
10028  
Telephone: BR 5-6450  
BR 5-6451  
BR 5-6452  
BR 5-6453  
BR 5-6454

1009 5th Ave. New York, N.Y.



## OS CEGOS

*(Versos recitados no theatro do Principe Real em presença dos cegos da Casa Pia  
na noite do seu beneficio)*

Pobres ceguinhos!... Nenhum d'elles póde  
ver, entre a doce luz que esplende aqui,  
tanta bondosa mão que lhes acode,  
tanto rosto de bem que lhes sorri!...

Sempre a tristeza, com seu duro açoite,  
a cortar-lhes, maldita! os corações!  
sempre a caliginosa, immensa noite  
a enlutar-lhes tremendas solidões!...

Sentir em torno o estrondear do mundo,  
sentir a festa, a vida, o turbilhão,  
e o tenebroso carcere profundo  
a cobril-os d'eterna escuridão !...

Sabeis o que é desdita, e as dores sevas  
da agonia sem luz, d'ancias crueis ?  
Este espelho reflecte o horror das trevas !...  
Ai ! vós deste-lhe' esmola, é que o sabeis !

Trevas ! trevas ! o horror da tumba em vida !  
campa chumbada entre a existencia e a luz !  
via-sacra nocturna, erma, comprida !  
passos mal firmes sob a enorme cruz !...

.....

E vivem, e sonham almas  
sob estes craneos-clausuras !  
e n'estas mansões escuras  
quer Deus que floresçam palmas !  
e que os ecos das venturas

achem ecos de saudade  
dentro d'alma ao pobre cego !  
e que lhe seja conchego  
o calor da caridade !

Deus é grande ! e em cada sêr,  
quer gigante, quer insecto,  
ou seja cego ou vidente,  
planta uma dor, e um affecto,  
co'um raio do seu poder,  
co'uma palavra clemente !

Para curar cada magua,  
põe o seu amor profundo  
entre as mãos da caridade  
quem faz cada atomo um mundo,  
e retrata a immensidade  
na minima gotta d'agua !

Em cada luzente insecto  
de Deus scintilla um vestigio ;  
em cada sêr incompleto  
se cumpre mais um prodigio !

Nos carceres que em torno a mim contemplo  
julgaes que as pobres almas escondidas,  
chorosas com seu luto, esmorecidas,  
não terão para orar ultimo templo ?

Se a abobada é sombria, ha luz no centro,  
onde calida prece o peito exhala ;  
nas janellas, se a luz bate e resvala,  
accendem-se os sacrarios lá por dentro !

Servem d'altares cinerarias tumbas ;  
o amor pede mysterio onde se acoite :  
festas a Deus tambem por alta noite  
celebravam christãos nas catacumbas.

Passa a abobada ingente, funda, espessa,  
de Deus o ouvido, e a debil prece escuta ;  
do mundo os antros seu olhar perscruta,  
e as camadas opacas atravessa.

E nem por escondida a humilde prece  
que nas azas do amor ao ceu se eleva,  
menos condão, menos virtude leva,  
ou se perde, ou se peja, ou se arrefece

No temporal desfeito, ou no socego  
da calmaria, em tudo é Deus ! em tudo !  
no coro universal, na alma do mudo,  
na luz do sol, e nas visões do cego !

Onde houver Deus ha luz, amor, e festa ;  
que a sua graça em raios se disparte ;  
no minimo, e no immenso ! em toda a parte  
a festa do infinito um Deus attesta.

Animo, irmãos sem luz ! Bemdito o pobre !  
bemdito o que tem fome e o que tem sede !  
bem dita a flebil voz que chora e pede !  
bem dita a mão que dá, levanta, e cobre !

Bem dita a virgem que, do triste albergue  
onde chora a miseria, a dor espanca ;  
e co'a bondosa mão, pequena e branca,  
cruzes pesadas aos seus hombros ergue !

Bem dita a caridade, o amplexo, o laço,  
que prende e envida á communhão dos seres ;  
synthese dos amores e deveres ;  
entre os homens e Deus fraterno abraço !

Tudo no mundo a mão de Deus compensa :  
o pobre é rico de fervente prece,  
e de bençãos d'amor com que agradece ;  
e o rico, de venturas que dispensa.

Embora ao cego a escuridão esmague,  
embora o seu altar só tenha cruces,  
lá lhes póde accender intimas luzes,  
sem que o vento de fóra lh'as apague !

O cego vê... outros quadros,  
n'outro mundo mais feliz ;  
outros jardins e outros adros,  
com flores d'outro matiz ;

outros templos e castellos,  
marmores d'outro lavor,  
criptas, zimborios mais bellos,  
e soes de mais esplendor.

O cego vê... mundos novos  
repletos d'amor e fé ;  
casas brancas, jovens povos,  
onde tudo canta e vê !

Pelas paragens distantes  
do espaço, que é o mundo seu,  
vae... nas ilhas fluctuantes,  
pelos oceanos do ceu,

como em tapete encantado,  
em cadeira de condão,  
correr seu mundo, assentado,  
e a sabor da viração !

Se ouve um canto, vê na mente  
formosuras e jardins ;  
se escuta um orgão plangente,  
virgens, gloria, cherubins !

Se de jasmins ou violetas  
cheira os aromas subtis,  
vê nuvens de borboletas,  
frescura, arroios, matiz !

Se mão pequena e macia  
se chegar aos labios seus,  
na inflammada fantasia  
vê primaveras e ceus !

Sente, e a faísca resalta !  
pensa, e o templo se accendeu !  
Iris as trevas lhe esmalta,  
e n'ellas um mundo e um ceu ;

caprichos, sonhos, chimeras,  
absurdo, enganos fataes,  
tempestuosas primaveras,  
auri-roseos temporaes !

Mas se um só dia se abriram  
olhos onde o mundo entrou,  
e pós, sobre olhos que viram,  
fulminea chamma passou,

todo o quadro do universo  
fica da alma na viuvez,  
e as notas do hymno disperso  
lá cantando ! E quanta vez

dentro do carcere austero  
trabalha um genio immortal ? !  
que o digam Milton e Homero...  
póde-o dizer Portugal !



.....  
.....  
.....  
.....

Mais que dos labios a prece  
quer Deus a do coração,  
mais o amor brota e florece  
nas trevas da solidão !...

Sabeis n'este momento o que lá vae nas almas  
dos pobres que não têm a esmola d'um fulgor ?  
Ergue-se um templo grande ; e n'elle o incenso e as palmas  
escutam prece humilde, e canticos d'amor !

Luz trémula do prisma o templo sobredoirá ;  
uns braços fazem throno ; um seio ardente, altar ;  
sobre elle a caridade, alva, risonha, loira !  
virgem que vem... do ceu ! rosa que vem... do mar !

De perolas se veste, aljofares, e riso ;  
põe balsamos d'amor nas chagas do infeliz ;  
tem azas ; são de luz ! recende a paraíso ;  
consola, dá... sumiu-se ! e o nome seu não diz !

E o cego ali se prostra em acto de humildade,  
e poisa aos pés do altar inteiro o coração !  
.....  
.....

.....  
.....  
Vós que hoje os soccorreis, vós sois a caridade!  
elles, a prece humilde, e a immensa gratidão !...

Disse-vos que o cego via  
quadros de muito primor ;  
sim ! co'a luz da fantasia,  
que faz o engano maior !

Se achardes cegos, senhores,  
na turba, ou nas solidões,  
dae-lhes a mão, bemfeitores,  
que não vêm, não... têm visões !

Caldas da Felgueira, 5 de novembro de 1866.

## O PENEDO DA MEDITAÇÃO

Pobre rochedo ! sósinho,  
tão distante da cidade !...  
só do susurro dos montes,  
do rumorejar das fontes,  
da branda relva do prado,  
das franjas dos horisontes,  
tu queres ser contemplado ?...

— Meditação !... — Como é grande  
esse teu nome, rochedo !  
Ai ! como entende este nome  
quem ama e chora em segredo !

.....  
.....

Sombrio ! impassivel ! mudo !  
esperas acaso alguém ?  
gigante inerte ! comtudo  
tu choras... porquê ?... por quem ?...

Do monte cortado a pique  
porque, sentado na altura,  
espreitas tão debruçado,  
firme, attento, fascinado,  
o seio aberto do prado  
que te ha de dar sepultura ?...

Bem vês, victima da sorte,  
que, por fatal magnetismo,  
tu, pendurado no abysmo,  
lá tens d'encontrar a morte !...

.....  
.....

Do meu soffrer resignado  
és eloquente memoria !  
és o padrão mutilado  
da minha truncada historia !  
és !... não vão muito distantes  
momentos em que a seu lado,  
a mim e a Deus o jurei,  
nos poucos, breves instantes  
que, n'esta pedra sentado,  
junto d'ella meditei !

Tu, queres por companheiros  
só estes cerros tão tristes !  
da quéda que ha de matar-te  
vês a distancia, e persistes ? !..  
Eu, d'estes aridos montes  
onde tanto amor senti,  
só quero a triste saude !  
que as lindezas da cidade  
recordam-me o que eu perdi !..

.....  
.....

Ai de mim ! perdido o tino,  
prende-me um cego destino :  
sei que me vou despenhar !  
bem perto chammeja o incendio...  
debalde bradaes : — Detende-o ! —  
e sei que me hei de abraçar !  
aos pés me negreja o abysmo,  
e, por fatal magnetismo,  
hei de lhe a altura salvar !

.....

.....

Ai ! n'esses breves instantes  
Que junto d'ella scismeï,  
que d'epopeias gigantes  
concebi, se as não cantei !  
E ella, volitando sempre,  
no monte, no val, nas flores,  
do ceu na amplidão immensa !  
e amei-a, quando sorria,  
como a luz d'ultima crença,  
que mata se tem um fim !...  
e ella linda, lindã... e fria  
como a estatua da indiff'rença  
vinha poisar junto a mim !...

.....

.....

Perdi-me ! é tarde ! se eu esp'rasse ao menos  
dias serenos d'um viver feliz !...  
mas nunca !... ai, rosas, em que eu leio amores,  
pendidas flores que não têm matiz !

Rochedo, ao menos, ao viçoso prado,  
onde encantado o teu olhar ficou,  
mandas o pranto que te inunda o peito,  
ultimo preito de quem muito amou !

Mas eu, forçado a segredar sósinho  
n'este caminho de miseria e dor,  
n'um rir forçado, onde o ninguém presume,  
escondo o lume d'infinito amor !...

Alma, não deixes d'acolher constante  
clarão distante da longinqua luz !...  
que, se ficares sem a imagem d'ella,  
erma capella, que te resta ?... a cruz !...

.....  
.....  
.....  
.....

Foge, foge, pensamento,  
das trevas d'esta amargura !  
que após o negro tormento  
virá talvez a loucura !  
veja-lhe o vulto !... é medonho !  
oiço-lhe o rir !... faz tremer !  
tem o andar pesado e lento !  
fujâmos, ó pensamento !  
não quero louco morrer !...

Coimbra, 1855.



## TRISTE !...

*(No album da Excellentissima Senhora D. Rachel Nazareth)*

Na mão, donzella, descansando tímida  
pallida fronte pensativa e triste,  
porque desejas, n'um sorriso languido,  
matar lembranças do que já sentiste ? !  
Morre o sorriso como a sombra tenue !  
resalta á face o que no peito existe !

Mulher, sê triste! que do mundo o riso  
é falso aviso! a falsa dita envida!  
Não tens um riso que te valha um pranto,  
balsamo santo nos parceiros da vida!

Cinge-te a fronte divinal, mimosa,  
pura, saudosa, pensativa, linda,  
de roxas flores funeral diadema,  
sentido emblema de tristeza infinda!

Guarda-o! é transumpto de cruel memoria!  
luto da gloria a que, a sonhar, sorriste!  
Não queiras risos que te mintam festas,  
prendas funestas!... Ai, mulher, sê triste!...

Quando pairar o teu olhar suspenso  
no espaço immenso que te argenta a lua,  
saúda os fogos da mansão d'archanjos!  
Paços dos anjos são a patria tua!

E dize ao mundo, que te foi desterro:  
— Arido cerro, onde a flor definha!  
lego-te o pranto que me inunda os olhos,  
patria d'abrolhos, que não és a minha!...

Rachel, sê triste! No mundo  
tem magia o padecer!  
riso aqui, o mais jucundo,  
insulta, ou mente, mulher!  
Dizem que é forte a desgraça  
que em sorriso os prantos muda!...  
onde estão ingenuos peitos  
que o triste sorriso illuda?  
E o rosto o peito espedaça  
com seus risos contrafeitos!

Ai! o prazer simulado!...  
Rachel, teu riso é forçado!  
rejeita-o, que vem mentir!...

Se me pudesses ouvir!...  
eu contava-te o que vi  
n'um'hora em que estava triste!...  
Foi hontem... foi! não me ouviste?  
Pois olha, chamei por ti!

Dentro da igreja vetusta  
carpia, solemne, augusta,  
do orgão santo a triste voz;  
em carmes irmãos do chôro,

das virgens cantava o côro,  
por si rogando... e por nós!  
Entre esses ethereos cantos  
dos olhos caíam prantos!  
adivinhei-os! que ali,  
se não vi faces mirradas,  
senti vozes abafadas!...  
As portas eram fechadas,  
mas eu escutei e ouvi.

Atravez de fenda escassa  
as aras do templo vi;  
luz amortecida e baça  
incerta ondulava ali!  
dava dentro ao santuario  
esse clarão mortuario  
uma só vela no altar!  
cá fóra, em manto alvacento,  
caía sobre o convento  
a triste luz do luar!

Eram da tristeza as festas  
que celebrava o mosteiro,  
com luz nas gothicas frestas,  
com ecos no espaço inteiro!

E onde estavas tu, Rachel,  
meiga, celeste visão?

contemplavas o socego  
das estrellas no Mondego,  
e alguma pena cruel  
contavas á solidão ?  
scismavas no paraíso ?  
contrafazias um riso ?  
matavas o coração ? !

Ai ! se tu viras o quadro  
d'aquella festa singela !...  
Faltavam flores no adro :  
tu és açucena, e és bella !  
Sabes tanto da tristeza  
os segredos e a linguagem !...  
O templo, o canto, a deveza,  
tudo retratava a imagem  
do teu sentido viver !  
e eu quiz ver-te ali, mulher,  
por te ver dos negros olhos  
suave pranto correr,  
e o luar suavemente  
banhar-te a pallida tez...  
que os raios do sol ardente  
insultam a pallidez !...

Triste, procura o mosteiro  
de noite e á luz do luar !  
longe ali do mundo inteiro...  
só Deus vê... pódes chorar !

Rachel, o canto que ouviste,  
se não te agradar por triste,  
perdoa! inspiraste-o assim!  
Triste sou eu de saudade,  
d'esta risonha cidade...  
que vou deixal-a por fim!  
Porém de ti longe, ou perto,  
na cidade, ou no deserto,  
nas selvas, ou no jardim  
hei de, em perpetua miragem,  
ver-te a seductora imagem  
triste, a scismar junto a mim!

Coimbra, maio de 1855.

## FIEL-O-MOLLOSO

Eu quero muito aos cães ! pois nos carinhos  
que lhes vejo nos olhos, se os afago,  
ou, se lhes corro a mão pelos arminhos,  
nos beijos que me dão, não fico eu pago  
de todo o meu affecto ? Homens, é duro  
comparar-vos aqui ! mas o futuro...  
(o presente e o passado assim o attestam)  
o futuro, vereis, dá-me razão.

Estudados carinhos nada prestam ;  
tendes nescios desdens, mordeis a mão  
que vos ergueu do abysmo, e lambe-a o cão !

E vós, meninos, que sereis um dia  
amparo, benção, fruto a vossos paes,  
como agora lhes sois flor e alegria,  
ouvi a minha historia, e nunca mais  
apedrejeis um cão! nem persigaes  
com motejos, um pobre, um desgraçado,  
um velho, um louco, um ebrio, um mutilado!  
Deus espreita do céo, vossa mãe chora,  
e vosso pae castiga-vos. Agora  
vou contar-vos a historia verdadeira  
d'um cão que vale... uma familia inteira :

## I

Era uma noite gelada,  
noite do mez de janeiro;  
pés de raro passageiro  
soavam pela calçada;  
e os varões do candieiro  
rangiam sob a rajada  
do vendaval do sudoeste.  
No cemiterio não longe  
carpia o feral cypreste,  
açoitado pela chuva,  
não sei que preces de monge,



ou que orações de viuva.  
No fundo, o mar encrespado,  
e a floresta dos navios,  
turma d'espectros sombrios,  
dormindo um somno agitado  
nas febris, tremulas ondas.  
Na cidade, a leve bulha  
d'alguma tarda patrulha  
fazendo as nocturnas rondas.

Era no bairro onde ha flores,  
e *bons ares*, e trigaes ;  
onde ha primavera e aurora ;  
onde impossiveis d'amores  
sonha a bella olhando os mares,  
debruçada... scismadora  
no seu florido mirante,  
emquanto jorra delirios  
em gorgeados madrigaes,  
junto á enternecida amante,  
um rouxinol entre liriõs.

Pois d'esse bairro apartado  
na mais solitaria rua,  
vi, n'essa chuvosa noite,  
sem um tecto onde se acoite,  
sem um lar onde se aqueça,

creancinha semi-nua,  
sentada sobre o lagedo,  
agasalhando co'um braço  
uma nevada cabeça  
em cima do seu regaço ;  
do outro lado, attento e quedo,  
um cão lhe prestava encosto,  
e as frias mãos lhe lambia,  
e bafejava-lhe o rosto.

Quem era a pequena dona  
de tão caridoso braço ?  
e o velho que ali jazia  
sobre o seu molle regaço ?...

## II

O velho fora um soldado,  
duro como os bons arnezes ;  
de coragem que deu brado  
contra hespanhoes e francezes.

Finda a guerra, ao solo grato  
voltou, pendurou a espada ;  
e era ver o Cincinnato  
entre o arado, o ancinho, a enxada.

Roubou-lhe um dia de casa  
a esposa, a garra da morte !  
e nos seus olhos em braza  
sentiu lagrimas o forte !

Foi sentar-se á borda da eira  
sem desprender um lamento ;  
mas, ai ! pela vez primeira  
o heroe se viu sem alento !

Saíu de casa o valente  
a espalhar a dôr profunda...  
topou co'um ebrio contente !...  
Entrou na taverna immunda !

Bebeu, e sentiu quebrantos...  
saudades... febre de guerra !...  
bebeu mais, derramou prantos !  
mais... mais... e caíu por terra !

De noite, a filha enlutada  
entrou na mansão medonha,  
e ao descer a immunda escada  
disse-lhe: — « Pae, que vergonha !... » —

— « Foram penas, Margarida !...  
procuro, e não acho a morte !...  
A velha era a minha vida !... » —  
— « Pois que é isto ? !... eu sou mais forte !

Sou viuva, e sigo ávante !  
Sou mulher, mas lido e ralho ! » —  
— « Fuzile-me, commandante,  
que eu... desertei do trabalho. »

— « Pois nunca mais... » — « Dito e feito ! » —  
— « Jesus... » — « Filha, e os meus pezares ? !...  
Vou fazer saltar o peito  
como um paiol pelos ares ! » —

— « Mas, pae, as vossas medalhas  
viram morrer muita gente ! » —  
— « Sim ; mas não viram mortalias !  
morre fardado o valente !

Nem viram morrer mulheres  
que nos dão a alma n'um beijo!...  
Fui vencido hoje! que queres?...  
mas fui-o por meu desejo. » —

E entrando em casa o soldado  
ajoelhava ao pé d'um berço,  
beijava a neta, e calado  
ficava em tristeza immerso.

E nunca mais para a vida  
fez esforço o heroe... o escravo!  
e, ao ver a filha na lida,  
dizia-lhe: — « Vá, meu bravo!

Mereces a gloria e os hymnos!  
lida, mulher-maravilha!  
sustenta os teus dois meninos,  
eu e a neta... o pae e a filha! » —

E cada noite o soldado  
se amparava áquelle braço;  
e, se caía prostrado,  
tinha por baixo um regaço.

## III

Annos mais, e a filha cança  
de carpir e de lidar:  
cae, morre! e no pobre lar  
não fica um resto d'esp'rança!

Fica a pequena Rachel,  
a loira flor do cerrado;  
o curvo inutil soldado;  
e o bom rafeiro — o *Fiel*.

E as hortas murcham sem rega,  
e as vides sem poda estão;  
come o bolor o timão,  
e a ferruge, a enxada e a sega.

Ao vêr-se tão pobre e só,  
o velho ia ser blasphemo!  
mas, n'um impeto supremo  
de vergonha, e brio, e dó,

trava da enxada o colosso...  
a enxada cae-lhe, e elle diz:  
— « Emquanto pude, não quiz!  
agora... quero, e não posso!

Vae, neta! vae pedir pão,  
já que trabalhar não pódes!  
Tu, velho, arranca os bigodes!  
covarde, fraco, poltrão!

Volta á negregada vida!...  
vae beber! beber! beber!...  
Fui eu que te fiz morrer!  
Margarida! ai, Margarida!...

A velha era o meu amor!  
a filha... o dever, o esforço!  
a netinha é o meu remorso!...  
Deus, manda um raio, Senhor! » —

.....

.....

.....

.....

Sentada ao pé d'uma esquina  
pedia esmola Rachel;  
e o velho, magro *Fiel*  
guardava a triste menina.

E cada noite o soldado  
se amparava a um debil braço;  
e, se caía prostrado,  
tinha por baixo um regaço.

#### IV

Chega a estação negra e fria,  
chega a inimiga dos pobres;  
na igreja da freguezia  
tange a campa... e não são dobres...

não! são repiques de festa!  
são alegrias da igreja!  
porque na sacra floresta  
mais ume rosa viceja!



Porque a uma loira menina,  
que estava pedindo esmola  
todo o dia ao pé da esquina,  
Deus a ouviu, Deus a consola!

Morreu?... quem sabe dizel-o?  
vae deitadinha de costas!...  
mas tem luzes no cabelo!  
mas inda leva as mãos postas!

Descorada vae... De certo!  
se a côr sempre lhe foi pouca!  
mas leva um sorriso aberto!  
e inda um *bem haja* na boca!

Lembra a flor que o vento corta  
e lança á veia corrente;  
ninguem sabe se vae morta,  
se feliz, viva, e contente.

Pois repique a freguezia,  
e na sagrada floresta  
haja galas e alegria!  
na terra nem tudo é festa!

Lá deplora o dia inteiro  
um velho a teimosa vida !  
e aqui, o fiel rafeiro,  
rojando a cauda estendida,

segue á mansão derradeira,  
onde a cruz falla ao cypreste,  
a piedosa fogaceira  
que leva a offrenda celeste !

Treme o lençol de cambraia  
no taboleiro de neve !...  
serão azas que ella ensaia ? !...  
por isso o anjinho é tão leve !

E o pobre cão vae pasmado !  
qual na estação dos amores,  
ave a quem levam roubado  
seu ninho armado entre flores.

Olha cada passageiro,  
fareja cada creança,  
mostra o funebre canteiro  
como quem pede uma esp'rança !

E quando a terra lhe esconde  
essa adorada cabeça,  
foge... e não sabe por onde!  
olha... e não acha a quem peça!

Uiva, gira e se lastima !...  
cala... escarva... arqueja... clama !...  
e vae lastrar-se-lhe em cima,  
inda a escutar se ella o chama !

Tenta a pedra... e geme... e luta...  
vai... volta... ullula... fareja...  
pára, a indagar se ella escuta !  
geme, a tentar que ella o veja !

Granizo a torrentes chove;  
passa o dia, vem a noite !  
o pobre cão não se move  
por mais que o coveiro o açoite !

## V

É noite, noite profunda,  
noite nevoenta, pesada;  
ouve-se uma voz pausada  
dizer na taverna immunda:

— « Morreu; se eu sei que morreu!  
ia bonita, mas só!  
agora, o que me fez dó  
foi ver o cão!... que o vi eu!...

atrás do taboleirinho,  
triste, a chorar! se eu vi tudo!  
pobre cão! tão magro, e mudo  
por todo aquelle caminho!... » —

— « Se o velho não firma o pé,  
quem n'ó ha de agora amparar?... » —

— « Ouviste?... senti raspar!... » —

— « Onde? » — « Na porta! » — « Quem é? » —

— « Oh ! não, não abras, Antonio !  
esta é a hora da creança !...  
Rachel !... não veio ! descança !  
vae, vae-te ! (Cruzes, demonio !) » —

— « Batem de novo !... » — Quem vem ?  
não falla ?... não entra cá !  
não abras ! — « Abre !... » — « Pois vá ! » —  
— « Cruzes ! » — « Abrenuntio ! » — « Amen. » —

Pasma a turba absorta agora !  
um cão entra, olha, rasteja,  
fita as orelhas, fareja...  
dá volta, e sae porta fóra !

Dir-lhe-ia a alma de Rachel :  
Amigo, já que eu não vou  
acompanhar meu avô,  
tu vaes buscal-o, *Fiel* ?...

O cão foi achal-o ao lume.  
Nunca mais veio á taverna ;  
queimava-o em chamma interna  
dor que mil dores resume !

Tanto essa pena o mirrou,  
foi tão profunda essa dor,  
tanto ardia esse amargor,  
tanto e tanto, que cegou !

Cego, tomava a sacola ;  
prendia ao fiel mollosso  
uma fitinha ao pescoço,  
e ia assim pedindo esmola.

Quem deixaria de os ver  
n'essas ruas mendigar ?  
o cão, tudo a acautelar ;  
o velho sempre a dizer :

— « Desertei do meu trabalho !...  
agora... quero, e não posso !  
esmola ao fiel mollosso,  
que vale mais do que eu valho. » —

*Fiel*, mal que desce a noite,  
corre inda hoje ao cemiterio  
dormir no leito funereo  
por mais que o coveiro o açoite.

## O HERMINIO

Serra, tres vezes salve ! Assim te ergueste  
negra em torno de nós, muralha enorme  
d'uma Bastilha agigantada, informe,  
horrenda, tenebroça, olhando os ceus !  
Salve, Estrella, colosso, que na Beira  
o tempo ergueu, padrão d'altos destinos !  
altar d'onde as tormentas mandam hymnos  
nas azas dos tufões aos pés de Deus !

Eis-me teu prisioneiro ! o escuro inverno,  
o teu amante... o teu esposo, Estrella,  
mal que os umbraes tranpuz d'essa *Portella*,  
cerrou atraz de mim negro portão.  
Cingiu-te com seus braços de gigante ;  
cobriu-te com seu manto de chuviros.  
Eis-nos presos, meus tristes companheiros,  
n'esta lobrega enorme solidão !

Sómente, como um raio d'esperança,  
ineffavel promessa de conforto,  
nos apparece aqui, nuncia d'um porto,  
a capella da Virgem, erma e só <sup>1</sup> !  
alva, como os amitos da innocencia ;  
pura, como os murmurios d'uma prece ;  
triste, como o chorar de quem padece ;  
meiga, como o fallar de quem tem dó !

Virgem, ouve-me tu ! Enquanto o vento  
zune pelas quebradas, e os chuviros  
se arrastam pelos cumes dos oiteiros,  
e as torrentes alagam cerro e val ;  
emquanto a serra estremecendo arqueja  
debaixo dos açoites da procella,  
Virgem, escuta ! ouve meu canto, Estrella,  
e acompanhem-me os sons do vendaval.

<sup>1</sup> Capella da Senhora da Assedaça.



Hontem, á meia noite, ergueu-se do Occidente  
um som rouco, e profundo, e prolongado, e ingente :  
mais forte que o do mar, mais cavo que o trovão ;  
dera um gemido enorme a enorme solidão !  
ouviu-o a serra inteira, e os ecos repetiram  
promptos de monte em monte o cavo som que ouviram

Dormiamos lá em baixo á extrema orla do val  
na choça de colmeiro ; humilimo casal  
onde raro se alberga... um cão, um pegureiro,  
um lobo, um caçador, bandido, aventureiro,  
que vae transpondo a serra e vê que a noite vem ;  
eis quem pernoita ali ; mais nada ; mais ninguém.

Dormiamos lá em baixo ; os cães e os caçadores  
deitados sobre a palha. Os ultimos fulgores  
de moribunda luz mostravam pelo chão  
disperso o trem da caça : a bolsa, o cinturão,  
o torto polvorinho, as botas, o chumbeiro,  
e armas em funeral. O tecto de colmeiro,  
negrissimo do fumo. Ao fundo, inda no lar,  
um cepo quasi extincto a ouvir-se crepitar.  
Quadro para paineis, estudo para horrores,  
lembrando antiga lenda e antigos salteadores

Seria meia noite... Estremeci d'horror!  
Um som cavo e longinquo, horrisono fragor  
que vinha do Occidente, eccoou pelo horisonte !...  
Seria o abrir da serra ?... o desabar d'um monte ?...

Caíram sobre a choça os vendavaes a flux !...  
A luz ondeou tremente... e em chispas foi-se a luz !...  
Ao triste uivar dos cães, ouvimos assustados  
das feras respondendo os uivos prolongados.  
Nas fendas da parede o vento a assobiar  
gelava-nos o rosto e incendiava o lar.  
O rio, junto a nós, como o leão ferido,  
ouvi-o erguer-se torvo ; e o seu feroz mugido  
da morte era o pregão. Tremia inteira a Estrella !  
Sopeava-a sob o açoite a horrisona procella

— « Os *Cantaros* bramir ouvi, — disse um ancião ; —  
sou velho e sou serrano ; é mais que o furacão !...  
Silencio !... eis outra voz !... *Roncam as Alagoas* !  
ao hymno dos leões responde o das leoas ? !  
dizei adeus ao sol que o não vereis aqui. » —  
Sumiu-se sob a palha e adormeceu.

Saí.

Ó moradores dos plainos !  
se nunca durante o inverno  
vos deu tentações o inferno  
de vir visitar a serra,  
se nunca, nunca subistes  
a estes pincaros de gelo,  
onde um nevoeiro eterno  
vos esconde os ceus e a terra,  
não comprehendes quanto é bello  
este gemer d'um gigante  
que soffre inerte o incessante  
esbravejar da procella !  
Ó moradores dos plainos,  
que não conheceis a Estrella !

Os vossos tufões, são brisas ;  
orvalho, os vossos chuueiros ;  
jardins, vossas veigas lisas ;  
alfombras, vossos oiteiros.

Essas nevoas transparentes  
que ao romper d'uma alvorada  
correm dos rios á flor,  
são como o veu da esposada,  
que envolve a face encarnada  
mas deixa ver-lhe o pudor !

Esses mil listões estreitos,  
lisas nuvens alastradas,  
ao sol nascente — doiradas,  
ao sol posto — purpurinas,  
são como as roseas cortinas  
dos vossos morbidos leitos.

Aqui, sim! o inverno é inverno,  
e este é o paiz da procella!  
aqui vive o gelo eterno;  
aqui suzerana a Estrella  
espera o feudo que o oceano  
em mil aereas galeras  
lhe deve e manda cada anno  
desde o principio das eras!  
E cada nuvem pejada,  
galeão sombrio e tardo,  
cá vem depôr o seu fardo,  
e descançar da jornada.

Não trazem oiro d'Ophir,  
nem perolas de Ceilão,  
nem diamantes de Java;  
fôra caso para rir  
ver a serrana selvagem  
de catadura tão brava  
a ornar-se com taes enfeites,

como a vaidosa donzella  
que namora a propria imagem.  
Grilhão é signal d'escrava;  
se é d'oiro, é sempre grilhão!  
differe em ser mais pesado!  
Outros mimos quer a Estrella!  
Chuvas torrencias que alagam  
o monte, os casaes, e o prado;  
granizo que estala, e mata  
os pegureiros e o gado;  
depois, a neve que os ventos  
estendem por cerro adiante;  
que ora semelha a mortalha  
do cadaver d'um gigante,  
ora a alvissima toalha,  
feita dos linhos mais finos,  
a cobrir altar immenso,  
onde ensaiam psalmos e hymnos  
os genios da solidão,  
tendo as nevoas por incenso,  
por celebrante o tufão,  
por acolitos e orchestra  
os vendavaes e o trovão.

Quando saí da choça olhei para o Occidente  
e vi crescer, crescer, como o subir d'um monte,  
o vulto d'um gigante, enorme, surprehendente,  
tendo na serra os pés, tocando os ceus co'a fronte.

Mal que movêra as mãos, rasgou-se a nevoa escura :  
a lua que descia, alumiava-o inteiro !  
e eu vi-lhe o vulto informe ; a horrenda catadura :  
os trajes d'um pastor, o rosto d'um guerreiro.

Tinha na mão callosa um roble por cajado ;  
capote de capuz, já roto e já sem pello ;  
velho, negro *surrão* pendente sobre o lado ;  
de neve, neve em floco, as barbas e o cabelo.

Vestião-no uns *safões* dos pés 'té á cintura.  
A sordida camisa aberta sobre o peito  
deixava aperceber selvatica espessura  
d'asperrimo cabelo.

E o gesto contrafeito,

e os olhos cuja luz as sobrancelhas somem,  
e a boca fumegante a arremedar cratera,  
tudo m'o faz julgar — fera com fórmãs d'homem,  
ou homem que o Senhor quiz transformado em fera.

Espreguiçou-se o monstro erguendo os longos braços  
que abrangem desde a Hespanha até o grande Atlante,  
limpou co'a manga solta os fundos olhos baços,  
olhou, viu-me, e sorriu-se ! O riso d'um gigante !...

— « Que vejo ? eu velo, ou sonho ?

— Assim dizia

o filho, neto, ou irmão do Adamastor. —

Homem da terra baixa, que do dia

nunca, nunca avistou primeiro alvor,

por medo á brisa matutina e fria,

a visitar os ermos do Pastor !

e quando o inverno alaga, açoita e géla !...

Que desejo, beirão, te guia á Estrella ? » —

— « Conhecer-te de perto, Herminio duro ;

quiz ouvir-te fallar dos teus beirões,

a quem déste arraial amplo e seguro ;

saber do teu passado as tradições :

perguntar-te os arcanos do futuro ;

ver a Hespanha d'este alto, e os seus Leões

que afiam para nós a garra adunca !... » —

— « Silencio ! — diz o Herminio — oh ! nunca ! nunca !

Silencio ! que levantas as pedras da montanha !

Acaso a lusa terra cairia em tal miseria ? !...

Dormia ha pouco, e em sonhos ouvi dizer — *Iberia* ! —

ergui-me de convulso !... mas tinha-o dito a Hespanha !

Se eu acordasse os mortos!... se Viriato ouvisse!...

Se a Braz Garcia ao menos... mas não! dormide, filhos!

a Serra inda tem patria! na patria inda tem brilhos!

a voz não foi dos nossos; a Hespanha foi que o disse.

.....

.....

.....

.....

Queres do meu passado saber a historia? é bella:

a Serra é ninho d'aguias e a aguia é independente;

quando algemava os povos a Roma armipotente

livre era em ninho d'aguias Lysia, na altiva Estrella.

Quando por tredos fados ao nuto d'um tyranno

imigas hostes vinham talar a nossa terra,

nunca a estrangeiro jugo curvou seu collo a Serra!

fallem romanas signas! o arabe! o franco! o hispano!

Se Portugal tem hydras, colha-as ás mãos e esmague-as!

Tremes pelo futuro? não tremas! crê e espera!

• aqui, valor não morre; nem vem traidora fera

á crista dos rochedos onde têm ninho as aguias. » —



Dissipa-se a visão ;  
quebram de novo os uivos a calada ;  
redobra o furacão ;  
mais se condensa a nevoa regelada,  
e o meu teimoso olhar já nada vê  
na plumbea cerração.

Quando o dia raiou, quando acordei,  
— perguntava : Meu Deus ! vi, ou sonhei ?... —  
Mas eu tinha mais fé,  
e sentia mais forte o coração.



III

# LAGRIMAS

Mais le bleu du trépas cernait sa lèvre rose;  
Le sourire y mourrait à peine commencé;  
Son souffle raccourcit devenait plus pressé,  
Comme les battements d'une aile qui se pose.

*Lamartine.*

5 D'OUTUBRO DE 1865

Ó minha mãe sem ventura !...  
minha mãe !... ó mãe querida !  
abre a tua sepultura !

Aqui tens a minha vida !  
vida inutil a seu dono ;  
aceita-a, mãe, volta á lida !

Antes eu durma o teu somno !  
Sem ti, que ha de ser, agora,  
n'estas fadigas do outomno ?

E em casa o que vae, senhora!  
meu pae, olha... escuta... espera!  
meu irmão, soluça e chora!...

.....

.....

.....

Ó minha mãe! quem pudera  
fazer que voltasse a vida  
como volta a primavera!  
Minha mãe!... ó mãe querida!...

.....

.....

Desatae-vos! correi, ó minhas lagrimas!  
Flores! velae-lhe o derradeiro somno!  
Passae de leve sobre a campa gelida,  
aragens frias do ceifeiro outomno!

## I

Hei de morrer no outomno ! a quadra triste  
do desarmar do templo, ha de encontrar-me  
scismando esmorecido entre umas folhas,  
e amortallar-me n'ellas.

Quando as festas  
que a primavera e o estio a Deus offertam  
houverem terminado ; quando a orchestra  
das aves da soidão calar seus hymnos ;

quando o incenso, das flores no thuribulo  
for de todo apagado; quando a nevoa,  
alva como os sudarios, ao sol posto  
se correr entre as serras e as estrellas;  
quando as folhas, do halito da morte  
caírem bafejadas, como cáem  
festões e arcos de loiro, após a festa,  
das columnas da igreja sobre as campas;  
quando o ermo for ermo, e triste, e morto,  
hei de eu morrer tambem! sinto-o cá dentro.

O meu querido outomno, o velho prodigo  
que dá quanto possue por ficar triste,  
e pobre, e só, chorando silencioso  
na solidão luctuosa, ha de encontrar-me  
um dia vagueando sem conforto  
entre os despojos do festim opiparo,  
como ave espavorida que não esma  
a dirigir um vôo, e só circumda,  
com piar lastimoso, um ponto escuro  
onde ha pouco existira um ramo e um ninho;  
ou como o que procura entre ruinas  
conhecer umas pedras da pousada  
que desabou poupando-o e o tornou orfão;  
e eu hei de lhe dizer coisas tão tristes,  
que ha de ter dó de mim, e agasalhar-me  
nas caridosas pregas d'um sudario!



## II

Ai, que tristeza a minha ! ai, que soidão profunda !  
Pranto, estou só, és livre ! irrompe, suavisa, inunda  
o rosto contraído, o seio... este volcão  
que se accendeu cá dentro, e abraza o coração !

Um dia minha mãe disse-me :

— « És triste, filho !

não fallas, não sorris, teus olhos não têm brilho !  
escutas sem ouvir, olhas, não vês ninguém,  
e não vens acolher-te ao seio de tua mãe !...  
a cada teu lamento, o pobre aqui responde !  
procura-o, que te espera ! e vê como te esconde,  
e te consola, e anima !... » —

Ai ! vêde o que é ter mãe !

Quem diz o que ella diz ? Ninguém ! ninguém ! ninguém !  
Aquelle amor celeste... o seio... ai ! nada existe !...  
A minha mãe morreu ! Nem tenho onde ser triste !

## III

Sempre me estão no ouvido  
esses funereos dobres,  
e o canto dolorido,  
e o soluçar dos pobres !  
dos pobres, seus encantos,  
que á funeral jazida  
vinham trazer-lhe os prantos  
da extrema despedida !  
dizer-lhe : — Ó mãe, morreste !  
deixaste os filhos teus !...  
vimos lembrar a Deus  
o bem que nos fizeste ! » —

## IV

Fui achar meu pae tão triste !  
co'as faces tão maceradas !...  
carpia as barbas nevadas,

co'os olhos postos no ceu !  
beijei-lhe a mão que tremia,  
fria, fria como gelo !  
se ha martyrio nobre e bello,  
bello, sublime era o seu !  
O martyr de tantas penas,  
sereno entre tantos lutos,  
disse-me d'olhos enxutos :  
— « Sou mais velho, e fiquei eu !... » —

## V

Pobre de meu irmão ! coitado d'elle !  
sacerdote de Deus, na flor da idade  
votado ás solidões ! victima imbelles  
da mais cruel saudade !  
tão mimoso que foi do seu carinho...  
hoje tão só no solitario ninho !  
Já nunca mais a sua companheira,  
seu amor, seu orgulho, e seu desvelo,  
ha de esperal-o a noite longa, inteira,  
a rezar e a escutar se lhe ouve os passos  
de volta ao presbyterio !  
não mais ha de correr a abrir-lhe a porta !  
não mais ha de cingil-o entre os seus braços !...

Como ha de elle passar no cemiterio ?...  
Como ha de elle viver na casa morta ?

## VI

Quando ella agonisava,  
suspensa a vida entre o mysterio e o mundo,  
procurava-se um padre, um velho... um justo  
que lhe rezasse as preces da agonia.  
O filho sacerdote, que chorava,  
ergueu-se, e disse então, solemne e augusto :  
— « Se minha mãe me visse moribundo,  
    não me deixava o leito ;  
quero pois que a santinha deixe o mundo,  
    encostada ao meu peito !  
quero rezar-lhe a prece derradeira !  
    eu sei que isto a consola. » —  
E foi-lhe ajoelhar á cabeceira.  
Resvalava-lhe o pranto pela estola,  
pelas dobras do leito mortuario,  
luzindo a espaços com sinistro brilho ;  
a voz, estrangulava-lh'a a garganta ;  
tremia-lhe entre as mãos o breviario ;  
    mas a supplica santa  
mandou-a a Deus o soluçar d'um filho.

## VII

Eu lia-lhe os meus versos...  
versos?!... uns ais sem ecco! versos, não!  
uns fragmentos avulsos e dispersos  
do meu dilacerado coração!  
eu lia-lhe uns lamentos, que a sua alma  
sabia que eram meus!  
era pedir conforto, abrigo, e calma,  
sem lhe dizer: — « Sou martyr! » — que só Deus,  
ou coração de mãe, são bons juizes  
dos estragos d'essa d'arvore maldita  
que em nosso coração lança raizes,  
e em lagrimas floreja, e fructifica em cantos,  
mais tristes do que a dor que se baptiza em prantos,  
e chama-se *desdita*.

Ella ouvia receiosa,  
e o seu seio dolorido  
applaudia co'um gemido  
cada estrofe lagrimosa;

que ou nos clarões da memoria,  
ou nos affectos do peito  
achava o occulto conceito,  
e adinhava-lhe a historia.

E exclamava : — « Que doidice !  
chóro e rio ! que simpleza... ! » —  
Ai ! no sorrir que tristeza !  
ai ! no chorar que meiguice !

E após tornava : — « Já viste  
chorar assim por chimeras... ?  
Tão alegre que tu eras...  
filho, quem te fez tão triste ?... » —

## VIII

Ao descaír da tarde  
entrava minha mãe no cemiterio,  
e regava as florinhas dos canteiros  
que circumdam as campas. Certamente

aquella vida se sentia extincta,  
e ás pavorosas portas do mysterio  
fabricava o casulo onde esconder-se,  
para d'ali voar, larva celeste,  
a pedir melhor vida a melhor mundo !...  
Florinhas tristes, companheiras d'ella !  
se em torno a vós adejam borboletas,  
não lhes fecheis o calix ! debruçae-vos !  
dae-lhes o seio, os nectares, o incenso !  
não perdeis nada ! á noite cada estrella  
chorará copioso e doce orvalho.

.....  
Quem sabe se ellas vão buscar o Immenso ?

## IX

Um dia

a minha boa mãe (como eu desejo  
repetir este nome ! a dor mais forte,  
ceivando-se, minora) offereceu-me o ensejo  
de ser seu companheiro  
na pia jardinagem ;  
e fomos de romagem  
ao seu jardim, que era o jardim da morte !

Era de ver o desvelo  
com que ella, de flor em flor,  
voejava, loquaz e acceza,  
como zumbidora abelha  
que anda a lidar sem descanso  
entre os rosaes da deveza ;  
e dava cuidado e amor :  
aqui, ao goivo singelo ;  
além, á dália orgulhosa ;  
logo, á viril romaneira ;  
ao cedro, á acacia, á mimosa,  
á murta, ao lirio, á roseira !...  
Tinha ali prazer completo !  
em cada cruz, uma gloria !  
em cada campa, um affecto !  
em cada affecto, uma historia !...

E ella contava os tormentos  
de tanta sorte inclemente,  
ajuntando a cada nome  
as saudades, os lamentos,  
a miseria, a paciencia  
dos que essa terra consome !  
Era o epitaphio vivente  
de cada morta existencia !



E eu disse-lhe : — « Ó mãe, que anseio  
te prende a quanto é funereo ?  
Não mais finados ! teu seio  
é jardim, não cemiterio !

Como nasce, e viça, e medra  
dentra em ti cada amargura !... » —  
— « Filho, que letra, ou que pedra  
tem do pobre a sepultura ? » —

— « Porque estas florinhas hoje  
afagas com tanto geito ? » —  
— « Sinto que o dia me foge ;  
ando a compôr o meu leito.

Ando a enfeitá-lo de flores ;  
quero-o garrido e formoso !  
a morte é nuncia d'amores ;  
sou noiva do eterno Esposo !

Não me foi contraria a sorte !  
Para mim, já n'esta idade,  
todo o grande horror da morte  
cifra-se n'uma saudade ! » —

## X

Ao pé da Residencia ha tres loureiros  
que se abraçam co'a rama ; ao lusco-fusco,  
avesinhas aos centos vem dormir-lhes  
entre as fechadas folhas ; velhos ninhos  
lá ficam esperando as primaveras,  
forros de musgo novo, e as novas proles.

Um dia mão cruel quiz derribal-os !  
minha mãe prohibiu :

— « São meus ! — disse ella —

Tudo aqui é da igreja, — a mãe dos pobres, —  
só !... deixae-me os loureiros ! » —

— « Mas, senhora,

são arvores sem fructo ! as ramas largas  
servem só de acoitar aves damninhas,  
e assombrar o passal ! estas raizes  
vão-nos comer as hortas e os pomares !... » —

Minha mãe conhecia as avesinhas!...  
estimavam-n'a tanto as mães e os filhos!...  
tantas vezes lhes dera pão no inverno,  
ali, no parapeito da janella...

— « Deixae-m'os ! — exclamou — tambem são pobres  
os que n'elles se abrigam!... Meus amores,  
quando á noite chegassem, que tristeza,  
vendo por terra o seu palacio aereo!...  
onde iriam as mães prender seus ninhos?...  
Que diriam meus filhos?... » —

Avesinhas  
que olhaes cada manhã para a janella!  
olhaes debalde!... Ide cantar bem longe!...

## XI

Altarees d'esta igreja, eis-vos sem flores!  
sois tristes! Já são terra as mãos cuidosas  
que vos vinham trazer o aceio e as rosas!...

Tambem vós trajaes luto!... é justo! é bem!  
ella era aqui a pomba do sanctuario,  
era alegria, paz, conforto, e abrigo!...  
Eu choro!... sede vós tristes commigo!...  
A serva do Senhor... foi minha mãe!...

Jámais na igreja entrou alma tão candida,  
mais fervor no orar, amor mais fundo!  
passou no mundo sem saber que o mundo  
tinha traições, parciais, crimes lethaes!  
sabiam só que havia pena e lagrimas!  
haviam-lh'o ensinado as proprias dores!...

.....  
Altars do Senhor! heis de ter flores!  
mas eu... nunca as terei!... Que espero eu mais?

## XII

Minha mãe! dês que morreste,  
não sei que intensa negrura  
de penas e de tormentos,  
me envolve, opprime, e espedaça!  
talvez por isso, alma pura,

rosa do jardim celeste,  
não possas ver-me dos ceus !  
mas se ouves os meus lamentos,  
has de saber que são meus !  
Pede, oh ! pede, mãe, a Deus  
que mande á minha soidão  
um raio da sua graça  
rasgar-me a nuvem tenaz !

Pois todo o martyrio passa,  
todo o crime tem perdão,  
todo o infortunio acha um termo,  
só para mim não ha paz ? !  
hei de entrar no mundo, e um ermo  
achar sempre em torno a mim ? !...  
apalpar o coração,  
mirar-me co'os olhos d'alma  
no espelho da consciencia,  
e ver... um martyr sem palma ?  
e ter horror da existencia ? !

.....

Minha mãe ! se eu enlouqueço ? !  
se a pobre razão se esvae ? !...  
Oh ! não ! tu velas, e escutas  
as minhas penas ! Meu pae  
morria se eu lhe morresse !

Vê!... tenho as faces enxutas!  
não tenhas pena; sou forte!  
Tu lá tens o amor e a prece...

Fallei de loucura e morte?!  
não! todo o martyrio passa!  
tu pedes a Deus e desce  
um raio da sua graça!...

## XIII

Bem sei que ella vive além,  
por traz d'aquellas estrellas!  
quando eu choro, riem ellas,  
que sabem de minha mãe!

Choro... não é de saudade!  
choro com pena de mim!  
é porque me vejo assim...  
no meio d'esta orfandade!

Mas... ella chora tambem !  
e as lagrimas são aquellas !...  
Que sementeira de estrellas  
choradas por minha mãe !...

## XIV

Como os olhinhos da abelha  
atrae o viço das flores,  
levam-me a vida as saudades  
atraz d'aquelles amores !

Quero chorar... e não posso ;  
quero fallar... e emmudeço ;  
quero sorrir... e suspiro ;  
quero viver... esmoreço !

Se eu fiz d'este amor um culto !  
Se eu sou como ave estrangeira  
que viu partir seus amores,  
e aqui ficou prisioneira !

Se eu sou como alma penada  
que, envolta em lençol funereo,  
anda a cumprir romarias  
em torno d'um cemiterio!

A quem perdeu tanto affecto  
ninguem nunca diga: — « Esquece! » —  
que se acaba o alento á vida  
quando a saudade esmorece!

FIM



# INDICE

## I — CORÔA D'ESPINHOS

	Pag.
Deo Gloria .....	3
Pena e perdão .....	5
Consummatum est! .....	13
Stabat Mater .....	21
Jesus .....	31

## II — ROSAS PALLIDAS

A meu pae .....	41
Le roi est mort! — Vive le roi! .....	43
Ave, labor! — Á cidade Invicta .....	49
No album d'Arthur Napoleão .....	53
A festa e a caridade .....	57
No anniversario de Julio de Castilho .....	69
Os meus trinta annos .....	71
A madame Lotti Della Santa .....	77
Cypreste e rosas .....	81
N'um album .....	85
Dizem .....	87
No album do meu amigo Rocha Páris .....	91
Arbusto maninho .....	93
Á sentida morte do meu especial amigo Antonio d'Al- buquerque do Amaral Cardoso .....	97
Trinta e dois annos .....	101
Miragem .....	105
Um mocho — (Passatempo d'um serão d'inverno) ...	111
No album do meu amigo A. de Gouvêa Osorio .....	119
Adeus .....	121
No album da exc. <sup>ma</sup> snr. <sup>a</sup> D. Maria Anna Paes Barreto, de Pernambuco .....	125
A minha estrella .....	127
Minha barca! .....	131

Versos que os filhos de Camillo Castello Branco offereceram com uma corôa de loiros a Antonio Feliciano de Castilho na occasião em que elle assistia á inauguração d'um monumento que lhe era consagrado na quinta de S. Miguel de Seide.....	135
Já?!.....	137
Loucuras.....	141
Os sonhos do escravo branco — (Fragmento).....	149
Esterilidade.....	153
As novas conquistas.....	155
Foge!.....	167
Faço ideia.....	171
A Judia.....	173
Tantalo.....	183
Um canto da puericia.....	185
Bem-vinda — (Por occasião do consorcio de Suas Magestades Fidelissimas o Senhor D. Luiz e a Senhora D. Maria de Saboya).....	191
A Hortensia.....	195
Anniversario.....	201
Entre flores.....	205
N'um album.....	211
Zara — Conto de moiras encantadas.....	213
Vae, mas volta!.....	223
A folha verde — (Reminiscencias do carnaval).....	225
A borboleta.....	233
No album d'Arthur Napoleão — (Na vespera da sua partida para o Brazil).....	239
Os cegos.....	241
O Penedo da Meditação.....	251
Triste!.....	257
Fiel-o-Mollosso.....	263
O Herminio.....	279

### III — LAGRIMAS

5 d'outubro de 1865.....	293
--------------------------	-----



THOMAZ RIBEIRO

---

# VÉSPERAS

POESIAS DISPERSAS

1 vol..... 1:000 reis

---

Pois que a poesia sentimental se está evolvendo como o perfume d'uma flor que vae fenecendo no peitilho esbagaxado da musa cocodette vinda de Paris, terá a critica de retroceder aos antigos usos academicos de avaliar os poetas meramente pela vernaculidade da elocução, pela propriedade do epitheto e pela elegancia da metaphora. Voltamos aos dias de Miguel do Couto Guerreiro. Assim usavam Neves Pereira e Francisco Dias Gomes, com Camões, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Caminha e Diogo Bernardes. Se nos restringirem a essa tarefa um tanto caturra, dar-nos-hão, ainda assim, ensejo a sobrepôr Thomaz Ribeiro no coronal dos poetas contemporaneos, hombro a hombro de Castilho. A sua prosodia é riquissima, a expressão omnimoda, e de uma soberba honrada que nunca mendiga termo estrangeirado, nem emprega locução que não esteja bem aforada nos velhos que cunharam a moeda de melhores quilates da lingua.

*Vésperas.* O poeta diz o que é o seu livro :

Velhos cantares são : gravaram-se uns em lapide  
que vão gastando os pés dos crentes, n'algum templo ;  
outros rasga-os a mão que os escondia trémula !  
(poetas, se me ouvis, aproveitai do exemplo !)  
alguns deu-m'os a patria e o immenso amor dos meus.  
Andei pelo Oriente o eterno a vêr e o ephemero ;  
cantei, chorei talvez ! O luto era completo !...  
Vamos a lêr baixinho os vespertinos canticos,  
onde ha de novo só, — de novo ou de obsoleto, —  
que a patria canto e o amor, e que ainda creio em Deus.

O amor e a patria ; mas principalmente a patria é a mais vívida inspiração d'esses cantares. Desde o imperecedouro poema *D. Jayme*, a característica de Thomaz Ribeiro é um fogoso e intransigente affecto á sua terra, um donoso afêrro de beirão a esta cousa convencionalmente santa que nos faz odiosa a annexação á Hespanha. Não nos importa saber se a união nos faria o braço direito e validissimo d'uma nação gigante ; o que nós queremos é ser este corpo de pygmeu anemico, com o nosso rei e o nosso Tejo, e mais as nossas inscripções e os nossos brasileiros. As *nossas* inscripções ! — isto é rhetorica : entendamo-nos. Mas isto tudo em familia é bom e bonito. Se lá de longe, para nos enxergarem no mappa, carecem de violentar a geographia, e ainda assim obsequiosamente nos chamam *Hespanha* para nos não adscreverem no grupo nebuloso das regiões desconhecidas — isso não importa. A gente cá vae atamancando a sua autonomia, e contamos com a Inglaterra e com a França a que nos encostamos, assim como o veterano invalido se encosta ás muletas para contar com grande ufania casos de Aljubarrota, de Montes Claros, e outros

Casos que Adamastor contou futuros.

• Dá-nos Thomaz Ribeiro poesia do Oriente ; mas sua, de sua lavra. A India portugueza, se algum dia desabotoou

flor de poesia indigena, devastou-lh'a, sumiu-lhe os minimos vestigios o sirôco que lhe ventou de cá. As nossas espadas de Toledo, as nossas cruzes de pau santo e os nossos pelouros de bronze afugentaram a alegria, a juvenilidade e a segurança que desatam o espirito dos interesses baixos e o exalçam ás errantes balbuciações do amor — origem de toda a poesia, como a exprimem os madgyares, os escandinavos e as invenções, fraudulentas embora, de Macpherson.

A India portugueza não deu nada a Camões e Bocage. Compoz Thomaz Ribeiro intuitivamente com as notas que lhe arpejou o céu e a vegetação d'aquelle paiz silente como um cemiterio, umas saudosas toadas que teem a côr local, mas não atam no fio da tradição. A poesia que podia dar-lhe a Gôa dos Albuquerque e Castros colheu-a elle com mão piedosa pelos escombros das ruinas; fez ramilhetes de goivos e perpetuas para as jarras da campá dos heroes proverbias das chronicas; porém das raças autochtonas varejadas por Vasco da Gama não achou tradição. Uma tal qual poesia que por ali houve, a poesia malabar, — a da fé gentilica, uma fé como outra qualquer. — e que devia ter um rito e uma hymnologia, tudo isso começou a derruil-o a espada e acabou-o a inquisição de Gôa. Havia lá um dente de bugio que D. Constantino de Bragança apanhou n'um saque. Os sacerdotes gentios davam-lhe trezentos mil cruzados pelo dente divino; e o pio braganção pulverizou-o n'um gral para provar aos crentes que o dente do bugio era quebradiço como qualquer outro. Ora o indio, vendo que os estandartes da cruz não eram, em conflictos de guerra e naufragios, mais preservativos que o dente do seu macaco, perderam a fé na sua e na religião alheia. D'est'arte se lhes vaporou toda a poesia; porque ella não coexiste nas almas sem um norte mais ou menos idealista do seu destino. O indigena do Pegú percebia o dogma do dente do bugio; e hoje difficilmente poderá metter o proprio dente na Biblia que os inglezes lhe fornecem n'um portuguez encharcado de parvoices que Thomaz Ribeiro nos communica em a nota de pag. 291.

N'este livro das *Vésperas* ha poesias d'uma saudade sombria, que fazem mal aos que para lá vão, a fugir de si e das tristezas da vida decadente. O poeta, no vigor dos annos, accusa o estadista, o bureaucratico, o ministro que, pela intermittencia onerosa dos negocios publicos, cuidou que já lhe fica muito longe a mocidade. Não o demonstra no terso vigor da inspiração, no esmeril do *rhythm*. Nos seus versos não desluz uma rima violenta, e todavia affluem-lhe com rara felicidade as mais selectas e, á primeira vista, mais difficeis. Como dispõe do pleno thesouro da lingua, não sacrifica a palavras fracturadas por ellipses a construcção harmoniosa. Se uma expressão lhe quebra a toada musical, não faz elisões asperas; mas substitue a palavra sem desaire do pensamento. Ninguém rivalisa Thomaz Ribeiro na melopêa, na amenidade, na doçura florentina dos *rhythms*. Veio com este dom da sua escola, do grande estudo que fez dos metros portuguezes, e tambem da maviosa afinação que lhe deu Castilho.

A poesia atauxiada de erudição, por via de regra, é cançativa e enfadonha. Thomaz Ribeiro tem n'este livro poemas exornados de matizes historicos, mas tão de geito e desprezenciosamente enfeitados que a musa, tão culta quanto esbelta, não se compõe com aquella epica magestade roçagante que se foi com as epopêas ao ostracismo como todas as magestades em viatura das velhas musas. Como elle diz :

... ainda creio em Deus.

Parece que nos conta um caso não vulgar: crêr em Deus. As rimas da ultima roça nos maninhos francezes tratam de o abolir. Em certos poemas vê-se o diabo de luto pelo Padre Eterno, em outros está Jehovah nos paroxismos. A poesia lusitana sahiu dos seus habitos incruentos, apenas uma vez desmentidos na *Gaticandá*. Actualmente um symbolismo facinora mata o amor romantico em D. João, e a piedade com o exterminio de Deus, até vêr. Estes poetas, exaurida a mocidade que se estadêa doudamente vã e de nenhum modo

funesta, que hão de fazer ? Convertem-se naturalmente, e resuscitam Jehovah.

Thomaz Ribeiro tem na sua crença mananciaes inesgotáveis; no seu amor patrio uma inspiração que os acontecimentos por vir hão de acrisolar; e, quando já não sentir os impetos suaves do amor, será ainda o poeta de Deus e da patria.

*Camillo Castello Branco.*

N'este volume colligiu o justamente festejado cantor do *D. Jayme* poesias dispersas, umas que ainda não tinham sido impressas, e outras que já haviam visto a luz da publicidade. N'umas, porém, como nas outras, Thomaz Ribeiro mostra-se crente sincero, e patriota leal.

Perfeitamente conhecedor da lingua portugueza, excellente metrificador, de estylo florente e elevado, Thomaz Ribeiro ha de ser sempre estimado em muito por quantos prezem as boas letras e apreciem a verdadeira poesia.

Se quizerem uns versos maviosos e suaves, em que, por assim dizer, se esteja retratando a bonissima alma e o amovavel coração d'um sympathico poeta, leiam os versos de Thomaz Ribeiro. Depois da crença em Deus e da dedicação pela patria, encontra-se nos seus versos a consagração d'esses dous elevados sentimentos que prendem as almas e aproximam os corações — o amor — e a amizade.

Quem, porém, gostar da poesia realista, que faz gala de descrever minuciosamente e retratar com fidelidade quantas misérias e pustulas se encontram por esse mundo, e que, quando as não vêem bastante immundas e ascorosas, as inventa e phantasia, então escusam de abrir os versos de Thomaz Ribeiro, que por sem duvida não satisfarão a taes paladares.

*(Do Amigo do Povo).*

As formosas poesias das *Vésperas* vê-se que foram concebidas n'este ambiente calmo em que não se ouve o ruído dos martellos no descoser thronos e altares. Zumbe em derredor do espirito do poeta um como enxame de abelhas que elaboram o mel de quanto ha mais suave na existencia e mais grato no coração de quem se recorda e recompõe, com as tristezas da saudade, a imagem dos tempos idos. Se alguma vez tem lagrimas, são lagrimas que se distillam como balsamo no coração dos que soffrem. Os sorrisos que lhe encrespam uma vez por outra os labios, movidos pelo amor da patria, corta-lh'os o aspecto de tantas ruinas, aqui, no berço dos ousados navegadores, e além, nos palmares da India, berço da aurora e derrocado monumento da gloria antiga portugueza.

Isto em quanto á idéa. Quanto á fôrma, tersa e portugueza, elegante sem rendilhados excessivos, é essa porventura uma das mais assiduas preoccupações do poeta. Os seus versos têm o quer que seja de constante sonoridade bocagiana; adoecem do excesso d'esta virtude — chegam a cançar pela afinação irreprehensivel.

(Do *Primeiro de Janeiro*).











